



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE E
SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA – PPG/CASA**

LUCIANA RAFFI MENEGALDO

**INTERAÇÕES SOCIOCULTURAIS DA COMUNIDADE TAPIÍRA COM
A FAUNA SILVESTRE: RELAÇÕES DE GÊNERO E GERAÇÃO**

MANAUS
2011

LUCIANA RAFFI MENEGALDO

**INTERAÇÕES SOCIOCULTURAIS DA COMUNIDADE TAPIÍRA COM
A FAUNA SILVESTRE: RELAÇÕES DE GÊNERO E GERAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas – UFAM como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia.

Orientador: Prof. Henrique dos Santos Pereira, Ph.D.

MANAUS
2011

Ficha Catalográfica
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Menegaldo, Luciana Raffi

R137i Interações socioculturais da comunidade Tapiíra com a fauna silvestre: relações de gênero e geração / Luciana Raffi Menegaldo. - Manaus: UFAM, 2011.
136 f.; il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) — Universidade Federal do Amazonas, 2011.

Orientador: Prof. Dr. Henrique dos Santos Pereira

1. Fauna silvestre – Manejo 2. Unidades de conservação 3. Reservas de vida selvagem I. Pereira, Henrique dos Santos (Orient.) II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU 502.74(811.3)(043.3)

LUCIANA RAFFI MENEGALDO

**INTERAÇÕES SOCIOCULTURAIS DA COMUNIDADE TAPIÍRA COM
A FAUNA SILVESTRE: RELAÇÕES DE GÊNERO E GERAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade Cultura na Amazônia – PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas – UFAM como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Henrique dos Santos Pereira, Ph.D.
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Victor Py-Daniel
Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

Profa. Dra. Iraíldes Caldas Torres
Universidade Federal do Amazonas

Manaus, 10 de junho de 2011.

Dedico a José Menegaldo Júnior e Maria Helena Purchio Raffi Menegaldo, pai e mãe, que com esforço gigantesco conseguiram educar todas as suas filhas. Aos moradores da comunidade Tapiíra, amazonenses que constroem a cada dia um capítulo de suas histórias.

AGRADECIMENTOS

A todos que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para a realização desse trabalho, em especial ao Prof. Dr. Henrique dos Santos Pereira, que foi mais que um orientador, mais que um professor, um amigo. Sua insistência em trabalhar com o conhecimento culturalmente estabelecido da fauna por gênero e geração foi o diferencial desse trabalho. Sem dúvidas, a construção do objeto de pesquisa foi feita a quatro mãos.

Ao meu “co-orientador” Aldenor Ferreira, esposo e amigo, pelos muitos momentos de discussões teóricas e companhia nas viagens de campo. Seu conhecimento sobre o modo de vida dos homens e mulheres da floresta, suas dicas em campo e, também, sua árdua tarefa na revisão dos textos, foram fundamentais para mim. Sua dedicação para comigo revelam a natureza de um amor sincero, que almeja a plenitude de minhas realizações profissionais e afetivas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, professores e funcionários como um todo, em especial à vice-coordenadora professora Andrea Waitchman, que juntamente com o professor Henrique, deu novo fôlego ao Programa, alcançando o tão esperado Curso de Doutorado.

Aos professores doutores Victor Py-Daniel e Antônio Carlos Witkoski, pelo encorajamento à empreitada de pesquisa com importantes observações feitas ao projeto durante o exame de qualificação.

Aos colegas de sala e da turma de 2010, pelo companheirismo nas aulas e empenho em jornadas importantes como a organização do I Seminário Internacional em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Meus agradecimentos de forma especial ao Rafael, a Railma e a Carol e, também, ao amigo “Tijolinho” por ter providenciado as cópias da dissertação.

À colega Ana Flávia Ceregatti Zingra, analista ambiental do ICMBio e chefe da Resex do Rio Unini, pelo grande auxílio nas viagens a campo e atenção ao trabalho. A Josângela, analista ambiental do ICMBio, pelas informações preciosas sobre a Resex.

A todos os moradores do rio Unini, em especial ao casal Edmilson e Francisca pela hospedagem. Acompanhar a rotina desse casal me trouxe muitos ensinamentos. Sem a ajuda desses parceiros da comunidade seria impossível fazer a pesquisa de campo.

Por fim, a Jesus Cristo, filho de Deus, que me protege e me mantém vivo. Debaixo de suas asas é meu abrigo, meu lugar secreto, cuja presença é meu prazer.

“O simbolismo animal reflete não os animais, mas a idéia que o homem tem deles e, talvez, definitivamente, a ideia que tem de si próprio” (RONECKER, 1997).

RESUMO

Os objetivos desse trabalho foram de registrar e descrever as múltiplas interações culturalmente estabelecidas entre os moradores da comunidade rural de Tapiíra, localizada no rio Unini, baixo rio Negro, com o conjunto da fauna silvestre local, avaliando a diversidade de formas de interação e a reprodução dessas práticas quando influenciadas por fatores de gênero e geração. Dentre os critérios de escolha para a pesquisa na comunidade Tapiíra, está a sua localização – distante de centros urbanos –, a presença de escola com ensino fundamental, densidade demográfica e, fundamentalmente, sua inserção em um mosaico de Unidades de Conservação. Outra questão importante foi a possibilidade de contribuir com os estudos de fauna, que não primam pela simples quantificação dos animais e/ou de sua variabilidade, hábitat etc., mas que têm como foco central as interações/relações culturalmente estabelecidas entre os homens e os bichos, podendo contribuir com mais um referencial que possibilite o êxito de futuros projetos de manejo de fauna silvestre em unidades de conservação de uso sustentável, uma vez que, mesmo com a criação de tantas áreas protegidas, projetos para a criação de animais silvestres não conseguem ter continuidade e sustentabilidade econômica desejada. Na comunidade Tapiíra a similaridade do conhecimento de fauna perpassa (ou não) o *habitus* de um determinado grupo, e esse *habitus*, como estrutura estruturante que é ao mesmo tempo estruturada e difere em relação ao sexo e à idade, resultando em graus de conhecimentos maiores ou menores sobre um determinado tema concernente a fauna silvestre. A categoria gênero é importante porque se os moradores da reserva devem participar das ações de conservação da fauna local, é condição *sine qua non* que sejam compreendidos e levados em conta os seus papéis sociais de homens e mulheres como protagonistas das ações de conservação, pois revelam as estratégias de socialização das práticas de manejo da fauna e também as mudanças de comportamento e percepção, que em parte são influenciadas pelas mudanças políticas, como, por exemplo, a criação das áreas protegidas.

Palavras-chave: Amazônia; cultura; fauna silvestre; gênero; geração.

ABSTRACT

The objectives of this study were to record and describe the interactions multiple culturally established between residents of the rural Tapiíra community, located on the Unini river, Negro river, with all of local wildlife; assessing the interaction diversity forms and reproduction are practices as influenced by factors of gender and generation. Among the selection criteria for the research Tapiíra community, are its location - far from urban centers - the presence of schools with basic education, population density and, crucially, by being inserted into a mosaic of units conservation . Another important issue was the possibility of contributing to the studies of fauna, not known for their simple quantification of animals and / or its variability, habitat etc., but that has as its central focus the interactions/relationships as culturally established between men and animals and may contribute a further reference that enables the success of future management projects in wildlife conservation units of sustainable use, since, even with the creation of many protected areas, projects for the establishment of wild animals can not have continuity and economic sustainability desired. Tapiíra similarity in community knowledge of wildlife pervades (or not) by the *habitus* of a particular group and that the *habitus* as a structuring structure that is both structured, differs in relation to sex and age, resulting in higher levels of knowledge or lower on a particular topic concerning wildlife. The category is important because if the residents of the reservation should participate in conservation efforts of the local fauna is *sine qua non* to be understood and taken into account their social roles of men and women as protagonists of conservation actions, because they reveal the strategies socialization practices of management of wild fauna and also the changes in behavior and perception, which in part are influenced by political changes, such as the creation of protected areas.

Key-words: Amazon, culture, wildlife, gender and generation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Casa do Sr. Edmilson e da Dona Francisca	19
Figura 2	Quadro com a relação e especificação dos Grupos Focais	20
Figura 3	Lista de questões apresentadas aos grupos focais	22
Figura 4	Grupo focal com homens jovens	22
Figura 5	Planilha demonstrando a composição de lista resultante da questão 01	23
Figura 6	Posto de fiscalização do IBAMA	32
Figura 7	Mapa das unidades de conservação do rio Unini	34
Figura 8	Benfeitorias nas comunidades do rio Unini	35
Figura 9	Vista na comunidade Tapiíra no período da cheia	37
Figura 10	Festa de aniversários	38
Figura 11	Gráfico dos moradores presentes e ausentes de Tapiíra	43
Figura 12	Atividades econômicas	44
Figura 13	Dona Eliete e seu trabalho com o barro	46
Figura 14	Imagens de petróglifos da região do alto rio Negro	48
Figura 15	Ilustrações de diversos tipos de interações animais	48
Figura 16	Atividades de pesca	56
Figura 17	Desenho de um aluno feito na escola retratando a fauna local	57
Figura 18	Sucuriju caçada para retirada da banha	63
Figura 19	Óleos de animais	64
Figura 20	Os animais para o ajuri	68
Figura 21	Tratamento de carcaças	69
Figura 22	Material de apoio	70
Figura 23	Currais para quelônios	71
Figura 24	Instrumentos de caça	72
Figura 25	Tratando a irapuca	72
Figura 26	Chegada de animais caçados à comunidade	73
Figura 27	De pai para filho	74
Figura 28	Identificação da casa da ariranha e do ninho da irapuca	78
Figura 29	Cuidado e tratamento do pescado, mulheres e/ou homens	79
Figura 30	Atividades de salga, secagem e pesagem do pescado	80
Figura 31	Verificação na malhadeira e tamanho da malha	81
Figura 32	Instrumentos de pesca e captura de quelônios	82

LISTA DE FIGURAS (CONTINUAÇÃO)

Figura 33	Locais (<i>habitat</i>) de pesca	82
Figura 34	Caça à preguiça e pescaria na beira de casa	83
Figura 35	Animais jovens (peixes, crustáceo e quelônio) capturados por crianças	85
Figura 36	Coleta e armazenamento dos ovos de irapuca	89
Figura 37	Alguns quelônios de Tapiíra	91
Figura 38	Dona Eliete, seu esposo e papagaio	93
Figura 39	Diversas utilidades	95
Figura 40	Animais identificados durante as caminhadas	96
Figura 41	Aves que fazem parte do cotidiano dos moradores	98
Figura 42	Dendograma referente à questão 01	106
Figura 43	Dendograma referente à questão 02	107
Figura 44	Dendograma referente à questão 03	109
Figura 45	Dendograma referente à questão 04	110
Figura 46	Dendograma referente à questão 05	112
Figura 47	Dendograma referente à questão 06	113
Figura 48	Dendograma referente à questão 07	114
Figura 49	Dendograma referente à questão 08	116
Figura 50	Dendograma referente a todas as respostas	118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Mosaico do Baixo Rio Negro	29
Tabela 2	Índices de Jaccard – Questão 01	105
Tabela 3	Índices de Jaccard – Questão 02	107
Tabela 4	Índices de Jaccard – Questão 03	108
Tabela 5	Índices de Jaccard – Questão 04	110
Tabela 6	Índices de Jaccard – Questão 05	111
Tabela 7	Índices de Jaccard – Questão 06	113
Tabela 8	Índices de Jaccard – Questão 07	114
Tabela 9	Índices de Jaccard – Questão 08	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
1 DO RIO NEGRO À COMUNIDADE TAPIÍRA	26
1.1 UM PANORAMA DA OCUPAÇÃO DO BAIXO RIO NEGRO E O SEU MOSAICO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO	26
1.2 O RIO UNINI E A CRIAÇÃO RESERVA EXTRATIVISTA	30
1.3 TAPIÍRA: ESPAÇO DA SOCIABILIDADE E MANUTENÇÃO DA VIDA	37
2 RELAÇÃO BICHO-HOMEM: A FAUNA SILVESTRE NO COTIDIANO DA COMUNIDADE	47
2.1 UMA RELAÇÃO ANTIGA	47
2.2 A AMAZÔNIA E SUAS INTERAÇÕES DE FAUNA CULTURALMENTE ESTABELECIDAS	52
2.2.1 A cura pelas substâncias animais	59
2.2.2 A arte e a cultura da caça	65
2.2.2.1 A estética da caça: as técnicas e os instrumentos	69
2.2.3 A pesca	75
2.2.3.1 Os peixes ornamentais do rio Unini	85
2.2.4 Os bichos de casco do Unini	87
2.2.5 Animais de companhia, interações lúdicas e utensílios domésticos	92
3 HOMENS E MULHERES: SIMILARIDADES DO CONHECIMENTO DA FAUNA SILVESTRE	99
3.1 PANORAMA DA QUESTÃO DE GÊNERO E GERAÇÃO	99
3.2 ANÁLISE DOS GRUPOS FOCALIS	104
3.2.1 Conclusões	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	123
ANEXOS	128

INTRODUÇÃO

As populações indígenas e não-indígenas que habitam o mundo rural na Amazônia mantêm variadas e intensas interações com as espécies da fauna silvestre associadas ao seu modo de vida. De acordo com Pezzuti e Chaves (2009), esses povos baseiam suas atividades socioculturais e de subsistência numa estreita relação de dependência com os recursos naturais do ambiente em que vivem. Dessa maneira, o elemento fauna é parte constitutiva da cultura desses povos. Para esses autores, as interações com a fauna silvestre – descritas até agora – envolvendo essas populações vão desde o conhecimento do comportamento de várias espécies de vespas, pois utilizam seu ninho, pupas e larvas para a preparação de um artefato de pesca, até a criação de pequenos mamíferos nas aldeias como “pets” para as crianças aprenderem seus comportamentos e “criação” de aves coloridas (papagaios e araras), que fornecem suas penas coloridas para vários tipos de adornos e cocares. Silva (2008) observou que práticas medicinais baseadas no mundo animal consistem numa fonte secundária de tratamento médico. A autora cita cerca de 60 espécies animais que são conhecidas no médio rio Negro com propósitos medicinais e que esse conhecimento é bem distribuído entre os sexos (homens e mulheres) e entre localidades (urbano e rural). Outro fator determinante para as diversas interações homem-animal é o misticismo que muitas espécies representam. Para Lima e Pozzobon (2005), a cultura ecológica amazônica “mitógena” é aquela em que os elementos do ambiente natural são pensados segundo seu papel no mito e seu lugar no cosmo nativo. Para esses autores, esse tipo de cultura ecológica é herdeira direta da cultura indígena e tem em comum a transmissão oral de práticas culturais de uma geração para a outra.

Na Amazônia, assim como em outros biomas brasileiros, a interação homem-animal pode ser considerada um binômio ancestral. Desde os tempos imemoriais, o homem americano tem explorado e se relacionado com a fauna presente nesses diferentes biomas, como mostra as figuras rupestres do sítio arqueológico de São Raimundo Nonato no interior do Estado do Piauí. Segundo Chieppa (2002), as artes rupestres do Paleolítico mostram uma grande variedade de animais e quase nunca espécies vegetais. O progresso da humanidade e os próprios acontecimentos históricos que têm marcado o destino dos povos têm frequentemente implicado uma determinante presença do mundo animal. Assim, observa-se que as interações homem-animal – e a discussão sobre o tema – ocorrem o tempo todo, e que se torna mais evidente quanto mais estreita é a relação de uma sociedade com a natureza. Sendo assim, se a intensidade da interação homem-animal é modificada de acordo com o

habitat em que os atores estão inseridos, é também plausível que essa interação difira em relação ao gênero e à geração exposta.

Nos últimos anos, as pesquisas que têm a fauna como seus temas principais, em sua maioria, privilegiam o enfoque sobre a fauna cinegética do local, dando ênfase à avaliação da pressão sobre a caça, à quantificação dessa pressão para cada espécie e às estratégias de caça utilizadas. No entanto, poucos foram os trabalhos em comunidades não indígenas que objetivaram estudar as interações de fauna de modo mais subjetivo, no sentido de entender a importância cultural da relação mantida entre os homens e os animais, não só daqueles que apresentam utilidade direta para as populações, como a fauna cinegética, mas de todas as interações que possam ocorrer nessa relação, como as lúdicas, por exemplo, ou aquelas que ocorrem sem serem percebidas diretamente, mas que representam papel fundamental na transmissão das práticas culturais tradicionais.

Nesse sentido, os objetivos desse trabalho foram de registrar e descrever as múltiplas interações culturalmente estabelecidas entre os moradores da comunidade rural de Tapiíra, localizada no rio Unini, baixo rio Negro, com o conjunto da fauna silvestre local avaliando a diversidade de formas de interação e a reprodução dessas práticas quando influenciadas por fatores de gênero e geração.

Dentre os critérios de escolha para a pesquisa na comunidade Tapiíra, estão a sua localização – distante de centros urbanos –, a presença de escola com ensino fundamental, densidade demográfica e, fundamentalmente, por estar inserida em um mosaico de Unidades de Conservação. Outra questão importante que norteou a pesquisa desde a sua concepção foi a possibilidade de contribuir com os estudos de fauna, que não primam pela simples quantificação dos animais e/ou da sua variabilidade, *habitat* etc., mas que têm como foco central as interações/relações culturalmente estabelecidas entre os homens e os bichos, podendo contribuir com mais um referencial que possibilite o êxito de futuros projetos de manejo de fauna silvestre em unidades de conservação de uso sustentável, uma vez que, mesmo com a criação de tantas áreas protegidas, projetos para a criação de animais silvestres não conseguem ter continuidade e sustentabilidade econômica desejada. Sabe-se que a Amazônia tem enorme potencial faunístico que pode ser manejado a partir de projetos que levem em consideração a ecologia – seus múltiplos ecossistemas – e a ecologia humana que os conforma historicamente. Isso está previsto no Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) criado pela lei 9.985 de 18 de Julho de 2000, que visa preservar o ambiente, a fauna e a flora assegurando a melhoria de vida para os moradores desses locais. Conforme se lê no Art. 4.º parágrafo XIII da Lei: “Proteger os recursos naturais

necessários à sobrevivência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente”.

A escolha da estratégia metodológica foi feita a partir de observações prévias realizadas durante duas viagens ao rio Unini, em agosto de 2008 e em fevereiro de 2009. Ambas acompanhando uma excursão da Fundação Vitória Amazônica (FVA) e do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMbio). A partir dessas viagens, levando em consideração as características da comunidade, os instrumentos metodológicos foram escolhidos de modo a contemplar os objetivos da pesquisa. Para a descrição das interações dos moradores com a fauna, a observação participativa foi fundamental, juntamente com o diário de campo, a máquina fotográfica e o gravador.

As oficinas de grupos focais foram planejadas objetivando demonstrar a variação dessas interações quando influenciadas por fatores de gênero e geração. Foram formados oito grupos focais (dois de mulheres jovens, dois de mulheres adultas, dois de homens jovens e dois de homens adultos) e oito questões foram apresentadas a esses grupos. O corte de faixa etária (35 anos) foi proposto para que, dessa forma, fosse possível separar os moradores em “nascidos antes da criação do Parque nacional do Jaú” e “nascidos após a criação do Parque nacional do Jaú”. As respostas foram analisadas conforme o seu grau de similaridade. Para isso foi utilizado o Índice de Jaccard, uma média de associação que permitiu identificar a similaridade das respostas entre os diversos grupos. Para demonstração dessa similaridade entre os grupos, foi utilizado um tipo de análise de agrupamento que permite identificar a formação de grupos, essa análise é apresentada por uma forma gráfica denominada dendograma. Por fim, entrevistas foram realizadas no intuito de confirmar as histórias ouvidas na comunidade e para uma melhor descrição das interações de fauna mais importantes e abundantes que surgiram durante as oficinas. Sendo assim, o formulário foi elaborado para a obtenção de respostas abertas, nos quais o entrevistado teve liberdade de formular sua resposta ou contar a sua história.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro, intitulado *Do rio Negro à comunidade Tapiíra*, apresenta o lócus da pesquisa de forma decrescente, ou seja, iniciando pela ocupação histórica do rio Negro por grupos sociais indígenas e não indígenas destacando o encontro da cultura ameríndia, do colonialismo europeu e a presença nordestina no período da economia gumífera que contribuiu para o estabelecimento de várias vilas e comunidades até hoje habitadas. Em seguida, adentra-se o rio Unini, um dos grandes afluentes da margem esquerda do rio Negro, dentro dos limites municipais de Barcelos, destacando o seu povoamento. O rio Unini inteiro abriga as populações humanas em três áreas protegidas:

subindo o rio, a partir de sua foz, toda a margem direita pertence à Reserva Extrativista do Rio Unini, criada há menos de 10 anos. Em sua margem esquerda, até a foz do rio Paunini, a área pertence ao Parque Nacional do Jaú, e, desse ponto até a sua nascente, ainda na margem esquerda, encontram-se os limites da Reserva Estadual de Desenvolvimento Sustentável Amanã. Os moradores do rio Unini, na sua maioria, estão agrupados em comunidades, perfazendo um total de onze. Destas, apenas três estão localizadas dentro dos limites da Resex sendo que uma ainda está em formação, e seis comunidades estão localizadas no Parque Nacional do Jaú. Apenas duas comunidades se localizam na área da RDS.

O capítulo finaliza com a apresentação da comunidade Tapiíra como o espaço de sociabilidade e manutenção da vida. Essa seção tem por objetivo revelar o mundo vivido dos comunitários a partir de uma etnografia da comunidade, destacando a constituição da sociabilidade na comunidade como elementos fundantes de um modo de vida marcado pela solidariedade vicinal, por relações de pessoalidade, compadrio, delimitações de valores morais e mecanismos de controle social marcado por regras consuetudinárias.

Tapiíra é a quinta comunidade do rio Unini da foz para a nascente, fundada em 1987. Faz parte da jurisdição do município de Barcelos. Sua latitude é 1° 45' 49'' S e longitude de 62° 13' 29'' W. Atualmente, a comunidade tem 158 moradores constituindo 37 famílias. É válido ressaltar que a localidade já era habitada muito antes da formalização da comunidade. De acordo com Mendes (2004) antes da formalização da comunidade a população era dispersa com poucas famílias habitando no local, geralmente em lagos e igarapés, perto das picadas de castanhais, seringa, balata e sorva, fato que foi confirmado pelo relato de moradores antigos. O extrativismo desses recursos naturais constituía-se na principal atividade econômica dos moradores não só dessa localidade, mas de todo o rio Unini até a década de 80 aproximadamente. A comunidade tem uma atuação política muito intensa. Possui sua própria Associação dos Moradores denominada AMOTAPI, que é independente da Associação dos Moradores do Rio Unini (AMORU), embora sejam regidas com os mesmos princípios e compartilhem, na maioria das vezes, as mesmas opiniões sobre os assuntos diversos do rio.

O segundo capítulo, intitulado *Relação bicho-homem: a fauna silvestre no cotidiano da comunidade*, tem por objetivo descrever as interações socioculturais estabelecidas dos moradores da comunidade Tapiíra com a fauna silvestre local. O capítulo inicia com uma revisão de literatura acerca das interações homem/animal, que é tão antiga quanto a própria história da humanidade. Para abalizar a discussão sobre essa “relação antiga”, autores como Keith Thomas e Koch-Grunberg são retomados. A segunda seção denominada “a Amazônia e suas interações de fauna culturalmente estabelecidas” discute as estratégias de reprodução da

vida social engendradas pelos moradores de Tapiíra e como isso se relaciona com a fauna silvestre local. Conforme afirma Bourdieu (1983), a dinâmica social, necessariamente marcada pela produção e re-produção das condições de sobrevivência, pode ser focalizada através da geração de estratégias de reprodução: “Longe de ser o produto automático de um processo mecânico, a reprodução da ordem social ocorre somente através das estratégias”. Para esse autor, a estratégia se desenvolve a partir de conhecimentos acumulados, transferidos às gerações futuras por uma prática de oralidade e atividades cotidianas. O *habitus* é uma estrutura estruturante, além de ser simultaneamente estruturada.

Na comunidade Tapiíra, isso ocorre de forma intensa. É comum a criança acompanhar os pais nas diversas tarefas cotidianas, domésticas ou não. Tirar água da canoa, por exemplo, pode ser a primeira tarefa do menino no sentido de sua iniciação no mundo da pesca. A menina que acompanha a mãe nas tarefas da casa é socializada para o cuidado da mesma, do preparo da comida, do plantio de uma horta etc. O processo de socialização perpassa ainda questões de aprendizagem quanto ao conhecimento e extração dos recursos da floresta, das cascas e sementes, bem como o *habitat* de pássaros e tocas de bichos “perigosos” como a onça.

Nesse capítulo, ainda, são apresentados os resultados diretos da observação participativa, com destaque para a cura por meio de substâncias animais, a arte e a cultura da caça, apresentando a estética da caça, a pesca, envolvendo a captura de peixes para a alimentação e a pesca comercial de espécies ornamentais (fonte de renda importante da comunidade). Também é demonstrada a forte interação que há na comunidade Tapiíra com os “bichos de casco”, sendo este, o grupo faunístico mais conhecido pelos moradores. Os resultados das observações que foram feitas das relações dos moradores com os animais de companhia, as interações lúdicas e as partes de animais que podem ter algum tipo de utilização finalizam a seção.

O terceiro capítulo intitulado *Homens e mulheres: similaridades no conhecimento da fauna silvestre* contém uma breve revisão de literatura sobre a questão de gênero e geração e apresenta de maneira sucinta os resultados obtidos (dendogramas) nas oficinas com os grupos focais, divididos por sexo e faixa etária. O objetivo principal da realização das oficinas foi demonstrar que a similaridade do conhecimento de fauna perpassa (ou não) o *habitus* de um determinado grupo e que esse *habitus* difere em relação ao sexo e à idade, resultando em graus de conhecimentos maiores ou menores sobre um determinado assunto. De maneira geral, embora os resultados demonstrem uma maior socialização do conhecimento entre os homens mais velhos, o grau de similaridade entre as respostas apresentadas quando

considerada toda a comunidade, é alto, demonstrando que, ainda que em um primeiro momento uma informação seja mais restrita a um grupo, de homens ou mulheres, jovens ou adultos, pouco tempo depois essa informação é disseminada para toda a comunidade. Sendo assim, também se pode dizer que na comunidade Tapiíra ocorre a transmissão dos conhecimentos acessados das interações culturalmente estabelecidas com a fauna silvestre local, inclusive entre gerações diferentes.

A questão gênero, portanto é importante porque se os moradores da reserva devem participar das ações de conservação da fauna local é condição *sine qua non* que sejam compreendidos e levados em conta os seus papéis de homens e mulheres como protagonistas das ações de conservação, pois revelam as estratégias de socialização das práticas de manejo da fauna e também as mudanças de comportamento e percepção, que em parte são influenciadas pelas mudanças políticas, como por exemplo, a criação das áreas protegidas. Partindo-se de rotinas já estabelecidas ou de intervenções que introduzam inovações mais adequadas e adaptáveis ao contexto local, poderão ser sugeridas estratégias de manejo participativo que possam resultar em ganhos conservacionistas para as espécies da fauna silvestre local e para a proteção e valorização das práticas culturais estabelecidas entre os moradores da comunidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa etnográfica, segundo Geertz (1989), pode ser entendida como o estudo abrangente de um agrupamento humano em seu ambiente de vida. É o estudo ou descrição densa de uma cultura. Nesta pesquisa, a etnografia proposta foi no sentido da descrição das interações que ocorrem entre os moradores da comunidade Tapiíra e a fauna silvestre local, e as diferenciações decorrentes dos processos de sociabilização entre e inter gerações e gêneros. Havia, portanto, a necessidade de permanência na comunidade, para uma convivência com os outros “outros”. Para isso, foram realizadas duas viagens para o campo de estudo. Essas viagens aconteceram com intervalos de mais ou menos 45 dias, nos meses julho e setembro de 2011 respectivamente, e tiveram duração de aproximadamente 25 dias cada. Financeiramente, as viagens foram providas com auxílio de custo concedido pela FAPEAM através do programa POSGRAD/UFAM. Por se tratar de uma comunidade inserida nos limites geográficos de duas Unidades de Conservação Federais, foi necessária a autorização do ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, mediante o parecer do chefe de Reserva Extrativista do Rio Unini e do chefe do Parque Nacional do Jaú a cada viagem, além do cadastro do projeto no Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (Sisbio) e sua respectiva aprovação. A apresentação do projeto de pesquisa aos moradores ocorreu durante o *1.º Encontro de Castanheiros do Rio Unini*, realizado entre os dias 26 e 29 de agosto de 2009, quando a maioria dos moradores do rio Unini estava presente.

1 A observação participativa

Os instrumentos metodológicos foram escolhidos de modo a contemplar os objetivos da pesquisa. Desse modo, a permanência em campo e a observação participativa foram de extrema importância. Os objetivos do trabalho foram: (1) a descrição das interações dos moradores de uma comunidade do rio Unini com as espécies da fauna local a partir das práticas locais; (2) a variação dessas interações quando influenciadas por fatores de gênero e intergeracionais.

Após a apresentação da pesquisa aos moradores em agosto de 2009, foi realizada mais uma viagem ao rio Unini, em março de 2010, com o objetivo de acertar as datas de permanência na comunidade e, também, o local da estada. Foi nessa viagem que o Sr. Edmilson Fragoso (34), presidente da comunidade, ofereceu a sua própria casa como

hospedagem para a pesquisadora e seus assistentes (**figura 1**). Assim, nas duas viagens para Tapiíra, a “base de campo” foi a casa sr. Edmilson, que mora com sua esposa Francisca (34), e seus filhos Denílson (12), Taílson (10) e Fernanda (6 meses). A permanência na comunidade na condição de hóspede do presidente facilitou a aproximação com os demais moradores da comunidade e reduziu os impactos da entrada de pessoas desconhecidas no cotidiano delas.



Figura 1 – Casa do sr. Edmilson e da dona Francisca.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

Para melhor aproveitamento dos fatos observados e vividos durante a permanência na comunidade, todas as atividades foram registradas em um diário de campo, escrito ao fim de cada dia. Também ao fim de cada dia, foram colocadas em um *Notebook* todas as imagens registradas na máquina fotográfica e relatos gravados. O conjunto desses três instrumentos de coleta de dados foi muito valioso para o registro e recuperação das informações.

Também foi proposto a alguns moradores o acompanhamento em caminhadas corriqueiras que eles faziam, como por exemplo, uma ida até à casa de farinha ou até à roça, para que, com o estímulo da mata, fosse possível conversar sobre os animais. Essas caminhadas renderam declarações preciosas, que dificilmente teriam sido acessadas de outro modo. Esse procedimento de “caminhadas ecológicas” foi repetido em relação às pescarias matinais. Essas pescarias eram sempre previamente combinadas, já que na maioria das vezes eles utilizam canoas pequenas, pois pescam sozinhos ou em duplas.

2 Oficinas

Ao invés de entrevistas individuais, de utilização de pranchas e/ou de questionários fechados, foi proposto para a coleta de dados o trabalho com grupos focais, para que fosse possível, mais tarde, nas análises dos resultados, observar a variação de gênero e geração nas percepções e no conhecimento adquirido sobre as interações com a fauna local.

Os grupos focais foram então divididos em grupo homogêneos por gênero e idade. As oficinas foram estruturadas com grupos de quatro pessoas (mínimo) do mesmo gênero e faixa etária (demonstrados a seguir), e foram realizadas em dias e horários diferentes. Para cada grupo gênero/geração, foi realizado um grupo repetição, sempre com quatro indivíduos (mínimo) diferentes do primeiro grupo, para que ao fim houvesse duas repetições do mesmo grupo etário e de gênero. As oficinas foram realizadas durante as duas viagens, pois não foi possível realizá-las apenas na primeira viagem, já que essa se deu em julho e havia muitos moradores fora da comunidade, devido, fundamentalmente, ao recesso escolar. Esse intervalo de tempo entre as oficinas não foi totalmente negativo, pois proporcionou maior distinção das respostas.

Candelo *et al.* (2003) descrevem uma oficina como um espaço de construção coletiva que combina teoria e prática sobre um tema, aproveitando a experiência dos participantes e suas necessidades. Para esses autores, em uma oficina participativa, um grupo de pessoas realiza de forma coletiva e participante um trabalho ativo, criativo, concreto, pontual e sistemático, mediante o aporte e o intercâmbio de experiências, discussões, consensos e demais atitudes criativas, que ajudam a gerar pontos de vistas, soluções novas e alternativas a problemas apresentados. A grande vantagem da oficina é que pode ser desenvolvida em um ambiente grupal e participativo.

Grupo 01: mínimo de quatro Homens entre 18 e 35 anos. (HJ1- Homens Jovens 1)
Grupo 02: mínimo de quatro Homens entre 18 e 35 anos. (HJ2- Homens Jovens 2)
Grupo 01: mínimo de quatro Homens com mais de 35anos. (HA1- Homens Jovens 1)
Grupo 02: mínimo de quatro Homens com mais de 35 anos. (HA2- Homens Jovens 2)
Grupo 01: mínimo de quatro Mulheres entre 18 e 35 anos. (MJ1- Mulheres Jovens 1)
Grupo 02: mínimo de quatro Mulheres entre 18 e 35 anos. (MJ2- Mulheres Jovens 2)
Grupo 01: mínimo de quatro Mulheres com mais de 35 anos. (MJ1- Mulheres Jovens 1)
Grupo 02: mínimo de quatro Mulheres com mais de 35 anos. (MJ2- Mulheres Jovens 2)

Figura 2 – Quadro com a relação e especificação dos Grupos Focais.

Considera-se que, como relatado em Castro e Pereira (2009), a influência das mudanças ocorridas na sociedade envolvente, assim como o próprio advento da criação das

unidades de conservação estejam induzindo a mudanças nas interações dos moradores do rio Unini, com a fauna silvestre local e que tais mudanças serão mais bem identificadas na comparação entre gerações. Assim sendo, foi proposto o corte de faixa etária de 35 anos de idade, como divisor das gerações, tomando-se como referência o ano de criação do Parque Nacional do Jaú (1980). Considera-se jovem aquele rapaz ou aquela moça nascidos à época de criação do Parque Nacional do Jaú, cuja idade fosse igual ou inferior a 35 anos em 2010.

O procedimento de repetição da oficina de cada grupo gênero-geração (com integrantes diferentes) possibilitou a comparação da percepção entre os grupos do mesmo gênero-geração e entre todos eles. O número de grupos (dois) por gênero-geração foi mantido para garantir a simetria entre grupos. A oficina se constituiu basicamente na confecção de uma lista de espécies da fauna silvestre que eram lembradas para responder às perguntas, como explicitado a seguir. Também foi sugerido aos participantes de cada grupo, o nivelamento da palavra-conceito “animal”.

A primeira etapa de trabalho com o grupo, como dito, referiu-se à construção de um conceito sobre animais. Em comunidades ribeirinhas, o conceito de animal está mais associado aos animais de criação (domésticos de pequeno ou médio porte, como gatos, cães, caprinos etc.), enquanto o conceito de bicho está mais associado aos animais da mata, incluindo os insetos e até mesmo seres míticos, como o “curupira”. Até mesmo alguns “bichos”, ao serem caçados, passam a ser denominados animais, como ocorre com as capivaras e as antas, por exemplo. O nivelamento do conceito de animal, que não se trata de uma imposição aos comunitários, apenas foi importante para o desenvolvimento das oficinas e posterior análise das listas. Nesse sentido, a primeira questão colocada para os grupos foi: o que é um animal? E, em função das respostas, uma breve discussão desse conceito deu-se para que o entendimento do grupo tenha sido o de que, dentro desse conceito, estejam inseridas todas as espécies de seres, exceto os míticos, os pertencentes ao Reino das Plantas e os humanos.

Após as discussões e questionamentos com os participantes, a meta da oficina foi a geração dessas “*free-listings*” de espécies resultantes dos estímulos (questionamentos) e as formas de interação dos moradores com as mesmas, registradas em gravador que foram posteriormente analisados.

Para estimular que as respostas fossem espontâneas, as perguntas foram feitas para que os moradores se lembrassem das espécies relacionando-as com o *habitat* em que podem ser encontradas ou ainda pela forma como se movimentam, para não restringir a memória dos grupos apenas para os animais caçados ou apanhados.

Ordem de apresentação	Apresentação da questão
1º Lista	Quais os animais que podem ocorrer na terra firme, floresta?
2º Lista	Quais os animais que podem ocorrer na beira?
3º Lista	Quais os animais que podem ocorrer nas águas?
4º Lista	Quais os animais que podem ocorrer (que vivem) dentro da terra?
5º Lista	Quais os animais que vivem em cima das árvores?
6º Lista	Quais os animais que voam?
7º Lista	Quais os animais que podem ser encontrados na vazante/seca?
8º Lista	Quais os animais que podem ser encontrados na enchente/cheia?

Figura 3 – Lista de questões apresentadas aos grupos focais.

Os questionamentos foram feitos oralmente e, após a pergunta, o grupo discutia entre si, e os integrantes iniciavam a confecção de lista de espécies que responderia a respectiva questão. Antes do início da confecção da lista, um indivíduo do grupo era escolhido para escrever os nomes das espécies em folhas de papel que foram fornecidas. Como não é objetivo dessa pesquisa o reconhecimento de espécies nem tampouco um levantamento de fauna, os nomes dos animais foram copiados para análise de maneira idêntica ao que foi recordado durante as oficinas.

As oficinas foram realizadas em locais diversos, majoritariamente nas casas dos moradores, ocorrendo após o agrupamento de um número suficiente de mulheres ou homens de maneira bastante descontraída. No caso das oficinas com grupos de mulheres, sempre havia maior disponibilidade de horário, o que não ocorria com os homens, com quem na maioria das vezes, as oficinas eram realizadas no final da tarde (**figura 4**).



Figura 4 – Grupo focal com homens jovens.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

Após o término da última lista, voltava-se à primeira e começava-se a discutir sobre a serventia dos animais ali colocados para as pessoas. As informações sobre as interações

“homem-fauna silvestre” que iam surgindo, ficavam gravados no gravador de voz – utilizado com o consentimento deles – e foram analisadas posteriormente.

A comparação dentre e entre os resultados obtidos de grupos focais de diferentes gêneros e gerações permitiu detectar padrões que indicaram a influência de fatores de gênero e inter-geracionais no conhecimento e/ou práticas associadas às interações entre as populações humanas e as espécies que compõem a fauna silvestre local. Em anexo, uma lista de todos os animais recordados nos grupos focais e citados neste trabalho com o respectivo nome científico.

ESPÉCIES	MJ1	MJ2	MA1	MA2	HJ1	HJ2	HA1	HA2
Anta	1	1	1	1	1	1	1	1
Aranha	0	1	0	0	0	0	0	0
Arara	1	0	1	0	0	0	0	0
Aves	0	1	0	0	0	0	0	0
Caba	0	1	0	1	1	1	1	1
Caititu	0	0	1	1	0	0	0	1
Capivara	0	1	0	0	1	1	0	0
Formiga Carieiro	0	0	1	1	0	0	0	0
Cobra	1	1	1	0	1	1	1	1
Cutia	1	1	1	1	0	0	0	0
Escorpião	1	0	0	0	1	0	0	0
Formiga de fogo	1	0	0	0	0	0	0	0
Mutum	1	1	0	0	1	1	1	1
Onça pintada	0	1	1	0	1	1	0	0
Onça vermelha	1	0	0	1	0	0	1	1
Paca	1	1	1	1	1	1	0	1
Passarinhos	0	0	0	1	0	0	0	0
Preguiça	0	0	1	1	1	1	0	0
Queixada	1	1	1	0	1	1	1	1
Saúva	0	0	1	1	0	0	0	0
Tamanduá	0	0	1	0	1	0	0	0
Tatu	1	1	1	1	1	1	1	1
Veado	0	1	0	0	1	1	1	1
Jabuti	0	0	0	0	1	1	0	0
Gavião	0	0	0	0	1	0	1	1
Galinha	1	0	0	0	0	1	0	0
Abelha	0	0	0	0	0	0	1	1
SOMA	12	13	13	11	15	13	10	10

Figura 5 – Planilha demonstrando a composição de lista resultante da questão 01. MJ1= Mulheres jovens 1, MJ2= Mulheres Jovens 2, MA1= Mulheres Adultas 1, MA2= Mulheres Adultas 2, HJ1= Homens jovens 1, HJ2= Homens Jovens 2, HA1= Homens Adultos 1, HA2 = Homens Adultos 2.

As listas confeccionadas pelos grupos para cada questão foram repassadas a uma planilha (Excel), de modo que todos os animais listados pelos diversos grupos para cada questão fossem posteriormente incluídos sem que houvesse repetição de espécies, posteriormente, em colunas foram adicionados 1 para demonstrar a presença daquele animal por determinado grupo ou 0 para demonstrar a ausência do mesmo. A planilha acima (**Figura**

5) demonstra a disposição das respostas pelos grupos para a questão “Quais são os animais que podem ser encontrados em terra firme?”

Posteriormente, aos dados contidos nas planilhas de respostas de cada pergunta, foi aplicado um cálculo do índice de similaridade, o Índice de Jaccard, uma média de associação que permitiu identificar a similaridade das respostas entre os diversos grupos. A fórmula do Índice de Jaccard é $IJ = a / a+b+c$, (a) significa onde duas colunas apresentam o mesmo animal, (b) significa que somente a primeira coluna apresenta o animal citado e (c) significa que somente a segunda coluna apresenta o animal citado. Essa média de associação exclui a dupla ausência (GOMES, 2004). Dessa maneira, a análise só foi possível entre duas colunas, relacionado assim, respectivamente, cada dupla: MJ1/MJ2, MJ1/MA1, MJ1/MA2, MJ1/HJ1, MJ1/HJ2, MJ1/HA1, MJ1/HA2, MJ2/MA1, MJ2/MA2, MJ2/HJ1, MJ2/HJ2, MJ2/HA1, MJ2/HA2, MA1/MA2, MA1/HJ1, MA1/HJ2, MA1/HA1, MA1/HA2, MA2/HJ1, MA2/HJ2, MA2/HA1, MA2/HA2, HJ1/HJ2, HJ1/HA1, HJ1/HA2, HJ2/HA1, HJ2/HA2. Com um índice de 0 a 1, foi mensurada a similaridade das respostas entre os grupos, avaliando as diferenças de gênero e geração, e gênero-geração. Para demonstração dessa similaridade entre os grupos, foi utilizado um tipo de análise de agrupamento que permite identificar a formação de grupos dentro ou entre comunidades, essa análise é apresentada por uma forma gráfica denominada dendograma. O tipo de análise utilizada para a construção dos dendogramas é conhecida de Método Hierárquico Aglomerativo “UPGM” – distância média não-ponderada e segue os seguintes passos: com o valor do Índice de Jaccard (IJ) calculado para todos os pares, dispõem-se os índices em um diagrama de “Trellis” e, posteriormente, os índices de similaridade são transformados em índices de dissimilaridade, subtraindo-se cada valor de 1 ($1 - IJ$).

Os dendogramas foram construídos a partir dos dados brutos de presença/ausência com o auxílio do programa MYSTAT (versão para estudantes do SYSTAT). Como descrito acima, as análises foram feitas para cada pergunta (ou "guilda") com o conjunto de respostas dos oito grupos focais e, ao final, foi feita uma análise com o total das perguntas.

3 Entrevistas

As escolhas dos atores sociais que foram entrevistados se deram a partir da identificação dos agentes específicos reconhecidos durante as oficinas e não de maneira aleatória. Foram selecionados também pelo seu tempo de residência na comunidade e ocupação, com preferência por comunitários antigos que vivem de atividades extrativistas,

estando em contato direto com a floresta e corpos de água, além de terem representatividade na comunidade. De acordo com Haguette (1992, p. 96):

A escolha dos entrevistados não pode ser aleatória, ou seja, não pode obedecer aos parâmetros da amostragem probabilística. Embora a montagem do universo – listagem dos atores que poderão fornecer contribuições úteis ao desenvolvimento de certo tema – seja fundamental, sempre existem alguns personagens cuja contribuição é imprescindível, daí porque sua inclusão na lista de entrevistados seja intencional.

O instrumento da entrevista foi utilizado para melhor descrição das interações mais importantes e abundantes que surgiram durante as oficinas. O formulário foi elaborado para a obtenção de respostas abertas, onde o entrevistado teve liberdade de formular sua resposta ou contar a sua história. Como a entrevista serviu para a obtenção de informações específicas de atores específicos, não foi elaborado um formulário padrão, embora alguns itens sejam obrigatórios em todos os formulários como: local em que está sendo obtida a informação, nome, idade, sexo, quanto tempo de moradia tem na comunidade e qual(ais) a(s) atividade(s) de renda principal.

As indicações registradas durante as dinâmicas com os grupos focais foram comparadas com as evidências obtidas de outras fontes empíricas, especialmente aquelas obtidas das observações diretas e participativas e das entrevistas individuais, de forma que cada interação pôde ser descrita em maior profundidade.

Com base no conhecimento técnico-científico acumulado sobre a autoecologia e a zootecnia das espécies indicadas pelos moradores foi feita uma análise do potencial de cada espécie com respeito à viabilidade socioeconômica, cultural e ecológica de ações planejadas de manejo para a conservação *in situ*. Partindo-se de rotinas já estabelecidas ou de intervenções que introduzam inovações mais adequadas e adaptáveis ao contexto local, podem-se sugerir estratégias de manejo participativo que resultem em ganhos conservacionistas para as espécies da fauna silvestre local e para a proteção e valorização das práticas culturais estabelecidas entre os moradores do rio Unini. A introdução de questões de gênero e geração nessa abordagem permitirá a elaboração de propostas culturalmente sensíveis e comprometidas com valorização das populações locais como partes integrantes e protagonistas das ações de manejo para a conservação da fauna especialmente em áreas protegidas.

1 DO RIO NEGRO À COMUNIDADE TAPIÍRA

1.1 UM PANORAMA DA OCUPAÇÃO DO BAIXO RIO NEGRO E O SEU MOSAICO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

A compreensão sobre a constituição das comunidades rurais nessa região requer um entendimento a respeito das condições institucionalizadas de modos de vida complexos. Nesse sentido, a análise de determinadas categorias de entendimento do mundo vivido requer uma reflexão dos processos de formação histórica desses grupos sociais e das transformações socioeconômicas que ocorreram na região no percurso das políticas de desenvolvimento implementadas fundamentalmente pelo Estado.

A formação histórica dos grupos sociais rurais da Amazônia é oriunda do encontro da cultura ameríndia, do colonialismo europeu e/ou da recente presença nordestina no período da economia gumífera. Os migrantes nordestinos, por exemplo, caracterizaram veementemente o modo de vida das populações que habitam os rios amazônicos, sobretudo na nos aspectos condizentes às atividades do trabalho, na implementação de técnicas de cultivo, pesca, nas crenças, no forte sentimento de religiosidade, nos costumes alimentares etc. Esse caldeamento de cultura na região criou um modo de vida específico, um tipo humano cercado de singularidades e especificidades, cujas relações comunitárias de sociabilidade são mediadas por fatores que envolvem organização social, solidariedade vicinal, representações do mundo religioso, da economia e, fundamentalmente, do trabalho, a partir de formas diferenciadas de aproveitamento múltiplo dos recursos naturais disponíveis. Nesses grupos sociais estão presentes os conhecimentos populares, os costumes, as tradições culturais - tais como lendas, mitos, folclore - e também os sistemas produtivos, geralmente adequados e adaptados ao meio (BARROS & SILVA, 2002). Essas dimensões estão refletidas em aspectos identitários que se consolidam de maneira latente nas manifestações sociais que demarcam a percepção e visão de mundo dos moradores desse complexo de terras, florestas e águas.

O processo histórico de ocupação das calhas dos rios amazônicos possibilitou, ao longo dos séculos, uma heterogeneidade de modos de vida, fundados em um processo diversificado que combina elementos do espaço e da cultura. Estudos arqueológicos apontam a presença humana na região em milhares de anos. Durante levantamentos arqueológicos no Parque Nacional do Jaú (PNJ), foram encontrados fragmentos cerâmicos relacionados a tradições ceramistas com épocas estimadas entre 2.500 e 500 anos atrás (HECKENBERGER, 1997). Estes registros arqueológicos sugerem um padrão de ocupação do espaço bastante

similar aos encontrados atualmente na região entre populações indígenas e não-indígenas (GALVÃO 1959, CHERNELA 1987a, 1987b, RIBEIRO 1995, FOIRN-ISA 1998). De acordo com Leonardi (1999, p. xxx):

O processo de ocupação portuguesa teve início no século 17 com o estabelecimento de missões religiosas ao longo do rio Negro, que mais tarde passariam a se constituir como entrepostos de produtos extrativistas e sedes de municípios. A partir da consolidação da ocupação e domínio português sobre os povos indígenas locais no século 18, inicia-se a gênese da cadeia comercial regional que possibilita o estabelecimento de atividades extrativistas para fins de exportação. A base dessas atividades é justamente constituída pela exploração da mão de obra indígena. Nesse período, a economia do rio Negro se resumia ao extrativismo e à agricultura de subsistência. Da floresta, eram retirados para a comercialização óleos de copaíba, tamaquaré e andiroba para uso medicinal, madeira e breu. Pesca e produção de manteiga de tartaruga e coleta de ovos de quelônios também compunham o extrativismo local.

Mas é a partir da segunda metade do século 19 que se consolida a estrutura do mercado calcada na atividade extrativista da borracha. No rio Negro, essa atividade tem um grande impulso no período de 1880 a 1912, e traz para a região uma grande leva de trabalhadores de outras regiões do país, principalmente de estados da região Nordeste (LEONARDI, 1999).

Com a instalação da atividade gumífera, desenvolveu-se, assim como em outras regiões da Amazônia, o sistema do aviamento. O aviamento é um sistema econômico caracterizado pelo adiantamento de produtos manufaturados ao cliente, em geral os produtores extrativistas, em troca de certa quantidade de produtos das florestas, das águas e da terra. Essa relação fazia com que o seringueiro ficasse preso num círculo de endividamento, do qual não conseguia se desvencilhar (AUBERTIN, 2000). Ainda hoje essa prática é comum, com certas transformações e adaptações em praticamente toda a Amazônia.

O início da produção asiática de borracha, em 1910, ocasionou um grande baque na sociedade amazônica, e o produto foi paulatinamente perdendo importância na economia regional. Na região de Airão e dos rios Jaú e Unini, os seringais começaram a se esvaziar, com centenas de nordestinos voltando para seus Estados de origem e com a falência e o fechamento de várias casas comerciais de Airão. De acordo com Dean (1989), apenas no período da Segunda Guerra Mundial, o mercado internacional conseguiu dar um novo alento à borracha nativa, embora por curto período de tempo, estimulando a migração de novos contingentes populacionais, oriundos principalmente do Nordeste do país, os chamados soldados da borracha. Avesso a essas novas tentativas, a população dos rios Jaú e Unini foi se tornando cada vez mais rarefeita.

Nessas primeiras décadas do século 20, os seringueiros espalharam-se por grande parte dos rios Jaú, Paunini, Carabinani e Unini, dando origem a uma série de colocações e comunidades, e esse padrão de ocupação da terra persiste até os dias atuais. Segundo Leonardi (1999), nesses rios moraram milhares de pessoas desde a época da grande euforia produzida pela borracha. Para esse autor, é na segunda metade do século 20 que a região começa a viver um grande despovoamento. As pessoas estavam saindo das localidades e igarapés dos rios Unini, Jaú e Carabinani. Esse fluxo migratório rio abaixo, esvaziou Airão, abandonada definitivamente no final dos anos 70, de onde a sede do município foi transferida para Tauapeassu, comunidade mais abaixo, no rio Negro, lugar hoje conhecido como Novo Airão.

Em décadas anteriores os atuais grupos agroextrativistas residentes na região dos rios Jaú, Carabinani e Unini se dedicavam quase que exclusivamente à produção da borracha. Atualmente estes grupos procuram alternativas de sustento econômico entre os produtos da floresta, notadamente os cipós, o óleo de copaíba e a castanha, além de se dedicarem à agricultura de subsistência. A caça de animais, valorizados pelo couro, como os jacarés e ariranhas, assumiu uma importância relevante na economia desde o início do século passado, chegando ao seu auge nas décadas de 40, 50 e 60, mas atualmente não é uma atividade relevante. Na última década do século 20, o comércio dos cipós tomou importância na economia local (DURIGAN 1998; DURIGAN & CASTILHO, 2004), ao mesmo tempo em que, devido à baixa demanda por recursos extrativistas, a farinha de mandioca tem assumido papel crescente como produto comercial (FVA 1994; FVA 2004).

Atualmente, a região do baixo rio Negro é um complexo de áreas protegidas de várias categorias criadas tanto na esfera federal, quanto na estadual e municipal. Estas unidades de conservação correspondem a uma área total de mais de oito milhões de hectares e, pela proximidade geográfica, estas unidades compõem um mosaico. A Lei No. 9.985, de 18 de julho de 2000, instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) estabelecendo critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação. Esta Lei define as unidades de conservação como espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo poder público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regimes especiais de administração, aos quais se aplicam garantias adequadas de proteção. Ainda segundo esta Lei, as unidades de conservação podem ser criadas nas esferas municipal, estadual e federal, possibilitando a criação de 36 tipos de unidades de conservação, considerando as 12 categorias existentes: as de proteção integral (Estação Ecológica, Reserva Biológica, Parque, Monumento Natural e Refúgio da Vida Silvestre) e as de uso sustentável

(Área de Proteção Ambiental, Área de Relevante Interesse Ecológico, Floresta Nacional, Reserva Extrativista, Reserva de Fauna, Reserva de Desenvolvimento Sustentável e Reserva Particular do Patrimônio Natural). A Lei que instituiu o SNUC define como mosaico o conjunto de unidades de conservação de categorias diferentes ou não, próximas, justapostas ou sobrepostas e outras áreas protegidas públicas ou privadas.

A Portaria Nº 483, de 14 de dezembro de 2010 reconhece o Mosaico do Baixo Rio Negro como uma área de mosaico de Unidades de Conservação na região do baixo rio Negro. Estão apresentadas abaixo as Unidades de Conservação (e suas respectivas áreas) que compõem o respectivo mosaico de áreas protegidas.

Tabela 1
Mosaico do Baixo Rio Negro

Nome	Tamanho (ha)
Parque Nacional do Jaú	2.272.000
Parque Nacional de Anavilhanas	350.018
Parque Estadual do Rio Negro – Setor Norte	146.028
Parque Estadual do Rio Negro – Setor Sul	157.807
Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã	2.350.000
Área de Proteção Ambiental – Margem Esquerda do Rio Negro Setor Aturiá – Apuauzinho	586.422
Área de Proteção Ambiental – Margem Esquerda do Rio Negro Setor Tarumã Açu – Tarumã – Mirim	56.893
Área de Proteção Ambiental – Margem Direita do rio Negro Setor Puduari – Solimões	566.365
Reserva Extrativista do Rio Unini	833.352
Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé	11.973
Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro	102.978
Total de áreas de Proteção Integral	2.925.853
Total de áreas de Uso Sustentável	4.507.983
Total de áreas protegidas	7.433.836

Fontes: Diagnóstico para a Criação da Resex do Rio Unini (2005). Relatório Final I da Oficina do Mosaico Baixo Rio Negro (2008). Portaria Nº 483, de 14 de dezembro de 2010.

1.2 O RIO UNINI E A RESERVA EXTRATIVISTA DO RIO UNINI

Os moradores do Mosaico do Baixo Rio Negro estão distribuídos ao longo dos rios e, na sua maioria, estão organizados em comunidades que surgem em função das afinidades ou necessidades de cada grupo, sendo as mais comuns as questões do parentesco, das relações de compadrio, dos grupos de amigos e/ou de necessidades sociais e econômicas. Todas as comunidades possuem seus representantes, que são escolhidos em assembleias comunitárias, e possuem o compromisso de se manifestarem junto à administração de áreas protegidas e às autoridades competentes dos municípios, para reivindicar o que for de interesse do grupo. O aumento da criação de áreas protegidas nessa região promoveu também uma organização sociopolítica mais intensa nas diversas microrregiões do rio Negro, principalmente nas áreas onde as unidades de conservação criadas são de Proteção Integral. O despertar dessa consciência para o coletivo está vinculado aos conflitos e restrições previstas nessas áreas, o que os coloca em frequentes contatos com um público externo, seja com instituições de pesquisa, organização governamentais e não-governamentais. Acordos de pesca e a busca de melhorias para as comunidades junto aos prefeitos locais também foram motivos importantes que impulsionaram a organização dessas comunidades. E os moradores do rio Unini não fogem a esse contexto (FVA; AMORU; CNPT, 2005).

O rio Unini está localizado na região do baixo rio Negro e é um dos grandes afluentes da margem esquerda desse rio, dentro dos limites municipais de Barcelos. Sua foz está localizada na coordenada geográfica 1° 38'22"S e 61° 33'42"W e representa uma área interessante, pois o espelho d'água do rio é o limite norte do Parque Nacional do Jaú. O rio Unini é conhecido por sua beleza, diversidade de espécies – principalmente de peixes – que despertam o interesse de turistas, agentes governamentais e instituições não governamentais. Esse rio, durante anos, antes de ser instituída a Reserva Extrativista, foi frequentado por dezenas de barcos geleiros, que retiravam enormes quantidades de peixes, quelônios e até animais de caça para o comércio nas cidades. Havia também um fluxo constante de turistas que visitavam o rio para a prática da pesca esportiva, que se hospedavam em um hotel de selva construído próximo à última comunidade do rio em direção a sua nascente.

Uma das consequências do trabalho de mobilização e organização social na região foi a criação da Associação de Moradores do rio Unini (AMORU), fundada pelos moradores e moradoras do rio Unini, com o objetivo de criar condições para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes da região. Os problemas enfrentados por esses moradores foram muitos e só através de uma ação coletiva foi possível provocar mudanças sociais significativas na

região. No ato da criação da AMORU, que se deu em agosto de 2002, foram definidos objetivos claros para a entidade com o intuito de solucionar os problemas que mais incomodavam o público da área, tais como: a) ausência de escolas com qualidade e condições de funcionamento até o ensino médio; b) falta de técnicas para produção agrícola e extrativista de forma sustentável; c) escoamento da produção de forma justa; d) saúde com qualidade e adequada à realidade local; e) depredação dos recursos naturais, causado especialmente pela pesca comercial; f) apropriação das áreas comunitárias por grandes hotéis de selva. Assim, constituiu-se a Associação, cujo objetivo maior, que norteia suas diretrizes, é congregar o bem coletivo através da luta social por melhores condições de vida.

Segundo dados do Diagnóstico para a Criação da Resex do Rio Unini (2005), um dos projetos da AMORU, desde a sua fundação, foi a criação de uma reserva extrativista (Resex) na margem direita do rio Unini. Ambas começaram a tomar forma quando moradores deste rio estiveram participando de um encontro de ribeirinhos do Estado do Amazonas, promovido pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), em 2001. Apesar de os moradores não terem – até então – uma organização formal, eles sempre estiveram envolvidos com os movimentos sociais, seja participando de encontros ou de cursos de formação. Esse contato despertou nas lideranças a ideia de criar uma Resex, pois, dessa forma, conseguiriam se manter na área que habitam, podendo, ainda, de forma sustentável, desenvolver a atividade extrativista, além de resolverem o problema da depredação dos recursos naturais. As lideranças locais buscaram a Fundação Vitória Amazônica – que, segundo relatos de moradores, visitam a região desde a década de noventa – para discutir a questão e ajudá-los a criar associação de moradores. A partir da consolidação da ideia, formou-se uma comissão para providenciar a criação da associação e discutir a criação da reserva extrativista. O passo seguinte para a criação da Resex foi a realização de oficinas em todas as comunidades do rio para falar sobre o que é, e como funciona uma reserva extrativista, inclusive com a participação de um representante do Conselho Nacional de Seringueiros (CNS), que mora na Resex do Médio Juruá. O objetivo era propiciar uma interação direta entre um morador efetivo de uma Resex com pessoas que pretendiam trilhar o mesmo caminho. Após o processo de esclarecimento dos moradores, a AMORU, com base no uso dos recursos extrativista, traçou a delimitação da área e apresentou uma carta proposta ao Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais (CNPT/IBAMA).

De modo geral, poder-se dizer que a AMORU foi o primeiro sinal do amadurecimento das relações sociais e políticas existentes entre os moradores das comunidades e localidades do rio Unini, que é percebida em questões presentes na constituição e nos projetos da

AMORU. Este processo de amadurecimento acabou por tornar-se um diferencial em relação às criações de associações. Uma vez que a mudança de visão e de atuação dos membros da AMORU deu-se tanto do ponto de vista da condição de sujeito individual, quanto na de sujeito coletivo. Este processo pode ser considerado como exemplo de empoderamento social, pois este se manifesta na medida em que o poder é distribuído nas ações coletivas, mas que continua tendo como centro o interesse comum, ou seja, o empoderamento acontece na medida em que se conquista e se distribui entre muitos o poder de realizar ações.

Outro exemplo do processo do amadurecimento da AMORU como entidade coletiva é o Acordo de Pesca do Rio Unini. No início de 2004, a AMORU buscou a FVA, o IBAMA e outras organizações, como Associação de Pescadores de Novo Airão (APNA), as Colônias de Pescadores de Novo Airão (CPNA), o Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (IPAAM), a Prefeitura Municipal de Barcelos e os hotéis de selva locais para discutir o uso dos recursos pesqueiros e construir de forma participativa e coletiva um acordo de pesca que atendesse os diferentes interesses, pois os recursos estavam sendo usados de forma indiscriminada e predatória na região desse rio.

Com a efetivação da Resex na margem direita do rio Unini, ficou proibida a entrada de pessoas não moradoras do rio, barcos geleiro, turistas e qualquer outro tipo de embarcação. Essa fiscalização vem sendo feita desde então pelos guardas ambientais de um posto de fiscalização (**Figura 6**) do PNJ que existe no Unini, próximo a sua jusante junto ao rio Negro.



Figura 6 – Posto de fiscalização do IBAMA.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

Como o rio Unini dá acesso tanto à Resex como ao PNJ, pessoas estranhas e embarcações não cadastradas necessitam de duas autorizações para entrada. De 2004 a 2008 vigorou o combinado no acordo de pesca, que restringia a entrada de apenas três embarcações autorizadas ao mês com capacidade de carregar três toneladas cada, o que foi significativo para as reservas biológicas do rio, já que antes se observava cerca de 30 embarcações ao mês, com capacidade de 8-10 toneladas cada. Em 21 de junho de 2006, com a publicação da criação da Reserva Extrativista do Rio Unini, a fiscalização se tornou mais efetiva e as embarcações que antes eram permitidas passam a ser proibidas definitivamente. Essas ações resolveram – ou está resolvendo – o problema de retirada de produtos, em especial peixes e outros animais, da região. Como consequência da proibição, os moradores do rio alegam atualmente que os animais, que foram se tornando raros com o tempo, estão novamente retornando e se tornando cada vez mais presentes. Em contrapartida, a maior insatisfação dos moradores diz respeito a essa mesma proibição, no sentido contrário. Desde que o posto foi construído, é proibida a saída de animais silvestres e peixes protegidos pelo acordo de pesca e pelo período do defeso. Os moradores alegam que precisam levar o alimento da viagem e que, como as embarcações têm quase sempre, no mínimo, cinco pessoas, a carne de caça é o mais viável para a viagem, pois não precisam parar muito para pescar.

Esses aspectos revelam o quanto a discussão precisa avançar no que tange à problemática da presença de populações humanas em áreas de conservação. Os moradores do rio Unini têm contribuído, a partir de suas singularidades e especificidades, para a ampliação teórica, política, econômica, social e cultural do debate acerca da utilização sustentável dos recursos naturais disponíveis, uma vez que se trata de uma área inserida dentro dos limites geográficos de um mosaico de áreas protegidas.

O rio Unini inteiro abriga as populações humanas em três áreas protegidas: subindo o rio, a partir de sua foz, toda a margem direita pertence à Reserva Extrativista do Rio Unini, criada há menos de 10 anos. Em sua margem esquerda, até foz do rio Paunini, a área pertence ao Parque Nacional do Jaú e, desse ponto até a sua nascente, ainda na margem esquerda, encontram-se os limites da Reserva Estadual de Desenvolvimento Sustentável Amanã. Desde a implantação do Plano de Manejo do Parque Nacional do Jaú, um grande esforço vem sendo feito para que acordos aconteçam no sentido de que as famílias que ainda residem na margem do rio que é Parque (margem esquerda) se desloquem para a margem que se tornou Resex (margem direita). O mapa (**Figura 7**) a seguir ilustra o mosaico de áreas protegidas do baixo rio Negro e a localização do rio Unini e da comunidade Tapiíra.

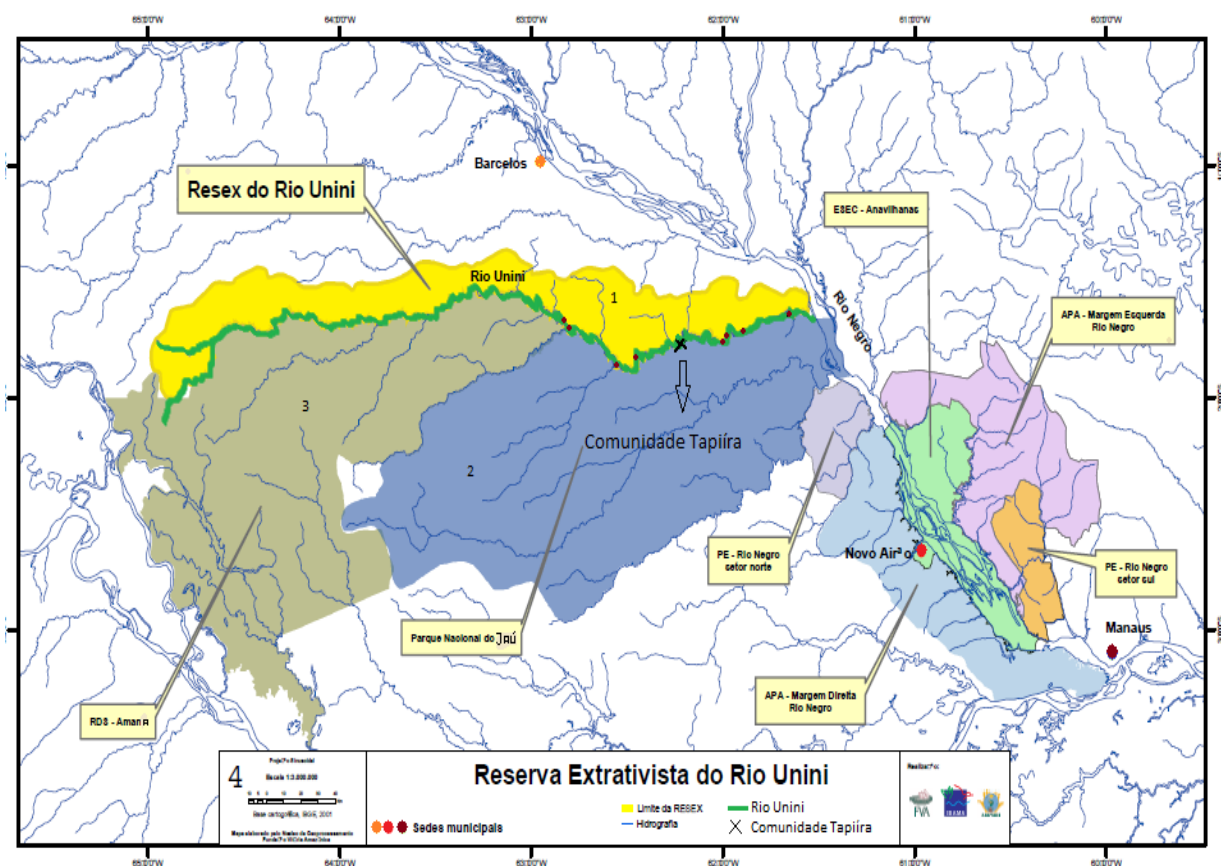


Figura 7 - Mapa das Unidades da Conservação do rio Unini

Legenda: (1) Parque Nacional do Jaú, (2) RDS Amanã e (3) Resex rio Unini.

Fonte: Diagnóstico para a criação da Reserva Extrativista do rio Unini, Manaus: FVA, 2005.

Os moradores do rio Unini, na sua maioria, estão agrupados em comunidades, perfazendo um total de onze. Destas, apenas três estão localizadas dentro dos limites da Resex, sendo que uma ainda está em formação e seis comunidades estão localizadas no Parque Nacional do Jaú. Apenas duas comunidades se localizam na área da RDS. A distância entre as comunidades varia entre três horas a dois dias de viagem. Estas comunidades se organizam politicamente em torno da Associação dos Moradores do rio Unini (AMORU), sendo que cada comunidade tem presidente e vice. As comunidades que foram beneficiadas pela Prefeitura Municipal de Barcelos possuem bens e serviços (**Figura 8**) como: escola, posto de saúde, gerador de energia, sede social comunitária, radiofonia, igreja, professor e agente de saúde. Em geral, os bens e serviços sociais disponibilizados para estes agentes sociais são insuficientes às suas necessidades. (FVA; AMORU; CNPT; 2005).



Figura 8 – Benfeitoria nas comunidades do rio Unini. Acima à esquerda, o posto de saúde da comunidade Lago das Pedras. Acima à direita, o barco das AMOTAPI. No meio à esquerda, o galpão de beneficiamento de castanha, na comunidade Vista Alegre. No meio à direita, o centro comunitário da comunidade Tapiíra. Abaixo à esquerda, a igreja católica e a escola, e à direita o telefone público, ambos da comunidade Tapiíra.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

A comunidade Tapiíra recebeu há cerca de quatro anos a instalação de um telefone público que funcionava por satélite e era mantido por um sistema de bateria. Todavia, esse telefone não funciona mais devido a problemas técnicos. O conserto foi já solicitado há mais de um ano e, até novembro de 2010, nada havia sido feito. O sistema de comunicação em Tapiíra e em todas as outras comunidades do rio é realizado por radiofonia, sediado em

Barcelos. Assim os moradores conseguem se comunicar entre eles e com pessoas externas ao rio Unini, principalmente parentes nas cidades próximas.

Embora não seja objetivo desse trabalho, é importante salientar que os moradores do Rio Unini, especialmente os moradores da margem esquerda do rio, para todos os efeitos, são moradores do Parque Nacional do Jaú, o que, por si só, constitui infração. Este tema é rico e controverso, pois inclui uma análise sobre a política ambiental de unidades de conservação, a hegemonia estatal e a invisibilidade destes moradores, que repentinamente ganharam uma visibilidade e certo poder, ao verem-se contrapostos à legitimidade estatal. Há hoje um esforço muito grande, em parceria com a Fundação Vitória Amazônica e o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade, para se iniciar um processo junto ao ministério público para uma nova delimitação dos limites do PNJ, pondo assim os moradores da margem esquerda do rio Unini em uma situação legal, como moradores da Reserva Extrativista. A outra solução apresentada para esse problema no rio Unini é um projeto, já em fase de execução, de construção de novas comunidades na margem direita, margem da Resex, para a migração dos moradores. Isso não é tão simples, pois os comunitários têm um forte sentimento de pertencimento junto as suas comunidades, suas residências, seus roçados e seus quintais, por isso, pedir que saiam de lá significa pedir que comecem tudo novamente, desde a construção de suas casas até o reconhecimento de áreas para atividades de coleta, caça e pesca, que são saberes tradicionais que foram perpassando entre as gerações. De certa forma, esse tema também influencia a pesquisa, pois no início da construção do projeto de mestrado, um dos objetivos era a identificação de espécies da fauna silvestre para o manejo, o que só pode acontecer dentro dos limites de uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável, no caso a Reserva Extrativista, onde é possível a presença de moradores.

1.3 TAPIÍRA: ESPAÇO DA SOCIABILIDADE E MANUTENÇÃO DA VIDA

Tapiíra (**Figura 9**), comunidade eleita para a pesquisa, é a quinta comunidade do rio Unini da foz para a nascente, fundada em 1987. Faz parte da jurisdição do município de Barcelos. Sua latitude é 1° 45' 49'' S e longitude de 62° 13' 29'' W. Atualmente, a comunidade tem 158 moradores constituindo 37 famílias. Dentre esses moradores, 86 são do sexo masculino e 72 do sexo feminino. É válido ressaltar que a localidade já era habitada muito antes da formalização da comunidade. De acordo com Mendes (2004), antes da formalização da comunidade a população era dispersa com poucas famílias habitando no local, geralmente em lagos e igarapés, perto das picadas de castanhais, seringa, balata e sorva, fato que foi confirmado pelo relato de moradores antigos. O extrativismo desses recursos naturais constituía-se a principal atividade econômica dos moradores não só dessa localidade, mas de todo o rio Unini até a década de 80 aproximadamente. O relato a seguir retrata o início da organização comunitária.



Figura 9 – Vista da comunidade Tapiíra no período da cheia.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

[...] naquele tempo, a gente entrava pra caçar, pegar castanha. Vixe, tinha muita picada aqui dentro. A seringa já era fraca. A gente andava muito por aí, vinha desde lá do Anamari e rodava tudo. [...] Eu e o João, o João Savino, que fundamos a comunidade, antes disso era um espalhado de gente. Nós que fomos lá em Barcelos falar com o prefeito pra ele montar fazer uma escola aqui. Não é essa que tem hoje aí não, essa é mais nova. Aí, depois que fomos falar com ele pra ele fazer a escola é que foi todo mundo se juntando aqui, fazendo casa perto da escola, daí eu fiz a minha também e fui buscar a mulher [...] o lugar chamava Tapiíra, é assim que os índios chamam a anta, devia ser porque tinha muita anta, daí ficou a comunidade com o nome [...] na época que nós andava aqui dentro, né, já chamava assim, muito tempo porque nós estamos aqui faz tempo, né [...] (Relato do sr. Tarcísio, 70 anos, morador desde 1970, sobre o início da comunidade).

Alguns moradores da comunidade vieram de outras regiões do Estado do Amazonas, como do rio Purus, Juruá, ou mesmo de outras áreas do próprio rio Unini e que também trabalharam com o extrativismo do látex da seringueira. A comunidade tem uma atuação política muito intensa. Possui sua própria Associação dos Moradores denominada (AMOTAPI), que atualmente está sendo presidida pelo sr. Edmilson Fragoso da Silva. A AMOTAPI é independente da AMORU, embora sejam regidas com os mesmos princípios e compartilhem, na maioria das vezes, das mesmas opiniões sobre os assuntos diversos do rio.

O conceito de comunidade que adotamos é o de Durham (2004), segundo o qual a comunidade compreende um agregado humano que reside em uma mesma localidade territorialmente limitada, onde várias pessoas interagem entre si e possibilitam a sustentação de instituições coletivas, tais como: a escola, a igreja, as associações, entre outras. A comunidade pressupõe um processo de socialização que dá origem a práticas de cooperação, colaboração, solidariedade e uniformidade. Ainda segundo Durham (2004), na comunidade, todos acreditam nos mesmos mitos, praticam os mesmos cultos, conhecem as mesmas técnicas, manejam instrumentos idênticos, obedecem às mesmas normas. Isso não se trata de harmonia, pois numa comunidade, como em qualquer agregado humano, existem conflitos e paixões, porém esses conflitos se desenrolam num universo comum. Nessas comunidades ainda há forte presença de uma solidariedade mecânica, da qual os indivíduos ainda não se diferenciaram e cuja divisão social do trabalho é simples, e as práticas sociais são compartilhadas por todos (DURKHEIM, 2008) (**Figura 10**).



Figura 10 – Festa de aniversários
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

A constituição de uma sociabilidade na comunidade Tapiíra, são elementos fundantes de um modo de vida marcado pela solidariedade vicinal, por relações de pessoalidade, compadrio, delimitações de valores morais e mecanismos de controle social marcado por

regras consuetudinárias. De acordo com Weber (1991), na comunidade de vizinhança, o vizinho é o típico prestador de socorro, e há, nesses tipos de agrupamento, fraternidade na forma de ajuda mútua e, baseados no interesse comum, nascem várias formas de trabalho associado, tais como o mutirão e o “trabalho de favor”. Nesse sentido, é criado na comunidade um forte sentimento de pertencimento onde as práticas de ajuda mútua aparecem como um processo vital para a garantia das condições objetivas de reprodução material e simbólica dos moradores.

A questão da vizinhança, nessa comunidade rural, vai além do espaço físico. Ela extrapola limites territoriais, ou seja, o espírito de vizinhança não se dá apenas pelo fato de morar perto e sim por haver uma situação comum a todos. Esses aspectos estão presentes em Tapiíra, a comunidade pesquisada. E pode ser amplamente notado que a comunicação dessa solidariedade ocorre de maneira bem mais acentuada entre as mulheres. É muito comum na comunidade presenciar uma mulher visitando a casa de outra para lhe “presentear” com algum tipo de alimento, quase sempre parte de algum animal caçado pelo marido ou peixes, também oriundos da pesca do marido e/ou dos filhos. Também há muita doação de frutas do quintal de uma pessoa para a outra, embora muitos quintais sejam constituídos praticamente das mesmas espécies frutíferas. Também há o “empréstimo” de muitas misturas usadas para fins medicinais: a casca de laranja, o chá de boldo, o xarope para tosse feito de modo caseiro e soluções de banhas de animais – jibóia, tartaruga, diversos mamíferos – utilizados em feridas ou dores musculares. O “empréstimo” desses produtos é um modo de deixar confortável a quem “emprestava”, pedir outra coisa semelhante, quando necessário. Os homens geralmente são informados das trocas de comidas no jantar, pois logo percebem quando a carne ou o peixe não foi provido por eles. Todavia, nem sempre foi assim. De acordo com relatos de alguns moradores, principalmente os mais idosos, percebeu-se que no período das atividades extrativas, as relações de vizinhança eram mais fragmentadas. A articulação política também era diminuta.

No período da atividade de extração do látex, havia uma maior dependência dos moradores da comunidade em relação aos agentes da comercialização (regatões). Dentre outras coisas, isso se dava devido às características dessa atividade extrativista, que era, e ainda é, por natureza, uma atividade solitária, onde o trabalhador saía de madrugada para a mata para sangrar as seringueiras, retornando somente à tarde para coletar o leite precioso. Nesse sentido, o processo de socialização do trabalho era prejudicado uma vez que a atividade era realizada de forma individual.

Com o fim dessa atividade, os moradores se encaminharam para outras frentes de trabalho, como a agricultura, e passaram a se dedicar de maneira mais intensa à produção de farinha para a venda no mercado. Antes essa atividade era estritamente para fins de alimentação e era produzida esporadicamente.

O processo de fabricação de farinha requer muitos braços de trabalho. É uma atividade extremamente coletiva, pois é preciso fazer a broca, derrubar a mata, queimar, plantar, capinar, colher e produzir a farinha. Todas as etapas de trabalho são coletivas, e a divisão social do trabalho bem definida. Na atividade da farinha é preciso estabelecer alianças com vizinhos e parceiros, pois os braços da família são muitas vezes insuficientes para realizar todas as etapas do processo produtivo.

Com o trabalho nas roças de farinha houve uma maior socialização do grupo. Um contato mais diário e conseqüentemente maior cumplicidade nos problemas e dificuldades da comunidade. A presença da solidariedade vicinal, dos *ajuris*, permitiu maior união dos moradores e conseqüentemente maior possibilidade de mobilização e articulação dos comunitários em torno de um bem comum. De acordo com Mendes (2004, p. 48):

Um fator importante no que diz respeito à organização social do grupo é que, enquanto a extração da seringa podia ser feita por uma só pessoa, e não mais que isso, o cultivo da mandioca e produção da farinha são atividades que permitem o trabalho em grupo. E assim, o trabalho que passou de um local isolado e afastado na época da seringa para um local de convívio e vizinhança com o cultivo da mandioca, reflete também uma forma de trabalho que ora era isolada e solitária, para uma que possibilita a ajuda comunitária e as relações de reciprocidades através dos *ajuris*. Uma das características do cultivo da mandioca e produção da farinha e que a seringa demonstrou com muito mais veemência, até agora, são as influências do mercado sob a demanda do produto. Enquanto no caso da seringa a atividade foi praticamente extinta por conta da produção estrangeira do produto, no caso da farinha os moradores convivem com uma oscilação de seu preço muito grande que, segundo eles, tem a ver com a sua baixa ou alta produção em outros locais do estado sem, no entanto, extinguir a atividade. Evidentemente, a passagem da seringa à farinha não ocorreu de forma clara e simultânea para todas as pessoas que moravam na região. Aliás, ainda hoje, vemos pessoas que vivem basicamente do extrativismo, seja da seringa, do cipó ou da castanha. De qualquer maneira, podemos afirmar de forma segura que o fim do ciclo da borracha foi o grande responsável pelo aumento da produção de farinha de mandioca no rio Unini. A comunidade estudada ilustra muito bem esta afirmação.

As trocas ocorridas na esfera do trabalho, como o *ajuri*, foram fundamentais para uma maior articulação e união do grupo social. No caso específico do *ajuri*, a comunicação se dá quase sempre indo à casa de quem eles pretendem obter a ajuda. Como esses pedidos de favores ocorrem no início da noite, a esposa também está presente. No *ajuri*, a pessoa que pede o auxílio tem o dever de oferecer o almoço aos parceiros que irão ajudar. Nesse sentido, ocorrem muitas empreitadas de caça e pesca nessa época do ano (julho, agosto), visando

suprir essa necessidade, pois é nesse período que o *ajuri* é fundamental para o preparo do futuro roçado de mandioca, ou seja, aumenta a necessidade do outro.

As mudanças de atividades produtivas, extrativas e/ou agrícolas da comunidade Tapiíra estão ligadas à relação histórica que esses ribeirinhos mantêm com o mercado, mas, também, perpassam questões de ajustes ecológicos que estão ligados à capacidade do grupo de satisfazer as necessidades visando garantir a manutenção de sua sociabilidade e sobrevivência. As necessidades, nos dizeres de Candido (1997), possuem um caráter social, pois a vida e a sobrevivência de um determinado agrupamento humano dependem do equilíbrio estabelecido entre tais necessidades e os recursos de que o grupo dispõe para satisfazê-las. Candido afirma que para cada cultura há, em cada momento, certos “mínimos”, abaixo dos quais não é possível haver equilíbrio, há certos “mínimos vitais” de alimentação e abrigo que correspondem a certos “mínimos sociais” de organização para obtê-los. Para Candido (1997, p. 23):

A existência de todo grupo social pressupõe a obtenção de um equilíbrio relativo entre as suas necessidades e os recursos do meio físico, requerendo, da parte do grupo, soluções mais ou menos adequadas e completas, das quais depende a eficácia e a própria natureza daquele equilíbrio. As soluções, por sua vez, dependem da quantidade e qualidade das necessidades a serem satisfeitas. [...] As necessidades tem um duplo caráter natural e social, pois se a sua manifestação primária são impulsos orgânicos, a satisfação destes se dá por meio de iniciativas humanas, que vão se complicando cada vez mais, e dependem do grupo para se configurar. Daí as próprias necessidades se complicarem e perderem em parte o caráter estritamente natural, para se tornarem produtos da sociedade. De tal modo a podemos dizer que as sociedades se caracterizam, antes de tudo, pela natureza das necessidades de seus grupos, e os recursos de que dispõem para satisfazê-las.

As formas de permanência e ajustes ecológicos também estão ligadas a questões das constantes migrações intrarregionais e intermunicipais ou de área rural para outra área rural. São vários os fatores que promovem essa mobilidade. Os mais destacados são: a busca de uma terra própria e mais fértil para produzir e viver; proximidade com a cidade; casamentos cujo cônjuge é de outra localidade (nesse caso é comum um dos cônjuges ser inserido na família do contraente, principalmente, mas não só, as mulheres); possibilidade de uma vida melhor na cidade (aqui pode ser a cidade à qual a comunidade pertence legalmente, ou mesmo a capital); por questões de educação (na comunidade não tem escola, ou esta não atende a todas as séries, busca-se então viver em outra comunidade que disponha dessa infraestrutura); mudança de cultivos agrícolas (esse aspecto está ligado ao abandono de um determinado cultivo agrícola e à substituição por outro mais rentável) etc.

Segundo Durhan (2004), uma das principais razões indicadas pelos trabalhadores rurais para a incidência de migração é a busca de melhorias e condições de vida.

Em Tapiíra, a maior causa dessa mobilidade ocorre em função da escola. Apenas em 2009, a comunidade conseguiu ampliar o Ensino Fundamental a partir até o 5º ano. Até então, havia muitos jovens que, por volta dos 11 anos, iam para os centros urbanos para continuar o processo de educação formal. Os municípios escolhidos para essa empreitada, quase sempre, eram Barcelos, Novo Airão e Manaus. Hoje, esse deslocamento ainda ocorre, mas apenas em busca do Ensino Médio. As famílias que buscam a continuação da educação formal para os seus filhos, na maioria das vezes, não se mudam totalmente. Quase sempre, enviam seus filhos para casa de parentes na cidade e quando não existe essa possibilidade, apenas a mãe ou a avó acompanha as crianças, ficando na comunidade os pais para cuidarem da casa e, quase sempre, os outros filhos mais velhos do casal. O gráfico a seguir (**Figura 11**) demonstra respectivamente a porcentagem de homens e mulheres por idade e a quantidade desses que estão ausentes de Tapiíra pelos motivos citados acima (na época de pesquisa). O fato de não abandonarem totalmente a comunidade e da perspectiva de retorno que as mulheres têm, demonstra a forte ligação – o sentimento de pertencimento – que os moradores têm pela comunidade Tapiíra. Para Santos (1994), o espaço, para significar segurança e liberdade, necessita de uma série de “pontos” que o interligue a outros espaços formando uma rede constituída por coisas “fixas”, e “fluxos” que se originam de coisas “fixas”. Esses pontos “fluxos” que se originam de coisas “fixas” relacionam-se com o conceito de estrutura estruturada que se torna estruturante de Bourdieu (1983). Tuan (1980 *apud* FRAXE, 2010, p. 249), “chama de “topofilia” a esse sentimento de ligação ao lugar, que reflete ao mesmo tempo liberdade e segurança.

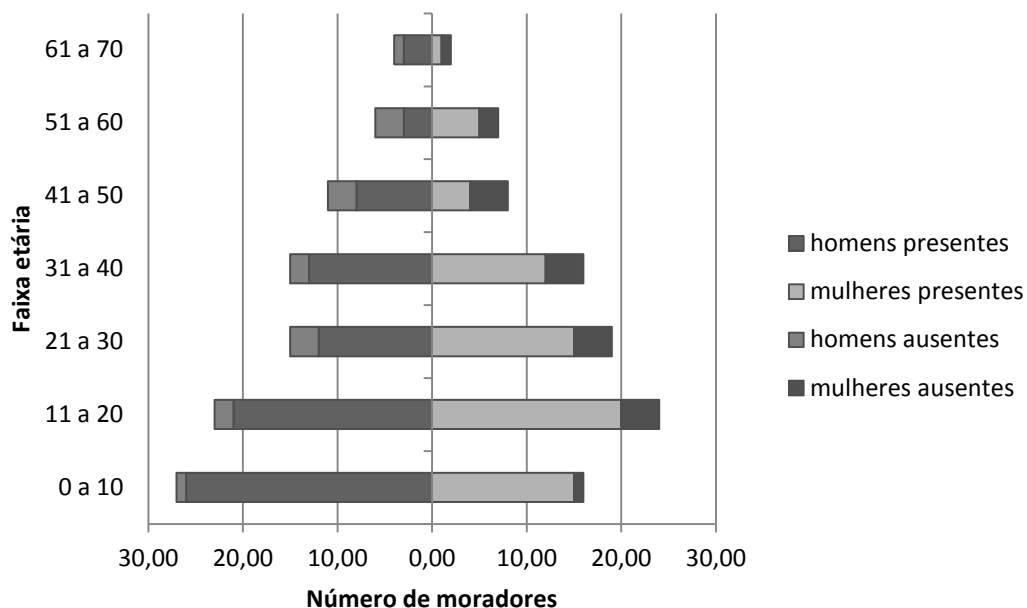


Figura 11 – Gráfico dos moradores presentes e ausentes de Tapiíra.

No rio Unini, como no rio Negro, as atividades geradoras de renda estão agrupadas em cinco categorias: agricultura e extrativismo vegetal, criação de pequenos animais, pesca, artesanato e atividades ligadas ao turismo. Há ainda alguns produtos agrícolas adicionais vendidos por poucas famílias, tais como mel de abelhas, mel de cana e óleo de andiroba. A comunidade eleita para a pesquisa não se diferencia no que tange às relações mercantis comuns de outras comunidades do rio Negro. Essa comunidade é formada basicamente de descendentes de nordestinos e, em menor número de povos indígenas. Como ocorre na grande maioria das comunidades ribeirinhas na Amazônia, os sujeitos sociais são polivalentes, ou seja, exercem várias atividades geradoras de renda durante o ano (**Figura 12**), atividades que na grande maioria são “gerenciadas” pelo ciclo das águas. O cultivo da mandioca para a produção de farinha, em Tapiíra, representa a maior parte da geração de renda. Nos meses de outubro a janeiro, a pesca de peixes ornamentais também constitui outra importante atividade econômica.



Figura 12 – Atividades econômicas. Acima à esquerda, a produção de bananas do sr. Edmilson; à direita, a família da sr. Ednelson produzindo a farinha. Abaixo, à esquerda, foto de um tanque-transporte com peixes ornamentais, e, à direita, a massa da andiroba repousando para extração do óleo.

Alguns moradores de Tapiíra ainda trabalham com o extrativismo da castanha e, recentemente, houve uma retomada dessa atividade por alguns moradores, estimulados pela construção de um galpão de beneficiamento de castanha na comunidade Vista Alegre, a primeira comunidade do rio, próximo a foz; um projeto da AMORU, que teve o auxílio da FVA, do ICMBio e outras instituições. A inauguração desse galpão ocorreu em agosto de 2009, e o projeto de beneficiamento do produto, segundo os moradores, está prevista para ter início no ano de 2011 ou 2012. Enquanto isso não ocorre, eles participam de oficinas de beneficiamento e cursos sobre o tema. A retirada do mel de abelhas e a produção do óleo de andiroba também fazem parte do leque de atividades econômicas da comunidade, embora sejam restritas a alguns moradores. Seu Tarcísio, um dos moradores mais antigo de Tapiíra, é um deles. Sobre essa questão ele comentou:

Eu sempre levo andiroba pra vender no centro. A gente coleta andando aí mesmo, não faz só isso, sabe? Vai andando e vai coletando. Essa andiroba que eu vou levar agora foi a Pitica (Francisca) que secou ela, lá naquela panela, porque eu tava pra

Novo Airão. Já faz umas três semanas que tá secando. Já tá na hora de jogar. Ontem eu tava tirando pra ver se eu intero 4 litros [...] vende lá em Barcelos, vende pra farmácia, eles compram. Pagam 10 reais a garrafa. [...] Com a borra também faz produto. Tira o óleo, depois que seca tudo, fica só aquela borra, usa ela pra fazer sabão. Eu não sei fazer sabão. A mulher (referindo-se a sua esposa) sabe (Relato do sr. Tarcísio, 70 anos, morador desde 1970, sobre a andiroba).

Há cerca de quatro anos, teve início em Tapiíra um trabalho em que as mulheres vêm se destacando: a produção de utensílios de barro, principalmente fogareiros e panelas. Essa ideia foi trazida pela filha de uma das senhoras da comunidade. Antes o fogareiro era muito grande e feito com barro e lata (no período da pesquisa de campo não foi encontrado nenhum destes na comunidade). Algumas mulheres começaram a fazer essas peças de barro para uso doméstico e posteriormente para a venda. As peças mais produzidas são as panelas, que são compradas por pessoas de fora, geralmente de Manaus, a partir de encomendas, para serem utilizadas como panelas. Contudo, na comunidade as panelas de barro não são utilizadas como tal – no máximo como enfeite ou adorno. Há também os potes para armazenar água, que também são utilizados como enfeites, pois as artesãs ainda não conseguiram descobrir uma técnica para que a água não infiltre pelo barro. Os fogareiros, que também são bastante produzidos pelas mulheres, servem tanto para o uso local, utilizados principalmente durante as viagens de barco, como para a venda em cidades próximas. Também teve início, recentemente, de forma ainda bem tímida, a confecção de jóias – as chamadas biojóias, produzidas com sementes da floresta. A renda gerada pela produção das peças de barro e das biojóias, são utilizada para fins privados de quem as produziu, diferente do que ocorre em outras atividades, como a produção de farinha. Essas atividades são consideradas complementares, e podem ser consideradas femininas, exceto a retirada do barro, que é tarefa dividida com os homens, devido ao peso e risco de retirar essa matéria-prima dos barrancos e, também, a coleta das cascas específicas nos igarapés para fazer a mistura. A massa é feita de argila e do pó da casca de uma espécie de árvore, denominada caraipé (*Licania* sp), que é queimado, pilado e, após esse processo, vai junto à argila para formar o barro que dará forma aos utensílios.

Ainda com relação às mulheres que trabalham com o barro, algumas preferem trabalhar sozinhas, enquanto outras preferem trabalhar em duplas ou grupos. Assim, é muito comum que alguns homens façam algumas etapas do processo produtivo para as mulheres, sendo que elas lhe dão em troca a metade da produção feita. Percebe-se na atividade com o artesanato do barro uma nítida divisão sexual do trabalho, onde este aparece como elemento

que atualiza valores e reforça os papéis sociais assumidos e definidos na comunidade. Abaixo, a artesã Eliete, mostrando sua obra de arte.



Figura 13 – Dona Eliete e seu trabalho com o barro.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

Em Tapiíra, a utilização dos recursos naturais disponíveis nas florestas, nas águas e na terra reflete a capacidade social do grupo para satisfazer suas necessidades de subsistência. É a busca continua pela obtenção dos meios de vida, tirando proveito da sazonalidade do regime das águas, pescando, cultivando, extraindo, coletando o ano inteiro de acordo com o período hidrológico. Agindo dessa maneira, a comunidade mantém uma característica fundamental das comunidades rurais amazônicas – a polivalência, marca indelével desses agrupamentos humanos na região.

2 INTERAÇÕES BICHO-HOMEM: A FAUNA SILVESTRE NO COTIDIANO DA COMUNIDADE

2.1 UMA RELAÇÃO ANTIGA

A interação homem-animal pode ser considerada um binômio ancestral, cuja origem se perde no tempo. As primeiras expressões humanas de arte gráfica representavam animais. As artes rupestres do Paleolítico mostram uma grande variedade de animais e quase nunca espécies vegetais, como os de Lascaux (cerca de 13.000 a.C.) (BOWMAN, 1980). De acordo com Chieppa (2002), o progresso da humanidade e os próprios acontecimentos históricos que têm marcado o destino dos povos têm frequentemente implicado uma determinante presença animal (**Figura 15**).

A invenção da roda que revolucionou o transporte e inúmeras outras atividades humanas, na sua primeira acepção esteve intimamente ligada àquelas realizadas com o concurso dos animais de tração. Os animais também condicionaram o êxito dos muitos acontecimentos bélicos do passado: a épica cavalaria napoleônica, constituída por corcéis fortes e velozes foi protagonista de tantas vitoriosas campanhas do imperador transalpino. Grande parte da simbologia e da metáfora presente e passada referem-se ao mundo animal. A raposa é sempre símbolo da esperteza e astúcia. A pomba é mensageira da paz. O touro representa força e virilidade. O cordeiro é símbolo cristão da mansidão. A tartaruga está associada ao conceito de lentidão e desajeitamento (CHIEPPA, 2002).

O livro *Petróglifos Sul-Americanos* de Theodor Koch-Grunberg (2010) apresenta várias figuras encontradas na região do alto rio Negro. Um dos aspectos destacados pelo autor é que os petróglifos fazem parte de um conjunto de marcas e acidentes visíveis no território, como cachoeiras, serras, lagos, afloramentos rochosos no leito do rio ou fora dele. São marcas na paisagem atribuídas a acontecimentos na origem do mundo. Ainda segundo Grunberg, a cosmovisão dos povos Tukano Orientais, que habitam a bacia do Uaupés e Piraparaná, tem como fio condutor a viagem primordial da Cobra da Transformação, que faz a transformação de peixe em gente. Narrativas que dão sentidos aos contornos e elementos do território, especialmente o curso dos rios, passando pelas casas de transformação, os locais onde os povos surgiram, emergindo da vida aquática à terrestre, locais que começaram a ocupar até chegar onde vivem atualmente. Para ele, um número significativo desses petróglifos ilustrados na sua obra são possíveis representações da fauna de região (**Figura 14**).

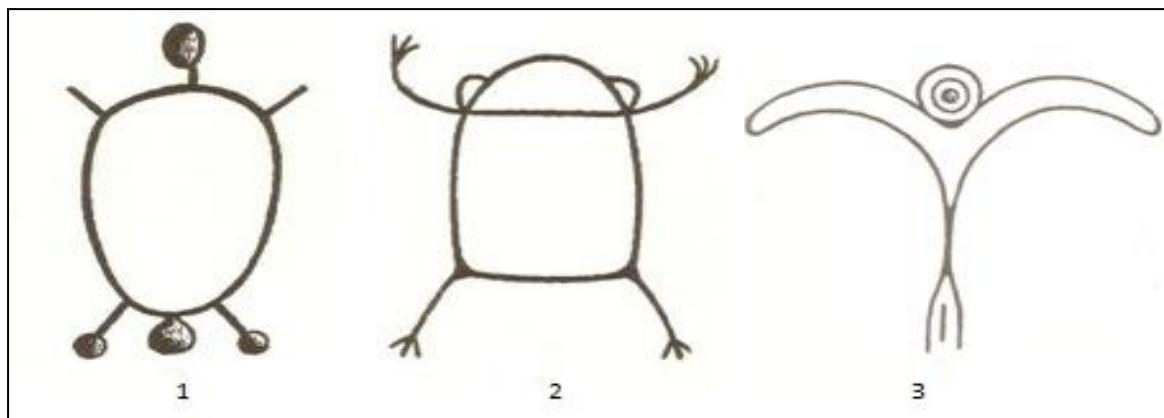


Figura 14 – Imagens de petróglifos da região do alto rio Negro.

Nota: (1) tartaruga, (2) sapo, (3) arara voando.

Fonte: KOCH-GRUNBERG, 2010.

No percurso da história humana, frequentemente essas interações são marcadas por uma clara dualidade: de um lado, erguem-se as vozes que defendem a utilização dos demais animais pelo homem, de maneira menos ou mais exploratória, mas sempre justificada por uma diferença de *status* moral entre “nós” e “eles”; do outro lado, vozes que advogam direitos morais básicos aos animais, tais como o direito à vida, à integridade física e à liberdade.



Figura 15 – Ilustrações de diversos tipos de interações animais.

Fonte: Ilustração 1- <http://historia7alfandega.blogspot.com/2010/08/egiptoreligiao-politeista.html>. Ilustrações 2, 3, 5 - <http://sobrearteeimagens.blogspot.com/2010/03/imagens-primitivas-ou-arte-primitiva.html>. Ilustração 6 - <http://ongazarias.blogspot.com/>.

Essa discussão dicotômica ressurgue em diferentes contextos. Nada tem de moderna nem tampouco está ligada à atual crise ambiental. É bem conhecida entre os vegetarianos, que colocam a discussão como uma herança filosófica helenística. Rafael Bán Jacobsen apresenta em seu texto *Vozes Vegetarianas na Literatura* (2008) essa discussão: no século VI a.C., Pitágoras, filósofo e matemático, já falava sobre respeito animal em sua obra “Do consumo da carne”, pois acreditava na transmigração de almas. Ou seja: de acordo com Pitágoras, os animais não-humanos são seres humanos reencarnados. O pensamento pitagórico foi seguido também por Sócrates e por seus discípulos, incluindo Platão. Assim, filósofos neo-platonistas vieram também a advogar a dieta vegetariana. Na outra ponta, Aristóteles, no século IV a.C., que estudou os animais, argumentou que os mesmos estavam distantes dos humanos na Grande Corrente do Ser ou na escala natural. Alegando irracionalidade, concluía que os animais não teriam interesse próprio, existindo apenas para benefício dos seres humanos. A partir dessas duas linhas de pensamento sobre a relação homem-animal, a linha pitagórica e a linha aristotélica, dividiram-se os pensadores nos séculos seguintes. Thomas (2010) recorda que, no século XVII, o filósofo francês René Descartes (1596-1650) argumentava que animais não têm alma, logo não pensavam e não sentiam dor, sendo assim os maus-tratos não eram errados. Contra isso, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) contra-argumenta, no prefácio do seu *Discursos sobre a Desigualdade* (1754), que os seres humanos são animais, embora ninguém “exima-se de intelecto e liberdade”, logo, como animais são seres sensíveis e conscientes, “eles deveriam também participar do direito natural”.

Desse modo, observa-se que as interações homem-animal – e a discussão sobre o tema – ocorrem já há algum tempo, e que se torna mais evidente quanto mais estreita é a relação de uma sociedade com a natureza. Não é difícil deixar de notar a semelhança do pensamento cosmocêntrico de Pitágoras, em relação ao consumo de carne, com os rituais e até mesmo com as regras observadas pela maioria das etnias indígenas ao caçar um animal e alimentar-se dele, como se oferecessem compensação ritual e simbólica, expressando sua gratidão por sustentarem a vida.

A necessidade de classificação dos animais pelo homem é tão antiga quanto a sua relação com os mesmos. Keith Thomas em *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)* discute o quão antiga é essa relação. Para esse autor:

O conhecimento razoável do mundo da natureza era, assim, visto como certo, e pobre do homem que não pudesse distinguir um falcão de uma garça. É possível que as origens de tal conhecimento repousem, como sugeriu o antropólogo Claude Lévi-

Strauss, no desejo universal que têm todos os povos, “primitivos” ou não, de conhecer e classificar seu meio ambiente biológico, seja simplesmente pelo saber em si, seja pela satisfação de impor um padrão a seu meio circundante (THOMAS, 2010, p. 99)

Para Thomas (2010), “toda a observação do mundo da natureza envolve a utilização de categorias mentais, com que nós classificamos e ordenamos a massa de fenômenos ao nosso redor, para compreendê-la”. No início do mundo moderno, quando mesmo os naturalistas viam o mundo de uma perspectiva essencialmente humana (antropocêntrica), havia essencialmente três categorias de classificação para os animais: comestíveis e não comestíveis, ferozes e mansos, úteis e inúteis, sendo a primeira a mais fundamental. Ainda para o autor, existia a distinção feita entre “selvagem” e “doméstico”.

No século VIII, a Igreja decreta proibições quanto a comer gralhas, corvos, cegonhas, lebres, castores e cavalos, os últimos devido à sua associação com um culto pagão. [...] Não obstante, proibições igualmente fortes, porém implícitas, regulavam os costumes alimentares no cotidiano dos ingleses; e elas se refletiam nas classificações dos naturalistas. Mais frequentemente, era a natureza da dieta específica de um animal que determinava seu estatuto comestível. Os animais mais usados como alimentos eram os vegetarianos, enquanto os animais carnívoros ou que se alimentavam de carniça, eram rejeitados como sujos. [...] Os antigos bretões consideravam errados comer lebres, galos ou gansos, criaturas destinadas ao prazer e ao entretenimento; as dúvidas quanto a comestibilidade das lebres persistiram por muito tempo, sendo difundida a crença de que se uma mulher grávida se alimentasse da carne delas daria à luz uma criança com lábios leporinos (THOMAS, 2010, p. 72-74).

As representações acerca do mundo animal e sua relação com o mundo humano constituem quase sempre ambivalências, mesmo na moderna sociedade capitalista abastada de tecnologia e virtualidade/artificialidade, onde os animais tradicionalmente se tornam emblema das criações sociofilosóficas tipicamente humanas. Conforme Ronecker (1997), o homem manifesta sentimentos ambivalentes quanto aos animais (inveja, humilhação, rejeição, exaltação), projeta neles ódio, desejo, paixão, medo e temor, atribuindo-lhes um simbolismo. A imaginação associa a coruja, o morcego, o sapo e a serpente, à feitiçaria; cria entes fantásticos como dragões e hidras; mistura o corpo humano ao de outros seres (deuses do antigo Egito, criaturas mitológicas). O sapo, animal lunar, deus das chuvas, símbolo sexual e da morte, responsável por eclipses, representa o Diabo. A serpente liga-se à Deusa Mãe, à água e à terra, ao terror primordial, à fecundidade, às chuvas, à morte e ao renascimento. O beija-flor, condutor de almas, salva a humanidade da fome, simboliza a virilidade. O jaguar conduz almas, devora astros, causa eclipses, representa a deusa Lua-Terra, um herói

civilizador e primeiro utilizador do fogo. O macaco, símbolo sexual, mago, deus artista, herói civilizador, inventor do fogo, encarna o Diabo, representa o Sol.

Nesse sentido, a percepção dessas relações pelos humanos são positivas ou negativas, harmônicas ou antagônicas. Podem ser diretas e indiretas, pressupondo-se assim, que as diretas têm relação de uso mercantil mais acentuado, portanto, inicialmente benéfica apenas ao homem. As relações indiretas podem ser percebidas (intencionais) ou não, como exemplo à alteração que ocorre na dieta de porcos selvagens (*Tayassu* sp) que se alimentam dos cultivos nos roçados amazônicos. Outro exemplo, cristalizado na região, é a relação dos golfinhos (botos) com os homens. Nesse caso, o boto-vermelho (*Inia geoffriensis*) é visto como mau, pois, além de interferir na atividade pesqueira, trazendo prejuízos como o retalhamento das malhadeiras e a competição pelo peixe, ainda carrega o estigma de bicho encantado, que tem o poder de seduzir as mulheres, enquanto o golfinho-tucuxi (*Sotalia fluviatilis*) goza de empatia, uma vez que não tem o mesmo comportamento do outro. A representação social desse bicho é diametralmente oposta ao do boto-vermelho. Na comunidade estudada, o golfinho-tucuxi foi classificado como “engraçado”, “brincalhão” e nunca como inimigo.

2.2 A AMAZÔNIA E SUAS INTERAÇÕES DE FAUNA CULTURALMENTE ESTABELECIDAS

Para a compreensão da relação homem-animal nas comunidades rurais da Amazônia brasileira, faz-se necessário um entendimento de suas manifestações sociais, pautadas na construção de um modo de vida específico historicamente marcado por singularidades concretas, onde as relações comunitárias de sociabilidade são mediadas por fatores que envolvem organização social, representações do mundo religioso, economia e trabalho, a partir de formas diferenciadas de aproveitamento múltiplo dos recursos naturais disponíveis. De acordo com Posey (1987), na classificação zoológica popular, os seres humanos percebem, identificam, classificam e utilizam os animais de acordo com os costumes e percepções próprios de cada cultura, estabelecendo uma diversidade de interações com as espécies animais nas localidades onde residem. Para Diegues (1996, p. 43):

O saber local representa o saber acumulado dessas populações, entre outros, sobre os ciclos naturais; a reprodução e migração da fauna; a influência do ciclo solar e da lua nas atividades de corte de madeira e da pesca; sobre os sistemas de manejo dos recursos naturais; os efeitos negativos do exercício de atividades em certas áreas ou período do ano, tendo em vista a conservação das espécies. Portanto, é através do etnoconhecimento que o saber local e as técnicas patrimoniais são expressos e, sobretudo, a demonstração de uma relação simbiótica entre o ser humano e a natureza.

Dessa maneira, o elemento fauna é parte constitutiva da cultura na sociedade. As interações com a fauna silvestre – descritas até agora – nessas comunidades vão desde o conhecimento do comportamento de várias espécies de vespas, pois utilizam seus ninhos, pupas e larvas para a preparação de um artefato de pesca (PEZZUTI & CHAVES, 2009), até a criação de pequenos mamíferos nas aldeias, como *pets*, para as crianças aprenderem seus comportamentos, e “criação” de aves coloridas (papagaios e araras), que fornecem suas penas coloridas para adornos de roupas e cocares. Pezutti e Chaves (2009) relataram que as larvas dos insetos são retiradas dos favos e esmagadas e misturadas a uma pequena quantidade do veneno, formando-se uma bolinha, e lançadas na água. Os peixes, atraídos pelo barulho e pelo odor das larvas esmagadas, ingerem essa isca e em poucos instantes começam a se debater na água e a boiar, sendo coletados pelos índios com flechas ou mesmo com a mão. Silva (2008) observou que receitas e práticas medicinais baseadas no mundo animal consistem numa fonte secundária (a primeira é a vegetal) de tratamento médico em diversas regiões do Brasil rural, a autora cita cerca de 60 espécies animais que são conhecidas no médio rio Negro com propósitos medicinais, e que esse conhecimento é bem distribuído entre os sexos (homens e

mulheres) e entre localidades (urbano e rural). Ainda segunda a autora, o uso de animais medicinais está imerso em conceitos etiológicos e envolve uma complexa visão cosmológica do processo de cura.

Outro fator determinante para as diversas interações homem-animal na Amazônia é o misticismo que muitas espécies representam. Para Lima e Pozzobon (2005 p. 49),

A cultura ecológica amazônica “mitógena” (advinda do mito) é aquela em que os elementos do ambiente natural são pensados segundo seu papel no mito e seu lugar no cosmo nativo. Esse tipo de cultura ecológica, eminentemente indígena, tem em comum com a cultura ecológica, aqui chamada de “tradicional”, a transmissão oral de conhecimentos de uma geração para a outra. Essa cultura ecológica amazônica “mitógena” é uma perspectiva não dualista – isto é, que concebe uma ordem integrada e comunicante entre a sociedade e a natureza –, como se revela numa série de histórias de transformação de pessoas e espécies animais em seres míticos pelo “encante” (SLATER, 1994), além de vastos conhecimentos ecológicos. Como entre as sociedades ameríndias (DESCOLA, 1994; ÂRHEM, 1996), a esta cosmo-ecologia não dualista correspondem modelos de interação com o ambiente embasado em uma série de mitos, sanções e tabus que regulam as atividades de exploração de espécies naturais, como o curupira, as mães de “bichos”, a panema e outros tantos (GALVÃO, 1955; da MATTA, 1973).

As populações tradicionais acumulam, através de gerações, um profundo conhecimento sobre o ambiente que as cerca, baseando-se na observação direta dos fenômenos e elementos da natureza e na experimentação empírica do uso dos recursos naturais disponíveis. Este uso é orientado por uma série de conhecimentos obtidos mediante a relação direta dos membros da comunidade com a natureza e da difusão das diversas informações transmitidas oralmente (e outras formas) entre as gerações.

As estratégias de reprodução da vida social engendradas por esses indivíduos envolvem tanto a transformação de algumas estruturas quanto a permanência de outras num processo dinâmico. Segundo Bourdieu (1983), a dinâmica social, necessariamente marcada pela produção e re-produção das condições de sobrevivência, pode ser focalizada através da geração de estratégias de reprodução. “Longe de ser o produto automático de um processo mecânico, a reprodução da ordem social ocorre somente através das estratégias”. (BOURDIEU, 1992 p. 114). Estas estratégias seriam o produto do senso prático como sentido do jogo, de um jogo social particular, historicamente definido, que se adquire na infância à medida que se participa das atividades sociais. A estratégia surge não como um “ato de livre escolha do indivíduo, mas como um exercício do senso prático de agentes sociais que buscam concretizar suas perspectivas e projetos dentro das condições dadas pelo universo social específico em que vivem”. A estratégia se desenvolve a partir de conhecimentos acumulados, transferidos às gerações futuras por uma prática de oralidade e atividades cotidianas. Bourdieu

(1983, p. 105) faz distinção entre a noção de hábito e *habitus*. Para ele “o hábito é considerado espontaneamente como repetitivo, mecânico, automático, antes reprodutivo do que produtivo”. Em relação ao *habitus* ele afirma:

O *habitus*, como aquilo que se adquiriu, mas que se encarnou no corpo de forma durável sob forma de disposições permanentes. Esta noção lembra então, de maneira constante, que se refere a algo de histórico, que é ligado à história individual, e que se inscreve num modo de pensamento genético, por oposição a modos de pensamento essencialistas (como a noção de competência que encontramos no léxico chomskiano). Aliás, a escolástica designava também com o nome de *habitus* algo como uma propriedade, um capital. E de fato o *habitus* é um capital, que, sendo incorporado, se apresenta com as aparências de algo inato [...] o *habitus* é algo que possui uma enorme potência geradora. Para resumir o *habitus* é um produto dos condicionamentos que tende a reproduzir a lógica objetiva dos condicionamentos, mas introduzindo neles uma transformação; é uma espécie de máquina transformadora que faz com que nós ‘reproduzamos’ as condições sociais de nossa própria produção, mas de uma maneira relativamente imprevisível, de uma maneira tal que não se pode passar simplesmente e mecanicamente do conhecimento das condições de produção ao conhecimento dos produtos. (BOURDIEU, 1983 p. 105).

Para Witkoski (2007), o conceito de *habitus* permite analisar o conjunto de ações pautadas por predisposições ancoradas em determinadas regras e valores que são internalizados pelos indivíduos pertencentes a um grupo ou classe social. Bourdieu (1983) afirma que o *habitus* não é destino, é o produto da história, um sistema de disposições aberto, que é confrontado com experiências novas o tempo todo e é afetado por estas, também incessantemente. O *habitus* está incorporado no indivíduo como resultado de um longo processo de socialização de caráter cotidiano, pois é uma estrutura estruturante, além de ser simultaneamente estruturada.

O processo de socialização dos indivíduos nas sociedades tradicionais, dentre outras formas, se dá basicamente pela imitação. Na comunidade Tapiíra, é comum a criança acompanhar os pais nas diversas tarefas cotidianas, domésticas ou não. Tirar água da canoa, por exemplo, pode ser a primeira tarefa do menino no sentido de sua iniciação no mundo da pesca. Ele poderá ainda colocar a isca no anzol do pai ou ajudar a remar a canoa. Quanto à caça, ele poderá ajudar a preparar uma armadilha. A menina que acompanha a mãe nas tarefas da casa é socializada para o cuidado da mesma, do preparo da comida, do plantio de uma horta etc. No processo de socialização são repassadas também as atividades da rotina do trabalho, que geralmente começa às 5 horas da manhã e só termina com o cair da noite; a confecção de alguns instrumentos de trabalho como a malhadeira ou o manuseio de outros, como o anzol, enxada, o terçado, a poronga etc. O processo de socialização perpassa ainda questões de aprendizagem quanto ao conhecimento e extração dos recursos da floresta, das

plantas medicinais etc. Sob a ótica Durkhemeana, esses acontecimentos são fatos sociais, pois essas práticas estão difusas nas sociedades tradicionais, portanto, têm um caráter de generalidade e são exteriores aos indivíduos. São práticas orientadas pela consciência coletiva que exerce pressão sobre os indivíduos no sentido de uma socialização das práticas. O processo de aprendizagem das técnicas de reconhecimento das plantas (dos poderes curativos e mágicos das mesmas), dos hábitos dos animais, dos peixes etc., não se dá de maneira formalizada. Contudo, elas são repassadas (socializadas) a partir de um modelo educacional informal que possui características próprias, aspectos ligados fundamentalmente a uma tradição de oralidade desses sujeitos sociais.

Como dito, a transferência de saberes ocorre no cotidiano, as crianças estão presentes em praticamente todas as atividades exercidas pelos pais, seja nas casas ou nos locais de trabalho. A atividade da pesca (que no caso de Tapiíra é de subsistência) é assimilada cedo pelas crianças, principalmente os meninos. Com pouca idade, eles já sabem guiar bem uma canoa (tanto meninos, quanto meninas). Guiar essa montaria pelos rios amazônicos com pequenos remos exige técnica apurada, que não é aprendida a partir de uma educação formal em salas de aulas, mas é assimilada pela criança desde cedo observando os mais velhos. A repetição das atividades dos homens pelas crianças, na forma de brincadeiras, competições entre eles, ou mesmo no auxílio ao trabalho do pai faz que com que essas técnicas sejam aprimoradas ao longo da infância e da adolescência. As imagens a seguir retratam bem esse processo de socialização para o mundo do trabalho. À direita, a sra. Rosimeire, tratando uma pirarara que fora trazida pelos filhos, retirada de uma rede que o pai colocou em um igapó próximo. O filho a acompanha e a ajuda. O menino D., da figura à esquerda, está pescando com arco e flecha nos igapós na época da “friagem”¹, período em que os peixes ficam mais fáceis de serem capturados. Nesse período, os homens da comunidade aproveitam para capturar espécies como aracu, pacu, piranha preta, jandiá, tucunaré, dentre outras espécies consumidas na comunidade. Dependendo do nível das águas, é comum a captura de cabeçudo e iça com o jaticá, uma espécie de zagaia que possui uma ponta de ferro menor, suficiente

¹ Friagem é o termo utilizado pelos moradores de Tapiíra para denominar curtos períodos do ano (uma semana) em que a temperatura diminui. Friagem é a queda brusca de temperatura, com ventos razoavelmente frios. No Brasil a friagem ocorre na Amazônia ocidental, de maio a agosto. Este fenômeno climático é consequência da penetração das massas de ar polar, passando pelas bacias hidrográficas do Prata e do Paraguai, quando recebe o ar frio das regiões de clima temperado da América do Sul. O tempo mínimo de duração é de três a quatro dias. No período de friagem, por conta da queda da temperatura, os organismos ficam lentos e a água não é movimentada, causando a queda da oxigenação, que leva o peixe a respirar bem próximo a lâmina d'água, sendo capturado com maior facilidade (ENGLE & MELACK, 2000).

apenas para perfurar o casco desses bichos, prendendo-os e evitando que eles afundem e escapem, como pode ocorrer com as flechas.



Figura 16 – Atividades de pesca. Na figura à esquerda, o menino D. pescando com arco e flecha em um período de “friagem”. À direita, o preparo da pirarara pela dona Rosimeire e seu filho.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

Voltando ao conceito de *habitus* de Bourdieu (1983): estrutura estruturada que é ao mesmo tempo estruturante. O *habitus* adquirido na família está no princípio da estruturação das experiências escolares; o *habitus* transformado pela ação escolar, ela mesma diversificada, comparece, por sua vez, no princípio da estrutura de todas as experiências ulteriores, de reestruturação em reestruturação, infinitamente. Witkoski (2007), em *Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais*, afirma que a experiência da reestruturação do *habitus* não acontece tal como poderia ocorrer se as crianças estivessem inseridas no sistema de ensino formal. As comunidades do rio Unini têm escolas regulares, embora só ofereçam o ensino fundamental, contam com professores que inserem nos conteúdos a realidade do rio nos dias atuais, de área de conservação, fato que resultou em uma observação diferente daquela feita por Witkoski (2007) no tocante a reestruturação das relações locais.

Todos os professores da escola em Tapiíra moram na comunidade e, portanto, estão familiarizados com o cotidiano da mesma, fato esse que contribui para uma reestruturação de saberes, trazendo para a escola formal aspectos do mundo vivido da comunidade. O desenho abaixo (**Figura 17**) foi feito por um aluno do 5º ano do ensino fundamental, há dois anos. Foi solicitado em sala de aula que se usasse a imaginação para fazer um desenho criativo, de tema livre. Pressupondo que o desenho reflete a percepção do menino, não há surpresa em observar que o desenho simboliza o cotidiano daquela criança.

As espécies desenhadas ocorrem com frequência em Tapiíra. O porco silvestre é uma carne apreciada pelos moradores e bastante caçada, principalmente nos meses de cheia, os psitacídeos, representados no desenho pela arara vermelha, são os sons mais presentes durante o dia, tornando-se mais estrondosos e difíceis de não serem notados pela manhã ou no final da tarde. A fauna aquática está representada pelo peixe (o alimento mais consumido pela comunidade) e pelo boto-tucuxi desenhado. Em Tapiíra, o boto vermelho e o boto-tucuxi são observados em abundância, mas quando questionado qual deles estava no desenho a resposta veio imediatamente: “o boto-tucuxi”, e ao responder o porquê da escolha, a resposta foi “ele é mais legal, ele pula mais e não estraga rede”. Até o conhecimento da cadeia trófica pode ser identificada no desenho, já que o pequeno peixe está desenhado bem à frente da boca do boto-tucuxi. Borboletas e outras aves são espécies muito abundantes, principalmente nos bancos de areia formados na frente da comunidade durante a vazante, local preferido pela grande maioria dos meninos para brincar. A prática da caça é facilmente identificada pelo desenho do homem segurando a espingarda, quando questionado quem era o homem do desenho, o aluno respondeu: “Meu pai!”



Figura 17 – Desenho de um aluno feito na escola retratando a fauna local.
Fonte: Tiago, 12 anos, morador da comunidade Tapiíra.

Embora a educação formal auxilie na formação de conceitos, para as crianças e adolescentes em Tapiíra, como ocorre em grande parte das comunidades rurais da Amazônia, o aprendizado pela imitação e a transmissão dos saberes dos mais velhos pela oralidade tem um papel valioso. Esses saberes não são conhecimentos solidificados, mas vão se re-estruturando com a introdução de informações e acontecimentos internos e externos à comunidade.

Com o advento da criação do PNJ, em 1980, a prática da caça sem autorização, para comercialização da carne e/ou do couro, passou a ser exclusivamente exercida para promover a alimentação dos próprios moradores. Embora a Lei de Caça (Lei Nº 5.197), que restringe a prática, date de 1967, a realidade geográfica, ambiental e social da região amazônica permitiu uma “tolerância” maior com relação à atividade. A população “jovem” (até 35 anos) da comunidade Tapiíra se desenvolveu junto à realidade da demarcação de áreas protegidas na região. Deve-se lembrar que, para esses jovens que cresceram dentro de uma nova realidade, a de áreas protegidas, a educação informal era proporcionada pelos mais velhos, senhores(as) que na sua maioria viveram do extrativismo vegetal (seringa, castanha, andiroba etc.) e animal, que, conforme relato dos moradores, estava baseada na exploração de animais tais como os porcos amazônicos, o jacaré-açu, veados, ariranhas, lontras, pirarucus etc. Esses senhores, com idade superior a 60 anos, pais de moradores jovens (18-35 anos) e que estão presente em uma pequena quantidade na comunidade (quatro indivíduos) contam como eles, seus “compadres” e parentes mais velhos (pais, tios, padrinhos) extraíam o couro e a pele dos animais para venda e como escoavam os produtos. A geração de crianças e adolescentes em Tapiíra está convivendo com o fato de o local ser uma área protegida muito mais que seus pais, que “nasceram junto” com o Parque Nacional do Jaú, mas que foram socializados pelos seus antecessores, que viviam em uma realidade bem distinta, de livre exploração dos recursos naturais, principalmente com relação ao extrativismo. Essa geração de 18-35 anos, que cresceu junto com o PNJ, embora socializados pelos pais, foi diluindo gradativamente no seu cotidiano a transformação da área em que vivem em Unidade de Conservação, às consequências dessa mudança, adaptando-se a essa nova realidade.

Registros na Revista da Associação Comercial da Amazonas (ACA) e nos Relatórios anuais da mesma associação não só demonstram a veracidade das histórias contadas pelos mais velhos, como também mostram que existiam estímulos a essa produção, como se pode ver no Relatório de 1944, onde a ACA pede auxílio à Interventoria Federal para promover o aproveitamento de carne do jacaré que era caçado para a venda do seu couro. O texto traz o problema do desperdício dessa carne, uma vez que ela poderia ser utilizada como fonte de

alimento para as populações locais e até para exportação, se pudessem ser instituídas técnicas de beneficiamento inclusive do óleo, que também era desperdiçado. Apesar de ser um texto da década de quarenta, ele traz consigo ideias gerais do manejo de uma espécie, com sementes germinativas e ainda de uma preocupação ambiental (vide anexo).

2.2.1 A cura pelas substâncias animais

Segundo Rodrigues (2001), na sabedoria tradicional amazônica, os animais não têm substâncias próprias para a cura de doenças físicas. Na realidade, para muitas etnias, a doença física é apenas a externalização de doença espiritual. Os princípios da medicina hipocrática-galênica, especialmente a noção de equilíbrio como fundamento de saúde, formam a base da explicação das doenças na medicina popular brasileira. A oposição quente-frio foi identificada em vários estudos realizados no Brasil e na América Latina. Os humores corporais, através do equilíbrio de suas qualidades, devem manter o organismo sadio, sendo a doença a ruptura desse equilíbrio. Dessa forma, a doença instala-se quando uma das qualidades do corpo humano ganha predomínio sobre as outras pela ação de um agente interno ou externo.

Os mitos, recorrentes em toda a região de estudo, expressam regras culturais (códigos de ética) que organizam a reprodução da vida física e cultural dessas populações. Dessa forma, a transgressão de certas regras culturais (caça ou pesca excessiva, por exemplo) pode provocar doenças espirituais (“doenças de encante”), cujos sintomas incluem a ocorrência de alucinações, estados febris, fortes dores de cabeça e no corpo (pessoa vítima de ‘fincamento’ no olho) e alucinações ocasionadas por feitiço de “encantado”. As doenças ocasionadas por feitiço são definidas como “estrago”, “macumbagem” ou “espírito do bicho que pega a pessoa” (“ela adocece, fica assustada, vendo gente, bicho, não pode dormir, fica com medo”). A etiologia dessas doenças apresenta consideráveis semelhanças com os relatos coletados por Maués (1990) entre os ‘caboclos’ do Pará (SILVA, 2008, p. 353).

O conhecimento do uso de animais e/ou parte de animais para a produção de receitas caseiras, embora pouco explorado pelos pesquisadores, parece ser abundante na Amazônia, perdendo apenas para as soluções, xaropes e banhos confeccionados a partir de produtos vegetais. Na comunidade pesquisada, há utilização dessas receitas caseiras, embora de maneira menos comum que no passado. Um dos fatores que contribuiu para a diminuição de receitas caseiras em Tapiíra foi a instalação de um posto de saúde em 1999 com a presença de um agente de saúde fixo.

Segundo Mendes (2004), no início do trabalho, a agente de saúde ficava no posto de saúde o dia inteiro, aguardando qualquer problema ou emergência. Foi quando ela percebeu que poderia fazer melhor seu trabalho se fosse visitando as pessoas de casa em casa, lendo

livretos de cura de doenças com chás e elementos da natureza, em especial um livro da Pastoral da Saúde – Arquidiocese de Manaus – que falava de remédios caseiros. Assim, a agente de saúde ia conscientizando os moradores sobre formas de curar doenças e ainda tinha o papel fundamental de valorizar as propriedades curativas de remédios caseiros e naturais.

Segundo o relato de dona Francisca, agente de saúde, no início do trabalho, a chegada de medicamentos no posto era inconstante – atualmente ocorre com maior regularidade. Ainda segundo ela, os medicamentos mais utilizados são: AAS (para dores de cabeça e febre), amoxicilina, dipirona, paracetamol (gripe, dores de cabeça), hidróxido de alumínio (dor de estômago), soro oral (diarréia), antiparasitários e primaquina (malária). Também são prescritos receitas de chás e gargarejos (para dor de estômago: chá de casca de laranja com boldo, chá da flor da perpétua; para febre e gripe: xarope caseiro; chá de alho com limão; dor de garganta: gargarejo com limão). Mendes (2004) cita dados semelhantes em seu trabalho *Vidas de parque: uma etnografia sobre os ribeirinhos do Tapiúra, no Parque Nacional do Jaú*, confirmando os relatos da agente de saúde. No entanto, para sintomas como febre, gripe e dor de cabeça, onde poderia haver maior indicação de remédios naturais, os remédios mais prescritos são justamente os alopáticos, sobretudo AAS, dipirona e paracetamol.

O fato de a agente de saúde incentivar o conhecimento dos remédios caseiros em suas visitas, mas também indicar principalmente os remédios alopáticos em casos de febre, gripe e dores de cabeça revela certa contradição. Para Mendes (2004), algumas hipóteses podem explicar este fato: a descredibilidade nos remédios caseiros por ambas as partes (paciente e agente de saúde), apenas pela agente de saúde ou apenas pelo paciente. Nesse caso, para cumprir o que os moradores acreditam ser sua função, a agente prescreve os remédios alopáticos. Há ainda a hipótese de que mesmo que acreditem no poder dos remédios caseiros, ambos consideram que o papel da agente de saúde é o de trazer a ciência e o seu conhecimento – em forma de remédios alopáticos – para a vida dos moradores. Em todas as hipóteses, percebe-se fortemente o fato de a agente de saúde ter um papel a representar e a necessidade de assumir este papel.

O aumento do uso das drogas convencionais também pode ser atribuído ao processo migratório cada vez mais intenso, principalmente dos jovens das comunidades para os centros urbanos e, também, de certa forma, pelo amplo alcance dos meios de comunicação, que, em determinados momentos, insistem numa visão dicotômica de oposição campo-cidade, onde o campo é visto quase sempre como sinônimo de atraso em comparação com o “avançado”, o “moderno” da cidade. Nesse sentido, remédios industrializados e tratamentos convencionais recebem o *status* de verdadeiramente eficientes, por serem produzidos e recomendados por

“especialistas” gabaritados e por renomados laboratórios. Obviamente é preciso relativizar quando surgem situações específicas, que necessitam de investigações mais profundas para um diagnóstico preciso, contudo, não se pode desprezar o conhecimento dos moradores sobre as plantas medicinais que são utilizadas por eles há séculos.

Mesmo com o decrescente uso de remédios caseiros pelos moradores, ainda é possível observar a prática da reserva de algumas substâncias animais nas residências. A caça de espécies da fauna silvestre para alimentação é muito comum na comunidade. Apesar de o objetivo da caça ser a promoção de alimento, quando uma espécie é caçada, existe a utilização da carcaça quase em sua totalidade. Assim, muitas substâncias ou partes dos animais são utilizadas para a confecção de óleos, chás, cremes que são utilizados para a cura de alguma doença ou machucado. Também são utilizados chás para “tirar olho grande”, “dar coragem” e cremes são produzidos para hidratação do corpo a partir da banha de algumas espécies, como a banha da tartaruga.

Esses aspectos revelam a dimensão simbólica de uma cultura híbrida que agrega elementos da cultura indígena, negra e a do branco colonizador; de religiões como o cristianismo e outras religiões afro-brasileiras, criando uma espécie de crença coletiva sincrética, na qual a magia se apresenta sob três aspectos: a crença do feiticeiro em suas técnicas de cura, a crença do doente no poder do feiticeiro e, por último, a confiança e a opinião coletiva da comunidade sobre o feiticeiro (STRAUSS, 1991).

Entendem-se todas essas crenças e narrativas como sendo a memória insistindo, resistindo aos conflitos. A análise destes fatos é um verdadeiro debruçar-se na cultura de um povo, no seu modo de vida, situá-la em sua historicidade de tempo e espaço. De acordo com Ranciaro (2004, p. 196):

É entendê-la como parte de uma totalidade de elementos constitutivos e primordiais da vida material dos indivíduos. Realidade que, ao analisá-la, descortinam-se inúmeros significados, dela captados pelo mundo das ideias, que estão concretamente representados nas palavras ao expressarem valores, preceitos, crenças e sentimentos. É neste contexto que cada gota de orvalho, de cada planta, cada animal, cada pedra formam um conjunto de elementos que funciona como coadjuvante de um vasto cenário enfeitado de estrelas, iluminado pelo sol, pela lua e movimentado pela dinâmica das águas, da terra e da floresta.

Como dito, as crenças mágicas dos moradores de Tapiíra são fatos sociais, pois são práticas presentes em toda a comunidade. Têm um caráter de generalidade e são exteriores a elas. São práticas orientadas pela consciência coletiva que exerce pressão sobre os indivíduos no sentido de uma socialização das práticas. Fato que pode ser comprovado quando da

transmissão do conhecimento às futuras gerações. O processo de aprendizagem das técnicas de reconhecimento das plantas e animais (dos poderes curativos e mágicos das mesmas), não se dá de maneira formalizada, elas são repassadas (socializadas) a partir de um modelo educacional informal que possui características próprias, aspectos ligados fundamentalmente à tradição de oralidade desses sujeitos sociais.

Dentre as diversas “prescrições” (re)conhecidas pelos moradores, uma das mais utilizadas (presenciadas mais de uma vez durante a pesquisa *in loco*) é a utilização de penas de aves, couros de peixes e répteis ou carapaças que são queimados em pequenos fogareiros. A fumaça produzida pelo que está sendo queimado é o “medicamento” utilizado. Como é muito utilizado para bebês e crianças, os pais carregam o filho que está doente no colo e o “passam” pela fumaça. Cada parte de um animal – cada “receita” – é específica para uma doença. Abaixo, a moradora Josineide, 21, relata esse tipo de prática, onde parte dos animais que são usados para produzir a “fumaça terapêutica” e, também, sobre um chá para hemorragias.

Tem coisa que a gente queima. Pra te queimar assim com a doença. Pra defumação. Usa com pena de macauã, de gavião [...] Põe dentro assim da areia e aí queima pra defumação assim na criança. Pra doença da criança que pega a criança assim e deixa a criança deficiente [...] Do gavião assim a gente tira só as penas, do jacuraru só o couro... pode ser pena de galinha preta arrepiada [...] Não tem aquele chifre do boi? Então a gente põe também. Põe dentro do fogareiro aceso assim com carvão e deixa aquela criança ali perto e passa a criança pelo meio. Eles fizeram com o Leandro. Era a doença que ele tinha. É de deficiente. É uma doença que a criança se entorta todinha assim. Como se tivesse com câimbra assim. Se entorta toda [...] Tem couro de um peixe que usa. O cuiu. A gente faz o chá e toma. Serve para hemorragia. É um tipo de peixe assim como um boto, a feição de um boto, só que não tem o bico grande. Mas tem aquela serrinha assim. Ele é preto. Só que é um peixe que a gente come. Eu até como. Parece com o couro da pirarara. Só não a cor. Só que ele tem uma serrilha assim no meio. Aí a gente tira só a serrilha. Faz o chá. Queima assim a serrilha, aí pila ela assim e aí faz o chá e coa. Aí a gente toma (Josineide, 21anos, moradora).

A moradora menciona também a facilidade para tratar coisas simples com remédios alopáticos, indicados pela dona Francisca, a agente de saúde.

Esses remédios que eu tô falando pra senhora, usa ainda. Só que não diariamente, né? Hoje tem a Francisca como agente de saúde. Antigamente assim, dessas medicinas assim né, não tinha assim posto nas comunidades né? Aí eram as mães mesmo que faziam né? Hoje já corre direto pra Francisca. Tem um chá que é de salva de Marajó, faz ele pondo água e aquelas folhinhas no copo e aí põe uma tampinha assim de colocar casca de laranja que a gente coloca pra secar. Esse aí serve pra dor de barriga. Só que agora não faz mais. Quer dizer, o pessoal até sabe fazer, mas prefere vir chamar a Fran pedir remédio. (Josineide, 21anos, moradora).

No final da conversa, ela diz que muito do que ela sabia, havia visto a mãe fazer, como ela mesma menciona a seguir:

É, tem vários remédios. Porque eu não lembro muito. Agora assim a mamãe que sabe muito de remédio assim. Que ela é mais velha que eu e eu já vi ela fazendo, eu tinha um livrinho assim que era dela, deram pra ela, só de remédios caseiros. Uma vez a mamãe usou a banha da onça pra curar o Leandro da asma [...] A gente tira a banha dela. Serve pra asma. Derrete e faz um chá. Primeiro faz uma chá dessa cebola de cabeça, aí põe mel aquela banha dentro, daí bate, bate bem, daí dá pra criança tomar. Ah, mais é horrível. Ela deu pra esse meu aqui. Ele tava com asma [...] a banha da onça a minha cunhada tinha um pouco. (Josineide, 21anos, moradora).

Existem também algumas espécies que são caçadas especificamente para a produção daquele “medicamento”, como é o caso das serpentes não peçonhentas, como as jibóias e as sucuris. As serpentes em Tapiíra são mortas quando encontradas próximas a casa, no quintal ou na roça, por representarem perigo (quando são peçonhentas) ou mesmo quando não peçonhentas são abatidas para a produção de óleo a partir da banha do animal. Nesse caso, jibóias e sucuris podem ser poupadas se forem jovens (não apresentam quantidade de banha suficiente) ou quando são avistadas distantes das casas e quintais. Abaixo (**Figura 18**), o morador Manuel, 26, mostrando uma sucuriju e o local onde foi feito o corte para a retirada da banha. No caso desses animais, é raro sair para caçar o animal para esse fim, geralmente os animais que são encontrados e abatidos são, na grande maioria das vezes, encontrados durante outra atividade ou por acaso, como no roçado ou em uma pescaria, por exemplo.



Figura 18 – Sucuriju caçada para retirada da banha.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

A banha do animal (gordura localizada na região do peritônio) é retirada e colocada em um recipiente para ser “apurada” (no fogo), derretida, é armazenada em pequenos recipientes. O óleo das sucuris (chamada na comunidade de sucuriçu) normalmente é utilizado para a cicatrização de feridas, enquanto a banha de quelônios terrestres (jabuti) é utilizada para desfazer inchaços causados por torções e batidas. Já a banha da tartaruga é muito utilizada para tratar hérnia, dona Francisca, agente de saúde, explica que o procedimento para a produção de óleos de quelônios é o mesmo que o utilizado nas sucuriçus. No caso de torções e hérnias, onde se usa os óleos dos quelônios, a pessoa deve passar o óleo na região à noite, antes de dormir, e fazer uma pequena massagem. A banha dos animais também pode ser utilizada para fins cosméticos, transformando-se em cremes para serem utilizados pelas mulheres para a hidratação do corpo. A banha batida junto com perfume é utilizada no corpo e na face para hidratação, e também é utilizado para espinhas. Observamos nas imagens abaixo óleos produzidos a partir da banha de animais e uma cabeça de queixada de onde será retirada a presa.



Figura 19 – Óleos de animais. Recipientes com óleos de jabuti (frasco escuro) e óleo de sucuriçu (frasco verde). À direita, uma cabeça de queixada de onde será extraída a presa.

Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

Partes do corpo dos animais caçados também são utilizadas, como ocorre com a queixada, que tem suas presas arrancadas. O morador Antônio, 36, diz que as presas são fervidas e o chá utilizado (tomado) para mordida de cobra, também usam o chá como solução tópica para essas mordidas ou mesmo outros ferimentos. Já a dona Francisca recomenda o chá do dente do queixada, solução oral, para pneumonia. Ela também conta que já usou a banha de manguari, uma ave semelhante à garça, para inflamação.

2.2.2 A arte e a cultura da caça

O hábito da caça na Amazônia advém da herança cultural indígena e deve ser pensada englobando outros aspectos da dimensão social e cultural. De acordo com Santos-Fita e Costa Neto (2007, p. 100): “A manifestação do conhecimento zoológico tradicional remonta ao tempo em que os primeiros hominídeos tomaram interesse pelas espécies animais com as quais conviviam e das quais dependiam para sua sobrevivência material e simbólica”.

Os seres humanos possuem uma conexão emocional inata (portanto, genética) com as demais espécies da Terra (WILSON, 1989). Esta ligação emotiva varia da atração à aversão, da admiração à indiferença. A interdependência da espécie humana com os demais elementos bióticos da natureza tem sido explicada pela hipótese da biofilia, segundo a qual o homem teve 99% de sua história evolutiva intimamente envolvida com outros seres vivos, tendo desenvolvido um significativo sistema informacional acerca das espécies e do ambiente, que se traduz nos saberes, crenças e práticas culturais relacionados com a fauna de cada lugar. Desse modo, as atitudes do homem direcionadas aos animais evoluíram bem antes das primeiras tentativas de representá-los tanto nas artes e na história quanto nas ciências (SAX, 2001) (SANTOS FITA & COSTA NETO, 2007, p. 100).

Segundo Moran (1990), a caça na Amazônia consiste numa atividade sazonal relevante, cuja alternativa de alimentação é de extrema importância, além de ser uma atividade de socialização fundamentalmente masculina, mas sem a orientação mercantil (pelo menos na comunidade pesquisada). Dessa forma, a atividade de caça não pode ser entendida apenas como um processo técnico, ou que esteja somente relacionado ao interesse do comunitário em adquirir um almoço ou um jantar. Apesar de esse interesse ser verdadeiro, e de fato é, ele não é exclusivo. Essa atividade liga-se a um processo cultural, que perpassa o conhecimento da natureza, que obviamente orienta a captura dos animais. De acordo com Pereira *et al.* (2007), o conhecimento tradicional não é pré-lógico ou pré-científico, ele é baseado em observações contínuas dos fenômenos naturais recorrentes de experimentação, de decisão sobre quais os ambientes mais adequados e o uso das técnicas mais apropriadas para a caça. Nesse sentido, o conhecimento dos moradores acerca dos recursos faunísticos e das técnicas de captura podem ser entendidas como tecnologias patrimoniais adquiridas no decorrer dos anos.

No âmbito da comunidade, a captura da caça dá-se principalmente pela técnica de tocaia, através da qual o caçador prepara o terreno na direção de árvores frutíferas, observa o rastro da caça que se alimenta dos frutos e, geralmente à noite, fica escondido esperando a caça chegar para abatê-la. A caça pode ser feita também durante o dia com auxílio de

cachorros. Nessa técnica há um esforço para que o animal fique encurralado e, pressionado pelos cachorros, torne-se alvo fácil para o disparo de uma arma de fogo, no caso a espingarda. Especificamente sobre essa técnica alguns caçadores de Tapiíra revelaram não gostar muito, alegando que os cães da comunidade não estão preparados e muitas vezes assustam a caça. A técnica da armadilha também é pouco utilizada na comunidade. Os moradores alegam que as armadilhas podem machucar os “desavisados” que porventura passem pelo local. Esta pode ser feita com galhos e arbustos, cordas, e até mesmo a própria espingarda, engatilhada e presa por um barbante, de modo que a caça, ao acionar o dispositivo, faça a arma disparar.

Não, isso aí eu não gosto não [referindo-se ao uso de armadilha com espingarda]. Tenho medo eu. E a gente não usa também porque pode pegar o cara que está vindo caçar por trás assim sabe? Lá em Barcelos mataram bem umas duas pessoas assim. O cara vai pra lá e não sabe, dá bem na linha. Pega bem no umbigo do homem, a altura sabe? [...] É uma corda que a gente coloca a espingarda assim atrás e a corda na frente, daí o bicho passa na frente, o ponteiro vai dar lá na corda. É uma batida só. Até um morcego dispara ela se bater a asa nela. De dia o cara desengatilha, só engatilha de noite. Faz uma casinha pro cara ficar lá. Mesmo aqui, são 30 famílias, se por, tem que avisar todo mundo (Antonio, 36 anos, morador).

A proteína da carne de caça é um elemento fundamental para os moradores, mas não é somente isso, há questões subjetivas ligadas ao gosto, ao prazer de degustar a carne de uma caça. A carne de tartaruga (e dos outros quelônios), por exemplo, é bastante apreciada por eles. As aves aquáticas como o pato selvagem, também são capturadas devido à quantidade com que os bandos aparecem nos ambientes aquáticos da comunidade, principalmente no período da seca (embora isso não tenha sido observado). A carne de capivara, da paca, do caititu e da queixada, do veado e da anta também são muito apreciadas. Essas espécies citadas são as espécies de mamíferos mais caçados na comunidade. É muito frequente que as caçadas sejam feitas por mais de um homem, em dupla ou trio, na maioria das vezes entre os membros da mesma família e/ou vizinhos. Essa modalidade de caça revela o caráter solidário e cooperativo da vida em comunidade, pois para o êxito dessa atividade as ações são mais bem empreendidas quando realizadas em conjunto. A carne também é dividida entre os que estavam presentes na empreitada e, também, com seus parentes. Também foi citada, de maneira muito tímida, a ingestão da larva do babaçu e a formiga manivara.

Destacam-se, também, fundamentalmente, mas não somente, no período das cheias, época dos “peixes magros”², algumas aves que compõem a dieta alimentar dos comunitários,.

² O período da cheia na Amazônia de maneira geral é um período de difícil acesso ao pescado, pois há uma maior dispersão dos indivíduos, devido principalmente, ao aumento no volume de água, fato que colabora para o

Aves como o alencór, o pato-do-mato, o mergulhão, a garça e a marreca também são capturados. É a luta pela sobrevivência conjugada com o hábito da caça, herdada fundamentalmente de um de seus ancestrais – os ameríndios. Os animais que habitam as florestas alagadas, terra firme ou os rios não são desprezados.

Outro fator importante da caça na comunidade é a manutenção das práticas de ajuda mútua (*ajuri*). Nesse tipo de trabalho coletivo, a caça e a pesca são práticas fundamentais, pois é dever do anfitrião (o “dono” do *ajuri*) prover o almoço. Ele é o responsável pela alimentação dos seus convidados, e dependendo do tipo de *ajuri* (derrubada, brocagem, plantio, capina e arranquio de mandioca) e do tamanho do roçado, ele precisará de muitos braços para a execução do trabalho. Geralmente um dia antes do *ajuri*, um membro da família do anfitrião ou ele mesmo sai para caçar ou pescar. Os animais mais capturados para suprir as necessidades desse empreendimento são: a anta, a capivara, o queixada, a paca, o pirarucu, a pirarara e o tucunaré. Isso, entretanto, não é uma regra, pode haver variação dependendo das condições de captura dos animais.

Pode-se dizer que, dentre os fatores de manutenção do *ajuri* na comunidade Tapiíra, está a grande quantidade e variedade de caça e peixes de seu lagos, favorecida por uma enorme quantidade de corpos d’água na matas de terra firme e igapó. O almoço dos trabalhadores é garantido usando-se um ou outro recurso animal. Diferentemente de algumas comunidades localizadas no baixo Amazonas – que praticamente não trabalham mais com o *ajuri* devido a vários fatores entre os quais se destacam o esgotamento dos recursos faunístico – a comunidade Tapiíra mantém viva essa tradição e, como dito, é beneficiada pela variedade e abundância dos recursos naturais. Sem a caça ou a pesca, o *ajuri* não poderia subsistir, uma vez que ficaria muito caro para o anfitrião comprar alimentos industrializados para os trabalhadores. A partir da caça ou da pesca, o anfitrião apenas complementa o almoço com arroz, feijão, macarrão e a farinha, a qual ele mesmo produz. Nesse sentido, pode-se afirmar categoricamente que as práticas socioculturais na comunidade Tapiíra são mediadas pela relação direta de seus moradores com a fauna local. Elas estão intimamente ligadas com o hábito da caça e pesca, bem como à abundância dos estoques faunísticos de que a comunidade ainda dispõe para esse empreendimento. A partir da garantia desses recursos, os moradores da comunidade asseguram as condições objetivas para a sua manutenção material e simbólica. As imagens a seguir mostram alimentos (carne de paca e peixes) que servirão de refeição para os trabalhadores.

estabelecimento de número maior de ambientes aquáticos e conseqüentemente de esconderijos. Daí a ideia do período de “peixes magros”, no sentido do aumento do esforço de pesca.



Figura 20 – Os animais para o *ajuri*. Abaixo, à esquerda, o jovem mostra a carne proveniente de uma caçada para um *ajuri* e, à direita, o sr. Tarcísio mostra como deve ser feita a salga. Acima, à esquerda, os peixes para o *ajuri* e, à direita, a hora do almoço do respectivo *ajuri*.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

O trabalho de abate (a caça propriamente dita) é feita pelos homens da comunidade, mas para a limpeza e o tratamento da carcaça, há variações. No caso da sucuriçu que foi pega em um igapó próximo à comunidade, durante uma atividade de pesca ao amanhecer (os homens saem para essa atividade às 5h da manhã), quem a examinou e a cortou foi o sr. Tarcísio. Havia alguns jovens ao redor dele, inclusive os que pegaram a serpente, atentos ao procedimento. Alguns animais, quando caçados fora do núcleo da comunidade e, muitas vezes devido ao seu tamanho, são esquartejados no próprio local da caça, para facilitar o transporte e são tratados apenas quando chegam à comunidade, às vezes nos próprios portos particulares ou mesmo nas varandas das casas. Nesses casos, as mulheres podem ajudar também. Foi observado que quando se trata de espécies “caçadas” ou espécies mais perigosas, como as serpentes, o tratamento geralmente é dado pelo homem, agindo como se estivesse limpando o seu troféu. Entretanto, espécies de quelônios aquáticos, principalmente aqueles que já estão nas residências e, principalmente espécies de peixes que são trazidos pelos maridos ou filhos,

podem ser limpos e tratados pelas mulheres. Nas imagens a seguir, veem-se cenas do tratamento de algumas carcaças de queixada e paca realizado pelos homens que as caçaram e uma mulher ajudando. No exemplo, observa-se o passo a passo do tratamento de uma pirarara realizada pela mulher, que é observada pelo filho, o qual trouxe o peixe capturado na malhadeira armada pelo pai dias antes.



Figura 21 – Tratamento de carcaças. Tratamento de queixadas e pacas que chegaram à comunidade (centralizada acima). Tratamento de uma pirarara e posterior separação das partes, entre elas, a banha.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

2.2.2.1 A estética da caça: as técnicas e os instrumentos

Os instrumentos de caça são bastante variados em Tapiíra. Alguns são produzidos pelos próprios moradores (lanças, arpões, arcos, ponteiros etc.) outros são adquiridos na cidade (espingardas, linhas, facões etc.) Também adotam a técnica dos currais e aquários improvisados, onde os animais – principalmente quelônios – ficam presos, até serem mortos para consumo. Também são chamados de instrumentos de caça o material de apoio (**Figura 22**), que é cuidadosamente preparado e separado no dia anterior à empreitada, como lanternas

personalizadas, pilhas e baterias para alimentar as lanternas, o combustível utilizado para ir até o local de canoa, a quantidade de munição suficiente etc.

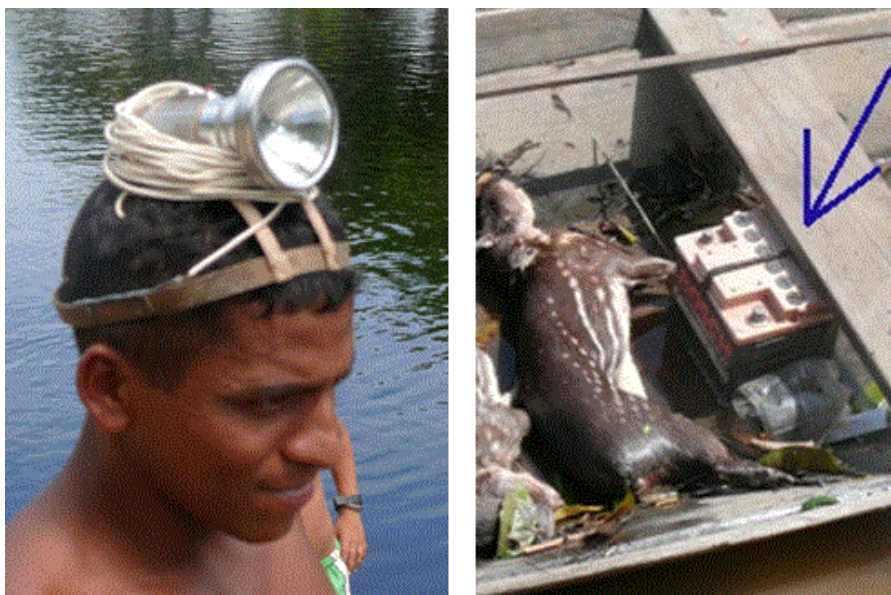


Figura 22 – Material de apoio. À esquerda, lanterna de caça, usada na cabeça para deixar as mãos livres para a espingarda. À direita, a bateria usada para alimentar a lanterna.

Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

Os currais como o do seu Elídio (**Figura 23**), servem para o armazenamento que quelônios maiores, como a tartaruga, pois quase sempre que são pegos³ não são consumidos imediatamente ou no dia seguinte. Também por esse motivo, o animal deve ser flechado/arpoado de um modo que a lança não perfure seus órgãos vitais (uso do jaticá), para que, dessa forma, ele possa ser armazenado por um período mais longo. Quando os quelônios são capturados com as mãos, eles ficam sem ferimentos. Essas são técnicas de armazenamento para que os animais possam ter uma durabilidade maior, uma vez que a comunidade só tem energia elétrica por um período de 4 horas/dia. Cada morador tem o seu sistema de armazenamento de quelônios vivos do modo que acha mais conveniente. Para os quelônios menores, são muito utilizadas caixas de plástico que ficam quase totalmente fechadas (às vezes com outras caixas por cima) para não escaparem. Também para evitar a fuga, elas ficam armazenadas de cabeça para baixo, quando os recipientes estão secos. Podem também conter um pouco de água, o que indica que o animal será armazenado por alguns dias ou até semanas.

³ Na nomenclatura da comunidade, quelônios não são caçados são “pegos” ou ainda “pescados”. Talvez essa nomenclatura se difira pela característica de não-agressividade do animal, já que o termo “caçado” é utilizado para animais que se caracterizam pela agressividade, peso ou rapidez, como o caititu e a queixada, a paca e a capivara, a onça, a anta, o veado etc.



Figura 23 – Currais para quelônios. Acima o sr. Elídio mostra o seu curral de tartarugas. Abaixo, tanques onde eles armazenam os “animais” de casco menores. Quando colocam um pouco de água, é porque o armazenamento será por dias ou até semanas.

Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

A atividade da caça e da pesca em Tapiíra é precedida de uma estética singular. É visível o cuidado dos homens nesse quesito. Essa estética está presente desde a preparação dos utensílios que serão utilizados para a apreensão/abate dos animais e a manutenção dos mesmos até o preparo das carnes. Os artefatos de caça e de pesca são confeccionados com muito zelo, inclusive com materiais próprios para o propósito. Se o objetivo é a confecção de um arco, a madeira empregada deve ter maciez apropriada, da mesma maneira que as lanças.

Da mesma forma que panela bem ariada é sinônimo de uma dona de casa zelosa na comunidade, o cuidado com os artefatos de caça e de pesca, bem como o conhecimento sobre eles e o sucesso das empreitadas, são partes indissociáveis do caráter de um bom caçador e/ou pescador. Isso está ligado à sua autoestima. Na comunidade, é natural a socialização das crianças para os procedimentos de confecção e manutenção dos instrumentos de caça e/ou pesca, bem como comentários públicos pós-caçadas de êxitos e fracassos. Os homens não são arredios nem presunçosos quando a questão é ensinar a confeccionar algum instrumento de caça e/ou pesca. Passam horas, confeccionando com orgulho algum tipo de instrumento,

consertando uma tarrafa ou lubrificando bem a espingarda. Eles as exibem com orgulho, seja pelo fato de estarem lustrosas ou por serem muito eficientes.



Figura 24 – Instrumentos de caça. À esquerda, o morador sr. Nonato mostra o seu “jática” (usado na captura de quelônios), à direita, o sr. Leonardo exibe a espingarda.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

Mesmo o processo de salga das carnes tem um procedimento rotineiro, como se fosse um ritual, que é transmitido aos filhos. Na figura abaixo, o menino D. observa atento ao procedimento de abate e limpeza de uma irapuça.



Figura 25 – Tratando a irapuça. O sr. Edmilson mostra ao filho como abater e tratar uma irapuça.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

São nesses quesitos, do conhecimento de técnicas e do cuidado com os artefatos de caça e também da pesca, que o fator de gênero se torna mais evidente. O preparo dos apetrechos e a pesca propriamente dita parecem ser atividades eminentemente masculinas já que não foi presenciada, durante o período na comunidade, nenhuma mulher pescando ou

arrumando um anzol ou uma linha. No entanto, os peixes, quando trazidos aos portos das casas são imediatamente tratados pelas mulheres, que podem ou não ser auxiliadas pelos filhos e/ou maridos. Já no caso da carne de caça, a presença de mulheres para tratar as carnes foi muito rara, uma única vez foi observado uma mulher junto aos homens no porto cuidando da carne. Inclusive, a “descora” do animal também é feito pelos homens. Em Tapiíra, observou-se que em quase todas as vezes que os caçadores chegavam aos portos, o sr. Tarcísio ia ao local para ajudar e sempre coordenava uma fase da atividade importante, o “descoramento” dos animais. Parece que esse senhor, o sr. Tarcísio, é muito respeitado pelos homens mais jovens pela sua agilidade em tratar os animais caçados, desde a evisceração até a produção dos cortes e procedimento de “salga” das carnes (**Figura 26**).



Figura 26 – Chegada de animais caçados à comunidade. Também o tratamento de “descora” dos mesmos.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

Na maioria das caçadas, os animais já são parcialmente tratados próximo aos locais onde foram abatidos, apenas a tempo de amanhecer (quando são caçados a noite). Esse tratamento consiste em tirar as partes dos animais que possam causar mau cheiro, como o

sistema digestivo, urinário, preservando junto à carcaça apenas alguns órgãos, como o coração por exemplo. Também é feito o corte da carne animal (esquartejamento) quando o mesmo é grande e fica difícil carrega-lo todo, mesmo que sejam dois caçadores. Em todas as vezes em que foi observada a chegada de moradores que haviam saído para caçar (dez vezes no total), excetuando-se uma, foram os homens que trataram todas as carcaças dos animais

Também ficou claro que a socialização dessa atividade ocorre apenas com os meninos – não foi observado nenhum tipo de ensinamento sobre o assunto para as meninas – pois se trata de uma atividade exclusiva aos homens. Nesses casos, pode-se notar a dedicação, assim como a destreza, de alguns pais ao passarem aos filhos seus conhecimentos, como mostra nas ilustrações abaixo.



Figura 27 – De pai para filho. Acima, o sr. Edmilson ensinando ao filho a confecção de uma flecha usando o capim-flecha (*Tristachya leiostachya*). Abaixo, a reprodução da atividade de pesca pelo filho durante um período de “friagem”.

Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

2.2.3 A pesca

De maneira geral, a atividade de pesca na Amazônia está diretamente ligada à sazonalidade. Nessa atividade, a condição cíclica do tempo ecológico aparece com força ainda mais imperativa: pode-se pescar durante todo o ano, mas não há como deixar de observar um maior ou menor sucesso da atividade pesqueira dependente do período da enchente e cheia – de dezembro a julho – e o período da vazante e seca – de agosto a novembro. Inseridos na dimensão cíclica do tempo ecológico, os moradores de Tapiíra saem à pesca, na busca de alimento.

No período da cheia, há um aumento exponencial do esforço de pesca, principalmente para a captura das diversas famílias de peixes couro, denominados peixes lisos (ordem Siluriformes de escama (ordem Characiformes). Os peixes de), também ficam mais dispersos em virtude da maior quantidade de água. Entretanto, a atividade é realizada na maioria das vezes em lugares da mata de igapó, utilizando-se redes, que são colocadas de um dia para outro. Todas as três pirararas e o pirarucu que fora trazido para a casa da dona Rosimeire, durante o trabalho de campo na comunidade, foram capturados dessa maneira, com uma rede colocada pelo marido em um igapó próximo que era vistoriada todos os dias pelos filhos. Todavia, o período efetivo da safra de peixes lisos é a seca, pois é nesse período que ocorre a migração dos cardumes através dos rios em direção às cabeceiras. Na cheia, um fator importante que faz aumentar o esforço de pesca é o fato de os lagos transbordarem e fundirem-se a outros lagos, criando enormes massas de água e uma quantidade maior de esconderijos para a ictiofauna. Segundo Rufino *et al.* (1999, p. 31-110):

O transbordamento das águas enriquecidas pelo aporte de nutrientes de origem terrestre que alcançam lateralmente, ocupando todos os terrenos mais baixos e com a chegada das águas chegam também, os peixes. Ocorre nesse período um longo padrão de separação entre as espécies lacustres e fluviais, que migram para os novos ambientes à procura fundamentalmente de alimento. Um número maior de ambientes oferece também, um número maior de alimentos que são consumidos de acordo com o hábito alimentar das diversas espécies. Há espécies que se alimentam de planctos, outras são herbívoras, outras dentrívoras e assim por diante.

No período das cheias, as distâncias a serem percorridas também são maiores, fato que implica maior consumo de combustível, de tempo ou de força física para remar. Já no período da seca, se o esforço para encontrar peixe é menor, os furos que fazem a ligação entre o lagos e o paranás ou com rio principal secam, fazendo por vezes com que o pescador se desloque “dando a volta” para chegar aonde quer. Quando o período de seca se prolonga muito, alguns lagos perdem a comunicação com os paranás ou com o rio principal, impedindo que a fauna

aquática se desloque para outros ambientes. É comum também, haver a formação de poços em determinados locais com grande concentração de peixes.

Os lagos se transformam em verdadeiros tanques naturais, facilitando dessa forma a captura com menos esforço e, também, em quantidade e variedade maior. Entretanto, esse período, que é reconhecidamente um momento de fartura de pescado, pode ser também um período de eliminação do mesmo. Nesse momento, a pesca comercial praticada quase sempre por agentes externos torna-se uma ameaça aos recursos ictiofaunísticos das comunidades. É preciso ficar atento para a utilização de determinados apetrechos, pois a concentração de peixes é mais elevada e, nesse sentido, uma rede de arrasto⁴, por exemplo, pode varrer o lago facilmente em poucos dias. Esse tipo de apetrecho, muito usado na pesca comercial, é altamente predatório, pois atinge altas profundidades em raio de abrangência muito maior do que uma simples malhadeira comum. Ela funciona como se fosse uma vassoura que limpa o leito dos lagos capturando muitas variedades de peixes de diversos tamanhos. As espécies mais nobres, de maior valor de mercado são separadas e as inferiores são descartadas, quase sempre mortas. Isso faz com que a reprodução das espécies daquele ambiente para o próximo ano fique cada vez mais comprometida até chegar ao ponto de exaustão das mesmas.

Atualmente, não há mais pesca comercial no rio Unini, mas os relatos – principalmente reclamações – dos moradores em relação à época em que os barcos pesqueiros, chamados por eles de “geladores” frequentavam o local são constantes. Todos os moradores encontram um modo de relatar essa época em suas histórias, como se vê no relato do sr. Tarcísio, 70, que conta que, nessa época, ele tinha a preocupação da diminuição dos estoques de pesca e de caça também:

Tem pessoal que ainda hoje diz que aqui é farto. Fartura é o que eu vi quando cheguei. Eu matava anta aqui atrás de casa, ela passava aqui que a gente ouvia o piiiinii (assovio). Já faz uma porção de anos, isso daqui nem existia ainda. Passava bem cortado de casa ai atrás [...] hoje não é igual não, ah, porque já colocaram um monte de roçado, e um monte de gente, elas foram se afugentando, antes a gente fazia era escolher o peixe... pegar um jaraqui, um aracu, tucunaré chega que dava, quando eu via o tucunaré eu só fazia apagar a lanterna e saía devagarzinho, com medo de pegar uma lapada de um...eles pulam na sua costela, na sua cabeça, é porque eles ficam variando por causa do fogo da lanterna, eu só apagava e ia pra outro canto pegar um cará, um caruaçu, aracu [...]

Eu cheguei aqui nos anos 60 [...] aí depois começou a entrar gelador, e era um atrás do outro, tinha dia que passava era de 20, 30 gelador, barco que levava 16 toneladas,

⁴ Para Smith (1979), a rede ou redes de lanço são apetrechos feitos de multifilamentos escuros de nylon. Podem atingir 30 a 80m de comprimento com malhas de 3cm entre os nós opostos. São utilizadas, de maneira intensa, durante a piracema. Falabella (1994) fala em redes de lanços de até 500m.

e agora só os pequenos, só os de 1 tonelada, 2, toneladas, 5 toneladas...ai o negócio tava ficando ruim, tinha gente que falava que o gelador não acabava com os peixes, mas e não? Como que não, se de onde o cara tira ele não se importa? Não aumenta não. A tendência é acabar. Aí nos começamos a escorraçar eles. Iam lá pras cabeceiras, até o rio Preto. Aí começou a entrar o pessoal do IBAMA. Voltou a melhorar. Porque quando eles vinham descendo, eles pegavam era tudo, matava 40, 50 porcos, aí era pirarucu, tudo. Mexeu, eles matavam. E agora não, só nós, nós vai e mata dois porco, três porco, dá um pedaço pra cada um. Aí quando vai fazer um trabalho da uma caçada, mata uma anta pra fazer o trabalho, *ajuri* como chama, né? Que nem o menino foi ali. Matou à faca e convidou a gente pra botar o roçado. E pronto. Vai por aí tirar ovo, aí tira um bocado de ovo, passa dias pra ir de novo. Antes não, vinha todo mundo, entrava gente pra tirar ovo pra vender em Manaus e ainda tem gente hoje que rouba. Passa de noite na base com o motor desligado, só que a gente não sabe quem é porque todo mundo tem rabeta, né? Ouvia só o zoar do motor. Passa lá base de remo. E a gente briga com os gelador. Muita macho aqui na comunidade já foi, até mulher foi no meio. Teve vez que a gente foi falar com o gelador, falava assim: “Vai lá Edmilson” (presidente da comunidade), e era conhecido, lá da Vila Nova, falava assim: “Rapaz, você pescando aqui, você sabe que aqui é área da comunidade, e não pode gelador pescando, se sabe que a gente pesca só para bóia e vocês vêm pra cá pra levar nosso peixe?” Daí o cara respondeu que não, que era só uma bóia que ele tava pescando. Ah, tá! O cara subiu o rio até aqui, com malhadeira e tudo e só veio pra pegar bóia! Se for comparar com o tinha lá atrás, ainda tá recuperando. Os caras levavam tudo. Ainda vai custar muito!

Os apetrechos de pesca utilizados mudam de acordo com o período hidrológico, pois os moradores são conscientes da preservação do ambiente de reprodução de seu principal aporte proteico. Reconhecem que a manutenção do *habitat* é fundamental para a diversificação da ictiofauna local e, também, para a continuidade de sua existência material. Sabem que é preciso haver tempo para a reprodução das espécies. Identificam também, qual o melhor apetrecho a ser utilizado para a captura de determinadas espécies. A traíra, por exemplo, é muito pescada utilizando-se a zagaia, assim como pirarucu é pescado quase sempre de arpão. Esse conhecimento amplia-se para a questão do *habitat* dos animais. Eles sabem em que local procurar determinada espécie. Além das redes para captura de peixes grandes, que são colocadas em lugares estratégicos, dos locais já famosos por apresentarem sucesso nas caçadas e dos locais que são desbravados porque “o compadre ou alguém da comunidade visualizou tal animal ali”, conhecem também o local de “moradia” de algumas espécies, como é o caso da ilustração abaixo, que mostra a “casa de um grupo de ariranhas” (**Figura 28**). Além de terem reconhecido o local pelo modo de como o barro fica (liso) de um grupo de ariranhas, o conhecimento da “casa” se deu pelo odor forte de carniça (chamado por eles de “pitiú”). A identificação da casa das ariranhas, da praia utilizada para desova da irapuca, de um ninho do quelônio e finalmente do encontro com os ovos no ninho do animal foi tudo resultado do conhecimento que o menino D. tem da área do entorno da comunidade.



Figura 28 – Identificação da casa da ariranha e do ninho da irapuca.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

Como dito anteriormente, na pesca, diferente da caça, a presença das mulheres é notória, embora a atividade de pesca propriamente dita (o ato de pegar o peixe) ainda seja quase que exclusiva dos homens, o diferencial é o tratamento dos animais, quando chegam na comunidade.

A pesca em Tapiíra tem uma especificidade que a diferencia de outras comunidades da Amazônia, principalmente daquelas localizadas no rio Solimões que têm a pesca como atividade econômica. Os instrumentos utilizados na pesca em Tapiíra se assemelham muito aos de caça, principalmente de pequenos mamíferos, como o tatu e a paca e principalmente aos quelônios. São eles: a zagaia, o arco e a flecha e o jaticá. Esse último de uso exclusivo em quelônios. Nas comunidades em que a pesca é uma atividade econômica, é muito comum o uso de malhadeiras e redes de malha pequena, muito utilizada para capturar peixes pequenos e médios. Também é muito comum a presença da mulher na atividade como atrizes principais, muitas delas, inclusive, cadastradas como pescadoras que recebem o auxílio-defeso. Pode-se afirmar que na comunidade pesquisada, elas entram em ação apenas no tratamento do peixe e

não foi observado, durante a pesquisa de campo, mulheres pescando. Pode-se supor que dois fatores corroboram para que isso ocorra: o primeiro é o fato de não haver atividade de pesca comercial, sendo assim, o esforço é menor, não existindo a necessidade da “ajuda” da mulher. O outro fator são os instrumentos usados para a pesca se assemelharem muito aos de caça, requisitando do pescador uma intimidade com os mesmos para o sucesso da atividade. Como já visto anteriormente, a caça é uma atividade masculina e, por isso, a pesca com arco e flecha e zagaia e as capturas de quelônios com os mesmos e com o jaticá, sejam atividades também restritas aos homens e meninos.

Ainda sim, é importante registrar a participação das mulheres (junto aos homens ou não) nas atividades de “cuidado” e tratamento dos peixes (**Figura 29**). É interessante também observar os meninos da imagem auxiliando no trabalho doméstico (lavando as louças) enquanto o pai tratava o peixe. No dia que essa imagem foi feita, sra. Francisca (esposa e mãe) estava na casa de farinha, finalizando o processo da produção da “farinha de Tapioca”.



Figura 29 – Cuidado e tratamento do pescado, mulheres e/ou homens.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

Também, nas atividades de salga dos peixes, secagem e pesagem, não há divisão de trabalho rígida, sendo feitas por mulheres e homens.



Figura 30 – Atividades de salga, secagem e pesagem do pescado.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

As malhadeiras utilizadas na área de uso⁵ de Tapiíra são, na sua maioria, de malha grande, usadas para a captura de peixes grandes (**Figura 31**). Os moradores alegam que esse tamanho de malha, principalmente quando colocado em “cantos” ou igapós, evita que sejam capturados peixes jovens, garantindo que esse peixe chegue à fase adulta e de reprodução. Durante a pesquisa de campo (viagem de julho/2010), duas malhadeiras estavam sendo utilizadas (ambas com malha grande). Essas malhadeiras, após armadas, eram vistoriadas todos os dias, duas vezes ao dia. Os peixes capturados (que foram observados e registrados) durante a pesquisa de campo foram a pirarara e o pirarucu.

⁵ Durante as reuniões do Conselho Deliberativo da Resex do rio Unini (presidido pelo órgão responsável por sua administração – ICMBio – e constituído por representantes de órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e das populações tradicionais residentes na área) ficou estabelecido pelo Conselho que cada comunidade teria uma área de uso para pesca, caça, extração de castanha e seringa etc. de modo que o morador de uma comunidade usasse para as suas atividades apenas a área delimitada para a sua comunidade, a fim de evitar conflito entre os moradores e entre as comunidades.

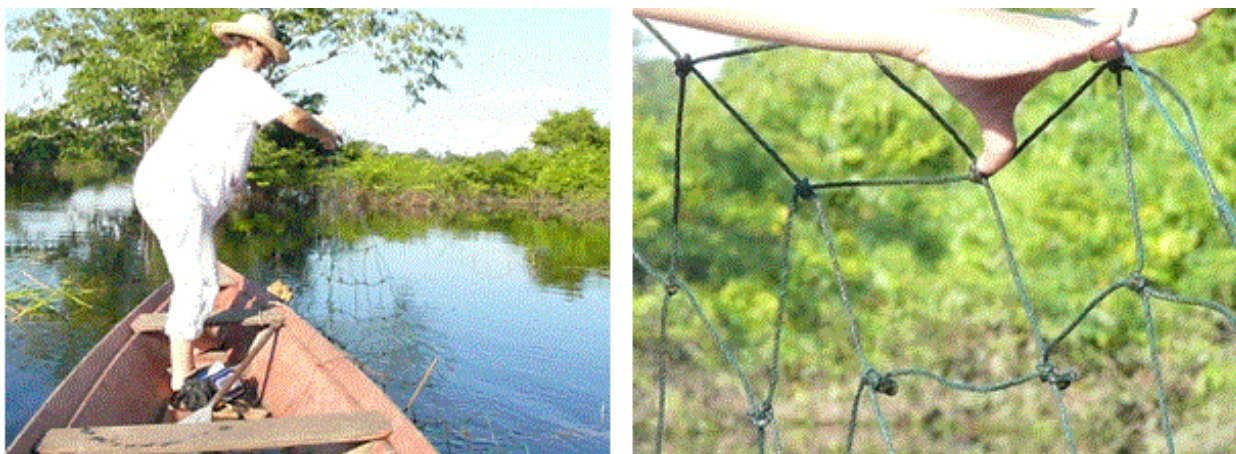


Figura 31 – Verificação na malhadeira e tamanho da malha.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

A pesca com caniço (ou vara), embora não tenha sido presenciada, foi identificada nos relatos dos moradores, inclusive como artefato de pesca das mulheres. Como dito, a pesca com arco e flecha, herança ameríndia, é muito comum em Tapiíra, sendo que existem vários modelos de ponteiras de flechas, com uma ponta, duas ou três (muito semelhante à zagaia, sendo utilizadas para espécies específicas. Durante as pescarias, principalmente as que ocorrem nos períodos de friagem ou pescarias noturnas, os pescadores levam nos botes dois ou três modelos de flechas e as escolhem ao avistar o alvo. Outro modelo de pescaria que utiliza instrumento próprio é o “fachear”, conhecido também como “porongar”. Os moradores utilizam esse termo para descrever uma pescaria que acontece na margem ou próximo a ela. O pescador segue com a poronga (atualmente substituída pelas lanternas e holofotes), procurando o peixe e o captura com a zagaia. Essa atividade se caracteriza também pelo período em que ocorre, durante a noite, podendo ser feita no fim do dia também (por volta de 19h). Os instrumentos mais utilizados para pesca e captura de quelônios (jaticá) estão ilustrados na figura abaixo.





Figura 32 – Instrumentos de pesca e captura de quelônios.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

Quanto aos locais (*habitat*) utilizados para pesca, os lagos e igapós são visivelmente os mais frequentados. Existem também o que os moradores chamam de “queimada”, é um local que foi queimado (acidentalmente ou não), portanto não de grande profundidade e que é muito usado para a captura do pirarucu e de quelônios. Eles chegam a esses locais de canoa com motores (rabetas) ou, quando a distância é maior ou número de pescadores/caçadores ultrapassa dois ou ainda a permanência no local será maior, utilizam barcos maiores (muitos na comunidade tem) e, no local, usam canoas.



Figura 33 – Locais (*habitat*) de pesca.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

Como visto em diversas figuras e durante o texto, a socialização da criança na comunidade ocorre durante todo o tempo, e o conhecimento delas sobre os animais é crédito dessa vivência diária. Em relação à pesca, meninos são mais socializados que meninas (como havia de se prever), e o conhecimento que esses meninos têm dos animais aquáticos e a maneira como o chamam ou os classificam é resultado não só da simples presença deles durante as atividades – às vezes remando para os pais nas canoas – como também das inúmeras brincadeiras feitas durante todos os dias, quase sempre imitando os mais velhos, como se vê na ilustração de uma pescaria, na beira d’água no período de friagem, próximo da casa (**Figura 34**) e também em uma “caça a preguiça” que apareceu na comunidade, bem próximo às casas e causou muito furor entre as crianças. Posteriormente, entregaram-na a mim e fomos soltá-la novamente. Em ambas as ocasiões, os meninos mostraram destreza nas suas habilidades de capturar o peixe com a zagaia, subir na árvore e capturar o animal (derrubando da árvore o mais próximo do chão) sem se ferir.



Figura 34 – Caça a preguiça e pescaria na beira de casa.
Foto: Luciana. Raffi Menegaldo.

Embora não tenham sido observadas meninas nessas brincadeiras (durante o evento com a preguiça elas apenas observavam e torciam), elas estavam sempre próximas aos meninos, às vezes de maneira mais tímida e em menor número. Isso ocorre devido ao número de meninos ser maior que o de meninas na comunidade (47:35), além disso, o número de meninas dessa faixa etária que estão fora da comunidade (morando nas cidades), proporcionalmente, é maior que o número de meninos (5:3). Esses dados fazem com que o número de meninos seja ainda maior que o de meninas presentes (44: 30), fazendo com que haja percepção de que os meninos se socializem mais com todas as atividades desenvolvidas pelos adultos, inclusive a pesca.

A curiosidade dos meninos em relação aos peixes também não passa despercebida, O reconhecimento de animais adultos se dá pelo conhecimento dos mesmos quando ainda jovens. Os peixes, assim como outras espécies, representam pouco perigo quando pequenos e jovens e de fácil captura e manipulação, por isso são pegos pelas crianças diariamente e trazidos aos colegas, para mostrar que pegaram tal animal, e também para os adultos, que esclarecem os pequenos quando dúvidas surgem, pois nem toda a fauna aquática é conhecida da mesma maneira. Alguns animais, os mais simpáticos e mais “gostosos”, são profundamente conhecido pelos moradores e consequentemente pelas crianças. Ferrara *et al.* (2010, p.16) em seu *Projeto de Conservação e Manejo de Tartarugas da Amazônia*, executado no rio Unini, concluiu:

Nas atividades de educação ambiental foi constatado que tanto as crianças como os adultos possuem um bom conhecimento sobre biologia, história natural e ecologia dos quelônios, indicando que essas comunidades não necessitam deste tipo de informação, e sim, de uma maior conscientização sobre a importância de se conservar os quelônios bem como outros seres vivos para o equilíbrio do meio ambiente e para que seja um bem disponível para as próximas gerações. A criação de alternativas de renda pode ser uma grande aliada para minimizar a caça dos quelônios. Para os moradores locais, os quelônios são mais que uma saborosa refeição, é um hábito cultural que permeia há séculos pela Amazônia.

As espécies de peixes mais capturadas na comunidade Tapiíra para consumo pelo que se observou, durante a pesquisa de campo, foram: pirarucu, aracu, pacu, tucunaré, piranha, traíra, sardinha, aruanã, bodó, pirarara e o surubim.

As ilustrações abaixo registraram algumas dessas espécies jovens nas mãos das crianças (dos meninos) em Tapiíra.



Figura 35 – Animais jovens (peixes, crustáceo e quelônio) capturados por crianças.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

2.2.3.1 Os peixes ornamentais do rio Unini

A pesca de peixes ornamentais no rio Unini vem crescendo desde o *Diagnóstico para a Criação da Resex do rio Unini* (2005) que relata a criação desses peixes como atividade econômica citada apenas por duas comunidades do rio, Vista Alegre e Lago das Pedras. Tapiíra tem representantes dessa atividade, embora a pesca ornamental seja tímida na

comunidade. É uma atividade de complementação de renda das famílias, pois, igual à maioria das atividades econômicas exercidas na Amazônia, é sazonal. Ocorre no período entre a seca e a enchente, que geralmente coincide com o final e o início do ano. Durante a primeira visita a comunidade, registramos o seu Edmilson saindo de Tapiíra para Barcelos, onde ele vende os exemplares.

As espécies de peixes ornamentais capturadas são o cardinal ou neon, o acará-disco e o aruanã. As capturas acontecem com pequenas redes – “pulsares” – produzidas pelos próprios moradores e específicas para esse fim que se diferenciam no tamanho da malha para não machucar o peixe. Relatos demonstram haver uma variedade endêmica de acará disco no Unini, chamado de cabeça azul, que tem grande procura no comércio internacional de peixes ornamentais. Os peixes capturados são levados até Barcelos e vendidos a intermediários⁶ ou aquários quando o pescador tem barco próprio ou são vendidos aos piabeiros no rio mesmo, embora os moradores digam que desse modo a modalidade não compensa, já que os intermediários pagam pouco. Os locais de captura desses animais são específicos, principalmente quando diz respeito a exemplares mais jovens, portanto, para o sucesso da atividade, o pescador tem que ter tal conhecimento.

Recentemente, em 2010, após um longo tempo de incertezas e interpretações erradas, ficou estabelecido que o espelho d’água do rio Unini pertence ao Parque Nacional do Jaú, e não à Reserva Extrativista como se pensara. À luz dessa informação, a atividade de pesca de peixes ornamentais ficou comprometida, pois os moradores de Tapiíra capturavam as espécies na área de uso da comunidade, o que não poderá mais ocorrer já que os recursos pesqueiros se encontram dentro de uma Unidade de Uso Integral. Atualmente, se os moradores quiserem continuar exercendo essa atividade necessitam viajar rio acima, para fazer a pesca a partir da área onde acaba o PNJ e inicia a Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Amanã. Como o trajeto é longo, as perspectivas dos moradores que exercem a atividade não são boas, pois eles têm receio de não ser mais uma atividade rentável. Até o término da pesquisa de campo, o sr. Edmilson não tinha se decidido ainda se ele iria capturar os animais essa temporada (2010/2011).

⁶ Disponível em: <http://www.aipa.org.br/urt-154-4-peixes-ornamentais-a.htm>

2.2.4 Os bichos de casco do Unini

A interação dos animais de casco (quelônios) com os moradores da comunidade merece ser tratado como um item à parte. Como mencionado anteriormente, a captura dos quelônios pode ser considerada dentro dos dois contextos principais de obtenção de alimento: a caça e a pesca. Os motivos de demonstrá-la dentro destes contextos foram dois: primeiro para enfatizar como essa atividade é pertinente aos moradores de Tapiíra, no que tange a sua intensidade e o seu conhecimento e, segundo, porque, como dito, ela não é classificada nem como caça (embora se caracterize de maneira parecida em relação aos instrumentos e seus cuidados), nem como pesca, pois este termo é utilizado apenas para os peixes (embora o *habitat* seja o mesmo). Ainda assim, fica impossível dissociá-la desses dois contextos, pois as características, o espaço e o tempo (esforço) de captura dos animais de casco sejam muito semelhantes aos de caça e pesca. O que deve ser destacada nessa atividade não está em como a denominam, mas sim no modo como interagem e a transmitem às suas futuras gerações.

O consumo de quelônios na Amazônia é uma herança cultural antiga, o texto a seguir de Rebêlo e Pezutti (2000, p. 85) ilustra bem esse fato:

Tartarugas e outros quelônios têm sido caçados, pescados e seus ovos colhidos há muitas gerações na Amazônia. A carne é considerada uma iguaria da culinária local (FERRARINI, 1980; REDFORD & ROBINSON, 1991), o óleo, extraído a partir dos ovos, foi um produto importante para cozinha e iluminação, e ainda é base importante para a produção local de cosméticos (REDFORD & ROBINSON, 1991). Gilmore (1986) considerou que "nenhuma outra atividade etnozoológica nas bacias do Amazonas e Orinoco [é] mais importante que a colheita da tartaruga fluvial de desova coletiva" [*Podocnemis expansa*] "um organismo chave dos sistemas fluviais da floresta tropical." Segundo Bates (1876), a tradição indígena garantia que "nos primeiros tempos, tantas eram as tartarugas na água, quanto mosquitos no ar." A narrativa histórica refere-se largamente a uma espécie apenas, a tartaruga, mas todas as espécies mais importantes para a indústria foram descritas pelos naturalistas europeus no século XIX, anos após o estabelecimento dos pesqueiros reais, na fase de maior produção de óleo. [...]

No Unini, essa herança cultural está presente até os dias atuais, nos hábitos de consumo da carne, bem como dos ovos desses animais. A carne é, segundo eles, saborosa, macia e nutritiva, existindo pequenas variações entre as espécies e preferências particulares. Os moradores alegam também que os bichos de casco podem ser armazenados vivos por muito tempo, fato que colabora para os quelônios sejam capturados em grandes quantidades. O conhecimento sobre esses animais, bem como dos métodos de captura é específico, diferenciando-se daquele associado à captura de outros animais. Durante algumas excursões

de barco realizadas na área de entorno da comunidade, alguns quelônios foram avistados nas águas e imediatamente identificados pelos moradores. Segundo eles, a identificação da espécie específica é possível porque o modo como colocam a cabeça para fora para respirarem e sua anatomia, diferem uma espécie da outra. Com os olhos treinados, uma única saída, mesmo que percebida de relance pelo morador, é suficiente para que os moradores identifiquem as espécies. Eles ainda são capazes de prever depois de quanto tempo e onde o animal irá respirar novamente. Assim, utilizando-se o jaticá ou o arco e flecha, a captura tende ao sucesso. Não foi observado e nem comentado o uso de redes para captura dos quelônios.

Durante a pesquisa, foi observado que o cabeçudo tem um consumo maior entre os moradores (sendo registrado nas duas viagens a campo), enquanto a irapuça e o tracajá foram capturados e consumidos com maior frequência durante a viagem de setembro/2010, período de vazante e época de desova dessas espécies. Ferrara *et al.* (2010, p. 17) explica o provável motivo desse fenômeno:

O maior consumo de cabeçudo pelos moradores é resultado da maior facilidade de coleta e captura desta espécie durante todo o ano. A irapuça e o tracajá são capturados em maior frequência na vazante e seca quando estão desovando e se movimentando no sentido lago para o canal do rio. No auge da seca, os lagos se tornam muito secos, impossibilitando o acesso a eles. Possivelmente os quelônios vão todos para o canal do rio nessas condições.

Durante essa viagem, foram registrados cerca de 10 animais na comunidade, excetuando-se desse número os animais que foram vistos nos rios e “experimentando” as praias. Segundo a narrativa do menino D., durante um passeio de rabeta margeando as praias, as fêmeas dos bichos de casco “experimentam” as praias antes da desova. Antes de chegar à areia, o animal nada bem próximo a margem (cerca de 5 metros) colocando a cabeça para fora d’água várias vezes. Segundo o menino, a fêmea faz isso para ver se a praia está segura, livre de outros animais. Também identificou vários ninhos falsos, locais onde a terra estava mexida – como se ali houvesse um ninho – mas nada havia. Ali, segundo o garoto, a fêmea havia “experimentado”, mas por algum motivo – tipo de compactação da areia ou ainda porque “ela não gostou” – havia desistido. Foram identificados diversos ninhos durante a excursão, todos eles, ninhos de irapuça. Vários desses ninhos foram avistados da canoa, enquanto navegávamos. A porcentagem de acerto de ninhos (locais onde ele colocava o dedo e, estando oco, ele retirava a areia) do menino D. é incrível, em torno de 90%. As praias, apesar de ainda reduzidas em setembro, são também identificadas com destreza, tendo cada uma o seu nome, e sendo conhecidas ou não, por representarem praias onde a desova desses animais é intensa.



Figura 36 – Coleta e armazenamento dos ovos de irapuca.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

Durante esse período da vazante e da seca, os quelônios parecem ter uma “ordem” de desova. O sr. Edmilson explica que o primeiro a desovar é a irapuca, “inaugurando” o período de ovos para a meninada da comunidade. Os ovos são coletados durante os deslocamentos feitos pelos moradores e também pelas crianças (foi registrada uma única saída de canoa “rabeta” com a finalidade exclusiva de coleta de ovos). Os ovos de irapuca são consumidos principalmente de dois modos: para o “arabu”, um tipo de gemada que mistura a gema do ovo com farinha de mandioca ou tapioca (menos apreciado); e também são utilizados para bolos. Para esse fim, também servem os ovos de tracajá. Já os ovos de tartaruga, embora mais pesados e gordurosos, também são usados para gemadas, ou ainda pratos quentes. Um adulto usa em média 15 ovos para fazer o seu “arabu”. Em uma empreitada em busca de ovos, dois homens e um menino voltaram para a comunidade com 191 ovos e, quando questionados quantos dias duraria aquela quantidade de ovos, os meninos afirmaram categoricamente: “Nem três, tia, nem três”.

É importante lembrar que embora do consumo de ovos de quelônios tenha um apelo cultural tão forte quanto o desejo de consumi-los, em Tapiíra é rara a presença de galinhas e

frangos domésticos. Os moradores alegam que a manutenção desses animais é difícil por conta dos predadores naturais que em pouco tempo acabam com as matrizes. Também relatam que os regatões cobram caro pelos ovos de galinha. Dessa maneira, o único meio de adquirir ovos de granja é trazendo-os de Barcelos, Novo Airão ou Manaus. Assim, a proximidade do período de desova dos quelônios é vista com entusiasmo. No ano da pesquisa de campo, a comunidade sofreu com o aumento descontrolado de morcegos hematófagos, fato que exterminou as galinhas e frangos ainda existentes na comunidade. Durante a pesquisa de campo, não foi observada captura de jabutis, embora tenha sido citado pelos moradores como alimento consumido.

Muito se discute sobre a conservação de quelônios na Amazônia. No rio Unini, não é diferente, mas felizmente, lá e na comunidade Tapiíra, raras são as ocorrências de comercialização ilegal de quelônios. Ainda assim, a preocupação de pesquisadores com a região diz respeito ao intenso consumo de “subsistência” e a intensidade da coleta de ovos. De acordo com os relatos e registros de caça e pesca, a comunidade Tapiíra é “oportunista” no que tange a alimentação. Os alimentos são “escolhidos” de acordo com o seu período de abundância e/ou facilidade de captura: na vazante/seca, os peixes estão mais concentrados, sendo assim capturados com maior frequência, na enchente/cheia os animais terrestres estão mais confinados à terra firme, sendo capturados com mais facilidade e menor esforço. Da mesma maneira, ocorre com os quelônios. No período da vazante/seca, os animais são encontrados no canal do rio em maior quantidade, sendo rapidamente avistados. Também nessa época, aumenta a chance de captura de fêmeas reprodutivamente ativas, o que reduz a taxa de desova das espécies. Todos estes fatores se tornam mais alarmantes se somado à grande quantidade de ovos capturados nas praias, o que, por sua vez, acarreta a redução da taxa de nascimento.

A seguir, as imagens das principais espécies presentes no rio Unini. A irapuça (*Podocnemis erythrocephala*) pertence à mesma família da tartaruga-da-Amazônia (*Podocnemis expansa*), do tracajá (*Podocnemis unifilis*) e do iaça (*Podocnemis sextuberculata*). É uma espécie endêmica, ocorre em alguns rios das bacias do Araguaia, amazônica e do Orinoco, apenas em águas pretas e claras. No rio Unini, é o quelônio mais encontrado e, na época da vazante, o mais consumido também.



Figura 37 – Alguns quelônios de Tapiíra. 1. Jabuti-piranga (*Geochelone carbonara*), 2. Jabuti-tinga (*Geochelone denticulata*), 3. Tartaruga-da-Amazônia (*Podocnemis expansa*), 4. Irapuca (*Podocnemis erythrocephala*), 5. Tracajá fêmea (*Podocnemis unifilis*), 6. Tracajá macho.

Fonte: 1, 2 – Criadouro Santa Rita (BA). 4 – Relatório do Projeto Conservação e Manejo das Tartarugas da Amazônia (2010). 3, 5, 6 - <http://zoovirtualbr.blogspot.com>.

Nota: A espécie *Geochelone carbonara*, embora citada no Diagnóstico de criação para a Resex do rio Unini como espécie de ocorrência no local, não foi citada pelos moradores. Os dois cascos de jabutis encontrados na comunidade eram da espécie *Geochelone denticulata*.

Ferrara *et al.* (2010, p. 73), em seu relatório, afirma que existe no rio Unini “a necessidade do apoio de instituições públicas e privadas na conservação das tartarugas, e que as áreas de conservação sem ações de educação ambiental, manejo, pesquisa e fiscalização em

poucos anos terão sérios problemas de extinção local dos quelônios”, já que mudanças de hábitos sociais e culturais necessitam de muitos anos. Além desses fatos, há que se considerar que quelônios são animais de vida longa e exigem anos de conservação e manejo para poder observar resultados no restabelecimento de suas populações.

2.2.5 Animais de companhia, interações lúdicas e utensílios domésticos

Como demonstrado no início do capítulo, as interações dos animais com os homens são antigas, e ultrapassam o limite do utilitarismo (pelo menos aquela direta, comercial). A fauna silvestre está inserida no modo de vida dos moradores daquela região, e o contato com os animais ocorre todo o tempo, seja em casa ou no local de trabalho. A presença dos animais silvestres em Tapiíra é muito mais intensa quando comparada a algumas comunidades do baixo Solimões (MENEGALDO, 2008): Segundo dados da autora, na comunidade Nossa senhora das Graças, em frente a Manacapuru, o motivo da ausência de animais de caça e outras espécies é, segundo os moradores, o afugentamento causado pelo barulho dos barcos e pela intensa movimentação dos pescadores pelos lagos, perdendo só para a perda do *habitat*. Não há dúvida que o estado de conservação dos recursos naturais na região do rio Unini, a baixa densidade demográfica e a ausência da pesca comercial são fatores principais da intensa presença da fauna de maneira tão próxima a área da comunidade. Obviamente, esses animais não são caçados para consumo alimentar, embora o sr. Tarcísio tenha revelado que papagaios, macacos e preguiças já tenham feito parte da sua dieta, mas como ele mesmo revela, “hoje em dia ninguém aqui precisa comer esses bichos, tem outros”. Demonstrando uma separação dos animais por categoria, em comestíveis e não comestíveis.

Para Thomas (2010), três traços particulares distinguem o animal de estimação dos outros animais. O primeiro é que o animal de estimação tem permissão para entrar em casa, a segunda característica distintiva é que esse animal recebia um nome pessoal e individualizado, que o distinguia das outras criaturas e, por fim, esses animais (indivíduos) jamais serviriam de alimento. Nas relações com animais de “companhia”, é mais comum observar o apego a um papagaio ou outro animal silvestre do que propriamente aos cães e gatos. Inclusive, vale ressaltar aqui, que Tapiíra não é uma comunidade com muitos cães e gatos. E esses, quando existem, na sua grande maioria ficam apenas no quintal, não sendo bem vindos dentro de casa. Dos três gatos registrados em Tapiíra, apenas um tem acesso ao interior da casa em que vive. Alguns cães, apesar de identificados pelos moradores com “esse aí era do sr. Fulano” ou “aquele era da outra casa mas começou a ficar aqui.” frequentam toda a comunidade. Esses

animais estão muito maltratados, provavelmente pela competição por alimento e pela ausência de cuidados mais específicos, ao contrário do que ocorre com as aves que foram registradas na comunidade como animais de companhia. Duas moradoras em Tapiíra têm papagaios de estimação, um para cada uma. E o cuidado que a sra. Eliete tem com o seu papagaio (**Figura 38**) reflete bem isso.

Ah! Mas eu gosto muito dele! Eu até penso de não ir para Novo Airão por causa dele, porque minha menina mais moça quer fazer um curso lá e eu queria ir com ela. Mas eu penso nele. Tenho medo de levar e tentarem me roubar ele. Já aconteceu isso. Ou dele não se acostumar lá. Também dizem que se a gente leva, o IBAMA tira ele da gente. Ah, eu não posso ficar sem o meu loro! [...] de manhã ele grita chamando a gente pra colocar café pra ele, sabe? Vixe, eu converso muito com ele! E cuido dele como se fosse da família. Quando eu to na beira, ele fica chamando assim: Lieete! Lieete! Todo mundo escuta! (sra. Eliete, 55 anos, artesã e moradora de Tapiíra).



Figura 38 – Dona Eliete, seu esposo e papagaio.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

Abaixo, os relatos da sra. Maria, contando que sempre gostou de criar diversos animais, mas que atualmente está sem nenhum porque ela sofre muito quando os animais morrem ou vão embora. Em seguida, a declaração do sr. Tarcísio:

Nós tínhamos um tucano, quando os meninos estavam brincando de bolinha assim, e o tucano chegava, tinha que cata tudo. A gente tinha arara, macaco. Nós tínhamos um macaquinho que andava nas costas da cachorrinha peludinha. Tiraram foto. Era de cheiro. Eu já criei papagaio, eu tinha um, aí meus meninos foram pra aula, e ele desceu, daí os cachorros do vizinho pegaram o coitadinho. Desde daí eu não criei mais. Vixe, eu criei paca, cutia, macaco, tudo eu já criei. Criava porque eu gostava mesmo de criar. Tinha um sanhaçuzinho desse... pra onde eu ia ele ia atrás. Solto. Eu ia pra beira ele ia atrás. O meu filho ele criava um jacu. O Jonas. Ainda ontem de tarde tinha um cantando aí pra trás. “tá ruim, tá ruim, tá ruim...” (sra. Maria Auxiliadora, 41 anos, moradora de Tapiíra e nascida no rio Unini).

O Lió tem vontade de criar uma anta. Fica mansinho. A gente apita assim ele responde. Mas não é todo bicho que cria que fica não. Paca se você criar assim ela vai embora. Mesmo pegando pequena. Pode tirar do bucho. Já tirei um do bucho da mãe dele... ela ficou mansinha, deitava na rede com a gente, daí ficava sujando a gente punha no chão, depois começa a vadiar, quando chega o cio, ela vai embora.. A Francisca tinha um papagaio, chamava bico dourado, era bico de ouro o nome dele, repetia assim: “bico de ouro”, ele estranhava gente assim, saía beliscando o cara, daí ele saía assim e a coruja pegou, ele dormia na árvore. Daí a Francisca não quis mais. (sr. Tarcísio, 70 anos)

Como visto, as aves são animais muito apreciados como animais de companhia pelos moradores. Mas não são os únicos. Há na comunidade um macaco prego como *pet* e, no relato abaixo, história de outros animais que eles já tiveram ou que desejariam ter. Embora exista esse sentimento por parte dos moradores, de terem os animais para “cuidarem”, vale ressaltar que, pelo menos os mamíferos filhotes que eles citam, são animais que tiveram suas mães caçadas para alimentação. É possível perceber em alguns relatos o pesar dos homens ao virem que mataram fêmeas prenhas ou com filhotes.

Como se nota no relato do sr. Tarcísio, há um sentimento de perda quando os animais filhotes trazidos para a comunidade vão embora. Essa evasão do animal de volta a floresta ocorre devido ao início da fase reprodutiva, já que com os níveis hormonais alterados, o animal fica mais propenso a seguir os seus instintos de encontrar um parceiro para a procriação. Quando o filhote trazido é macho, também há histórias de que o animal (principalmente primatas), quando chega a essa fase, muda o comportamento, ficando muito agressivo.

Esse comportamento, de fuga dos animais (herbívoros) ou agressividade (carnívoros), ocorre devido ao grau de domesticação dos animais. Bowman (1980, p. 26) explica:

A distinção que é feita entre domesticação e amansamento é que a primeira inclui o controle da fase reprodutiva, do ciclo de vida e da seleção dos reprodutores, o que o amansamento não faz. O amansamento é a prática de eliminar o desejo do animal de fugir, e possivelmente de treiná-lo para uma função útil. A prática tem que ser repetida novamente em cada animal capturado no meio selvagem. Do que se conhece a respeito dos caracteres é razoável supor que os animais que podem ser amansados mais facilmente, são os que se reproduzem em cativeiro e, assim, estão aptos a formarem a base de um grupo domesticado. Parece, portanto, que as espécies domesticadas já passaram em algum estágio, por um período de amansamento.

Nesse sentido, considerando o amansamento como parte do processo de domesticação, a citação acima revela duas características dos animais “de estimação” criados em Tapiíra. A primeira é que, se o amansamento objetiva a eliminação do desejo de fuga, os animais selvagens criados pelos moradores não chegam nem ao estado de “amansamento”. A segunda, e talvez mais importante, é ter ciência de que a “domesticação” que lá ocorre é do indivíduo, e

não da espécie, fato que deve ser considerado se no futuro houver qualquer tipo de proposta de manejo dos animais silvestres da região.

Há, ainda, aqueles animais (ou partes) que frequentemente são utilizados pelas crianças em brincadeiras ou outras atividades lúdicas. A brincadeira com baladeira (estilingue) é bastante comum entre os meninos, mas eles contam que nem todo passarinho que “cai” pode ser usado depois (para alimentação). Alguns, mais coloridos, podem ter as penas arrancadas e, quando questionados sobre os que não eram coloridos e nem serviam para comer, a resposta veio curta: “servem para a gente ficar treinando com a baladeira”. Quando questionados sobre o destino das aves que morriam, não houve resposta objetiva.

Os animais que têm suas partes utilizadas, na maioria das vezes, são animais que foram caçados pelos mais velhos, e que tiveram essas partes (que não são utilizadas para a alimentação) retiradas da carcaça, como exemplo, o casco de tartaruga utilizado pelo D. para pintar a bandeira do Flamengo, seu time de futebol. Esse adorno está pendurado na sala da sua casa, e ele o exibe com bastante orgulho.



Figura 39 – Diversas utilidades. Acima o casco de tartaruga do Flamengo e brincadeira de elástico, abaixo o espanador de pó com pena de mutum e a jibóia que protege a venda.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

Os adultos também encontram utilidades para as partes dos animais que não foram utilizadas para a alimentação, como é o caso dos espanadores de pó produzidos pelas mulheres com as penas de mutum. Também foi registrada na comunidade Lago das Pedras (a segunda comunidade do rio sentido foz-nascente) uma jibóia dentro de uma garrafa que estava na estante de uma venda recém inaugurada. Quando perguntado ao dono da venda o preço da jibóia, ele explicou que o animal estava ali para proteger a venda de pessoas ruins e trazer sorte ao novo empreendimento, pois, segundo ele, a jibóia sendo uma cobra “boa”, traria clientes bons.

Grande parte do conhecimento demonstrado pelas crianças e pelos adolescentes em Tapiíra são consequência dessa intensa interação com os animais durante todo o tempo, seja no quintal de casa, na casa de farinha, nos portos, nas escolas, e como dito anteriormente, da observação das atividades dos mais velhos. Durante as caminhadas realizadas com o menino D., ele ia dizendo a “variedade” de alguns animais encontrados, e contava alguma curiosidade ou alguma história que envolvia aquele animal. Essas histórias quase sempre tinham como personagens os próprios moradores do rio ou algum compadre ou conhecido deles. As fotos a seguir (**Figura 40**) são exemplos de animais que foram vistos durante as excursões pelos quintais, roçados e pelas praias, identificados pelo próprio D., fato que demonstra que o conceito de fauna para o menino não está restrito apenas à fauna cinegética ou a grandes mamíferos.





Figura 40 – Animais identificados durante as caminhadas.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

As ilustrações seguintes demonstram a presença intensa, principalmente das aves, bem próximas às casas dos moradores. Todos os animais registrados nas imagens (**Figura 41**) foram antes identificados pelos moradores, inclusive por jovens. A maitaca de cabeça roxa e o papagaio fazem parte de bandos que todo fim de tarde fazem “arruaça” nas árvores da comunidade, impondo a suas presenças a todos os moradores. As pipiras vermelhas danificam as frutas dos cajueiros na comunidade, mas não existe qualquer tipo de ressentimento em relação a isso. Pelo contrário, o sr. Tarcísio explica: “tem uma porção que a gente planta pros bichos, que aqui era a casa deles antes. Que a gente não planta só pra gente, pra eles também. Daí chega passarinho, tucano. Tem um tempo que tava ruim de comida, de fruta acho, que os tucanos estavam vindo comer aqui caju”. O conhecimento da fauna pelos moradores, e que são passados aos filhos e netos, que o registram e o reestruturam (ou não), vem de observações como esta, citada acima, que revela conhecimento sobre os hábitos alimentares dos animais. Outros exemplos vão mais adiante, incorporando até o conhecimento da biologia da espécie, como visto no caso dos quelônios. As outras imagens registram espécies comuns (a ariramba e a garça) que vivem próximo à beira do rio, local onde os moradores permanecem parte do dia para diversas atividades, como o banho, o cuidado com a roupa e a louça, o preparo das carnes e dos peixes e onde as crianças, além de auxiliarem nessas atividades, brincam por muito tempo.



Figura 41 – Aves que fazem parte do cotidiano dos moradores.
Fonte: Luciana Raffi Menegaldo.

3 HOMENS E MULHERES: SIMILARIDADES NO CONHECIMENTO DA FAUNA SILVESTRE

3.1 PANORAMA DA QUESTÃO DE GÊNERO E GERAÇÃO

Este capítulo é dedicado a demonstrar o conhecimento que homens e mulheres de gerações distintas residentes da comunidade Tapiíra têm sobre a fauna silvestre local. As similaridades e dissimilaridades das respostas obtidas das questões apresentadas aos diferentes grupos focais, divididos por sexo e faixa etária, foram estimadas através da análise de *clusters*. A separação dos indivíduos em grupos por gênero e faixa etária não apenas permite que se avalie o grau de conhecimento desses sujeitos sociais em relação à fauna local, como também infere sobre as questões de gênero e geração que estão influenciando o processo de socialização e a reprodução cultural desse conhecimento. Essa avaliação foi feita através de informações específicas complementares obtidas em entrevistas individuais e de observações participativas. Esses dados complementares foram fundamentais não só para a descrição etnográfica das percepções e práticas sociais desses sujeitos em relação às diversas espécies da fauna do local como também na tentativa de se revelar a influência que gênero e geração exercem sobre a dinâmica da reprodução desses saberes. Sobre as formulações teóricas a cerca da gênese das categorias gênero e geração, faz-se necessário um breve resgate histórico de tais conceitos, pois a desvinculação com a militância foi um processo lento e se deu a partir da elaboração de trabalhos de reflexão e produção acadêmica.

O movimento feminista, enquanto discurso teórico, político e intelectual, que discute filosoficamente a liberdade de homens e mulheres em padrões de igualdade de gênero, pode ser apresentado em três etapas, com a primeira no final do século XIX⁷, a segunda nos anos 60 e 70 e a terceira a partir da década de 1990. De acordo com Marques e Fischer (2001, p. 1) “um dos primeiros esforços das estudiosas feministas centrou-se na temática de estudo sobre a mulher, área que ainda sofria para impor sua legitimidade no campo universitário”. Os movimentos sociais ocorridos nas décadas de 1960 e 70 tiveram papel fundamental para a consolidação dos estudos de gênero no mundo e no Brasil também. Para Marques e Fischer (2001), como expressão pública de uma luta manifestada em outros momentos, em razão da conjuntura internacional que favorecia as mudanças, o feminismo desenvolveu-se com força e organização que pareciam lhe garantir continuidade. Esse movimento, a partir da década de

⁷ Ver ALVES, B. M.; PITANGUY, J.. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.; HUMM, M. **The dictionary of feminist theory**. Columbus: Ohio State University Press, 1990. 278 p.

80, toma novo direcionamento, enveredando para a formação de um novo conceito – o de gênero.

De acordo com Marques e Fischer (2001, p. 2):

O conceito de gênero, surgido no contexto anglo-saxão, passou a ser utilizado com o sentido de caracterizar uma relação. Sem dúvida não tratava apenas de um novo rótulo, porém de opção por uma mudança de ordem epistemológica, ou seja, uma via teórica. A desvinculação da militância não se deu de imediato, e as mulheres permaneceram centradas no eixo da denúncia da opressão, que tinha um caráter mais descritivo do que analítico. Gradualmente, o recorte analítico ganha espaços, e as feministas realizam análises consistentes nos campos da sociologia, da história, da literatura e da educação.

No percurso histórico do desenvolvimento do conceito, Marques e Fisher (2001) afirmam que ao voltar-se para si próprio, as estudiosas do feminismo tentam construir um conceito de gênero desvinculado do sexo, que se referia à identidade biológica de uma pessoa. Gênero, portanto, é a construção social do sujeito masculino ou feminino. Joan Scott (1989 *apud* MARQUES & FISHER, 2001, p. 2) discutiu a categoria gênero como elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos e como a primeira forma de manifestar poder, a partir de quatro dimensões interrelacionais: simbólica, organizacional, normativa e subjetiva. Para essa autora,

A dimensão simbólica enfatiza as representações múltiplas e contraditórias, a exemplo de Maria evocando pureza e bondade, e Eva simbolizando o pecado, o mal. A dimensão normativa evidencia interpretações do significado dos símbolos que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas, ou seja, conceitos que são expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas e jurídicas que trazem duplo sentido na definição do masculino e do feminino.

A dimensão organizacional diz respeito às organizações e instituições sociais como mecanismos que aprofundam as assimetrias entre os gêneros.

A dimensão subjetiva versa sobre as necessidades de examinar as maneiras como as identidades de gênero são construídas e relacionadas com atividades organizacionais, sociais e representações culturais historicamente situadas.

Com base nos estudos de Joan Scott (op. Cit), observa-se que os eixos teóricos da categoria gênero perpassam cinco aspectos estruturantes que são fundamentais, ou seja: (1) as relações de gênero possuem uma dinâmica própria, mas também se articulam com outras formas de dominação e desigualdades sociais (raça, etnia, classe); (2) a perspectiva de gênero permite entender as relações sociais entre homens e mulheres, o que pressupõe mudanças e permanências, desconstruções, reconstrução de elementos simbólicos, imagens, práticas, comportamentos, normas, valores e representações; (3) a categoria gênero reforça o estudo da história social, ao mostrar que as relações afetivas, amorosas e sexuais não se constituem realidades naturais; (4) a condição de gênero legitimada socialmente se constitui em

construções, imagens, referências de que as pessoas dispõem, de maneira particular, em suas relações concretas com o mundo; (5) as relações de gênero, como relações de poder, são marcadas por hierarquias, obediências e desigualdades. Estão presentes os conflitos, tensões, negociações, alianças, seja através da manutenção dos poderes masculinos, seja na luta das mulheres pela ampliação e busca do poder. Para essa autora, homens e mulheres elaboram combinações e arranjos de acordo com as necessidades concretas de suas vidas.

Em relação à categoria gênero, em combinação com a categoria geração, Scott (2010, p.18) afirma que:

Não se sabe muita coisa de Gênero e Geração sem saber muita coisa sobre Sexo e Idade. Gênero e Geração são termos relacionas que implicam em hierarquias e reciprocidades horizontais que são constituídas como relação de poder entre as pessoas de sexos e idades diferentes. Seja qual for o seu mundo de residência ou de trabalho, cada pessoa vive num mundo permeado por culturas edificadas por simbolizações que atribuem diferenciais, dinamicamente a homens e mulheres, e a crianças, jovens, adultos e idosos, certas características. Desta maneira, o campo está aberto para a elaboração de estratégias de colaboração e de conflito que têm consequências muito significativas para quem mora no ou vive do mundo rural. Tais estratégias não ocorrem no vácuo, pois se associam a legislações, normas formais, regulamentações, políticas e a tudo aquilo que contribui para moldar e traduzir, direta ou indiretamente aos campos em torno de gênero, de geração no campo. A normatização, seja em forma de aplicação de políticas públicas, seja em forma da busca de direitos de cidadania, carimba uma aura de autoridade às efetivações negociadas e implementadas por agentes de diversos níveis que contribuem para maior ou menor equidade entre as pessoas.

Conforme visto acima, as relações de gênero, como relações de poder, são marcadas por hierarquias, obediências e desigualdades. Na Amazônia, por exemplo, essas questões remetem para os limites do patriarcado, condições de vida e trabalhos produzidos pela mulher. No entanto, como são típicos de uma ideologia, essas ações são apresentadas de forma inversa, traduzindo desigualdade por diferença, inversão que está, muitas vezes, presente nas esferas dos valores, crenças, benefícios, direitos e privilégios (BARBIERI, 1992). A divisão social das tarefas foi, ao longo da história, a categoria explicativa dos papéis de gênero. Estes papéis sexuais são construídos socialmente e vão sendo ressignificados no processo histórico de acordo com o *ethos* de cada sociedade (TORRES & RODRIGUES, 2010):

Em muitas comunidades rurais da Amazônia, a divisão social e sexual do trabalho apresenta, de forma explícita, as diferenças entre os gêneros. Isso pode ser verificado em muitas atividades, como por exemplo, o abastecimento de água na casa, em lugares onde não existe água encanada (a grande maioria das comunidades rurais da Amazônia), o cuidado com as roupas, com as louças, com almoço, o cuidado com os filhos pequenos etc. A divisão social e sexual do trabalho evidencia-se também, claramente, nas tarefas que se relacionam

diretamente com a agricultura e/ou a pesca. Dependendo da atividade econômica exercida na localidade e/ou na comunidade, a agricultura pode ser a principal atividade da unidade de produção familiar. No processo produtivo da farinha de mandioca na comunidade Tapiíra, por exemplo, todas as etapas do processo têm a participação da mulher, até mesmo na etapa inicial de derrubada da mata. Não que elas peguem no machado para cortar as árvores em um dia de *ajuri*, mas elas são responsáveis pela organização e realização do almoço servido nesse dia, que é fundamental para a implementação do novo roçado, que gerará renda para o ano seguinte, portanto, uma participação significativa. Com relação à pesca, há variações. Novamente dependendo da principal atividade econômica exercida na localidade e/ou na comunidade, pode haver a participação direta ou indireta da mulher, conforme mostra Pereira e Castro (2009) no texto “As gerações de mulheres pescadoras e as transformações da pesca no médio rio Tocantins”. Nesse estudo, realizado na comunidade rural de Cajueiro, no rio Tocantins, município de Palmeirante/TO, os autores afirmam que “os resultados obtidos ratificam que em comunidades ribeirinhas tradicionais as mulheres têm uma inserção direta e uma longa tradição na pesca (PEREIRA & CASTRO, 2009, p. 165). Segundo esses autores, a experiência e o conhecimento dessas trabalhadoras têm sido essenciais para a manutenção da tradição da pesca.

As mulheres do povoado reconhecem as espécies de peixes e os diferentes ambientes aquáticos do rio Tocantins, bem como, toda a organização e as práticas de pesca na região. Esse capital cultural decorre de uma longa vivência e uma relação estreita com o ambiente local. No entanto, esse processo não significa uma constante re-adaptação ao meio que se transforma devido às mudanças ocorridas no ciclo reprodutivo das espécies da ictiofauna e no regime hidrológico do rio Tocantins. Woortmann (1992) assinala que o que acontece é uma reordenamento na relação na com a natureza, principalmente quando se discute espaço, tempo e gênero em comunidades pesqueiras. Isto se torna evidente na comparação entre as percepções das duas gerações de mulheres do Cajueiro. O grau de semelhança de percepções entre mulheres e moças foi de 41% de um total de 51 percepções registradas entre todos os grupos. Moças apresentam o menor grau médio de semelhança de percepções quando comparadas aos demais grupos: Moças 40%, Mulheres 66%, Homens 67%, Rapazes 70%. As mulheres de Cajueiro foram mais além nas percepções quando comparadas com o grupo das moças: as mulheres foram capazes de relacionar os impactos locais e a associação entre as dragas, as praias e estradas (PEREIRA & CASTRO, 2009, p. 165).

Da mesma maneira que o conhecimento decorre das interações presentes no cotidiano dos seres humanos, e, se em comunidades tradicionais e indígenas a divisão de trabalho entre homens e mulheres é presente, as interações que decorrem e o conhecimento gerado também serão influenciados por essa divisão dos gêneros. Motta-Maués (1999), em seu artigo “Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades

pesqueiras no Brasil”, cita Peirano (1975) que, em seu estudo sobre hábitos alimentares da comunidade de pescadores de Icaraí, no Estado do Ceará, mostra a complementaridade entre atividades do homem/da mulher. O primeiro cuidando da “manutenção da família”; a segunda, “da casa e dos filhos”. Essa divisão dos espaços sustentada pelos interditos simbolicamente construídos impede as mulheres do contato com o mar (a praia mesmo) e lhes proíbem a ingestão (como “reimosos”) de tantos peixes, mas também mobilizam intensamente os homens para localizar as diferentes espécies que são de seu agrado e atender assim a seus “abusos” e “desejos”.

Complementaridade entre atividades do homem e da mulher, essa deve ser a melhor sentença para definir as relações de gênero em comunidades rurais na Amazônia, no sentido de dar visibilidade às atividades desenvolvidas por mulheres adultas, jovens e anciãs que, juntamente com as atividades dos homens, são fundamentais para a (re)produção material e simbólica da vida desses sujeitos sociais na região, tais como: a roça, a pesca, a horta, o extrativismo, a criação de pequenos animais, dentre outras.

3.2 ANÁLISE DOS GRUPOS FOCALIS

A opção metodológica por grupos focais e entrevistas abertas foi feita para demonstrar que a similaridade do conhecimento de fauna perpassa (ou não) *habitus* de um determinado grupo, e que esse *habitus*, como estrutura estruturada que é ao mesmo tempo estruturante, difere em relação ao sexo e a idade, resultando em graus de conhecimentos maiores ou menores sobre um determinado tema concernente à fauna silvestre.

De acordo com a metodologia exposta, os grupos foram divididos em homens e mulheres e por geração, considerando jovens, os moradores com idade entre 18 e 35 anos e adultos, os moradores com mais de 35 anos. O corte de idade foi realizado com base no tempo de criação do Parque Nacional do Jaú. É importante ressaltar que, antes do início da confecção das listas de espécies pelos moradores, houve o nivelamento do conceito de bicho/animal para cada grupo focal gênero/geração. Outro ponto importante é que as questões foram elaboradas a partir de um tripé, qual seja as terras, as florestas e as águas. Dessa maneira, os animais foram sendo citados a partir da relação que determinada espécie tem com seu *habitat*. Os dendogramas são apresentados seguidos da tabela que ilustra os Índices de Jaccard encontrados a cada questão.

No dendograma referente à questão 01, sobre quais animais podem ocorrer na terra firme (floresta), objetivou-se obter respostas espontâneas dos entrevistados acerca da fauna que habita esse ecossistema. Isso é relevante, pois os moradores de Tapiíra, assim como os moradores de outras comunidades rurais da Amazônia, relacionam-se cotidianamente com a mata, quer seja de várzea, terra firme ou igapó. É válido ressaltar que se optou pelo não uso de pranchas, pois isso induziria a resposta do entrevistado. Outro ponto importante, é que a mesma questão foi feita para homens, mulheres e jovens, utilizando a mesma estratégia da espontaneidade. A intenção era perceber o grau de conhecimento dos moradores relacionados ao *habitat*, pois, ao associar o *habitat* com a espécie, há uma clara demonstração de conhecimento empírico da ecologia dessa espécie, independente de sua condição de gênero e faixa etária, evidenciando assim que o conhecimento sobre a espécie deriva do conhecimento (vivência) do sujeito sobre o *habitat* e não o contrário, embora não seja uma regra, pois, quanto mais ele caça, mais ele vivência o *habitat*. Observa-se, na tabela que, a similaridade das respostas entre os grupos focais de homens adultos é significativa (0,83). Esse dado é representado no dendograma pela pequena distância que existe entre esses dois grupos focais de mesmo gênero/geração (HA1/HA2). Esse resultado, de conhecimentos muito similares entre esses dois grupos, poderá ser verificado nas outras questões, também demonstrando que

o conhecimento desse grupo (Homens Adultos) em Tapiíra é muito rico. Ao fazer as listas, os homens contam histórias ricas de detalhes, onde se percebe o alto grau de conhecimento sobre a fauna relacionada a esse *habitat*. Esse grau de conhecimento, que se mostra superior aos demais grupos (não apenas na questão 01), é fruto da relação intrínseca que os homens adultos têm com a mata, pois além de serem os responsáveis pela atividade de caça, assim como os homens jovens, têm mais tempo de vida, acumulando uma quantidade maior de experiência que se transforma em conhecimento. As mulheres (tanto jovens como adultas) também conhecem a fauna que habita a terra firme, mas a variedade de espécies citadas é relativamente menor em comparação aos homens. Esse fato é compreensível ao se recordar a divisão de tarefas: a mulher responsável pelas tarefas domésticas e pelos filhos, em menor contato com a mata fechada em relação ao homem. Também durante a confecção das listas, foi possível notar que muitas das espécies relacionadas pelas mulheres eram de conhecimento contado, ou seja, quase sempre as experiências de encontros com os animais não eram delas. Geralmente, tinham escutado de alguém, do próprio esposo, ou de outro homem da família que contara de uma experiência própria. Isso revela o hábito de oralidade dos moradores, muito comum nas comunidades tradicionais.

Tabela 2
Índices de Jaccard – Questão 01

Índice de Jaccard - Índice de Similaridade (Q1)								
	MJ1	MJ2	MA1	MA2	HJ1	HJ2	HA1	HA2
MJ1								
MJ2	0,41							
MA1	0,41	0,36						
MA2	0,29	0,26	0,5					
HJ1	0,36	0,55	0,4	0,23				
HJ2	0,38	0,62	0,36	0,27	0,75			
HA1	0,4	0,46	0,21	0,16	0,47	0,38		
HA2	0,37	0,43	0,21	0,28	0,47	0,43	0,83	

Legenda: MJ1 = Mulheres Jovens 1, MJ2 = Mulheres Jovens 2, MA1 = Mulheres Adultas 1, MA2 = Mulheres Adultas 2, HJ1 = Homens Jovens 1, HJ2 = Homens Jovens 2, HA1 = Homens Adultos 1, HA2 = Homens Adultos 2.

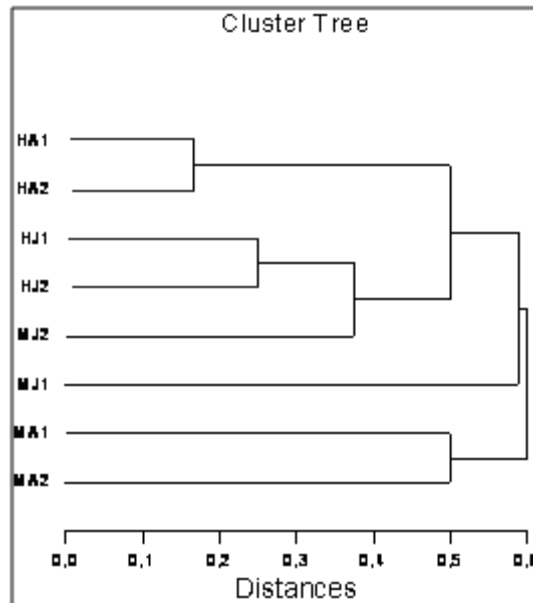


Figura 42 – Dendograma referente à questão 01.

Quais os animais que podem ocorrer na “beira”? Esta foi a segunda questão feita nas reuniões dos grupos focais (**Figura 43**). Aqui o termo beira refere-se à margem do rio Unini. É assim que os moradores denominam as margens do rio. Na beira são realizadas muitas tarefas do cotidiano, como a captação de água, a lavagem da louça e da roupa e, também, o banho diário que, para os meninos e meninas vai muito além da simples assepsia corporal. Para eles, a beira é também o espaço da sociabilidade e do entretenimento, que se dá a partir de um contato lúdico com a água. Contudo, o fato que deve ser destacado aqui é que na beira que ocorre o tratamento dos animais caçados, como mostrado em figuras anteriores. Essa atividade é realizada exclusivamente pelos homens, com exceção do tratamento de peixes, onde ocorre a participação das mulheres dependendo da situação e do momento⁸⁸. As mulheres adultas e jovens têm um contato diário com a beira por conta da lavagem da louça e da roupa. Nessa tarefa elas estão quase sempre sozinhas, tendo um olhar acurado a respeito da fauna que cerca esse ambiente, fato que explica o aparecimento de algumas espécies diferentes nas listas, pois os grupos frequentam a beira com objetivo comum, mas também diferente, inclusive no que se refere ao horário. Foi comum o aparecimento de insetos nas listas pelas mulheres de modo mais específico, citados como animais que incomodam, dependendo do horário. Já os homens, inclusive os jovens, citam espécies de peixes (que podem ser criados como ornamentais). Embora as listas produzidas nessa questão mostrem o conhecimento dos homens adultos mais apurado (espécies citadas exclusivamente por esses homens), fica claro

⁸⁸ Os homens também tratam os peixes, mas em caso de certas quantidades capturadas em ocasiões especiais como o *ajuri*, é comum a mulher descer para a beira para ajudar o marido ou filho a tratar do pescado capturado.

no dendograma que mesmo havendo dissimilaridades, o conhecimento da fauna relacionada ao *habitat* da beira é muito difundido entre todos os moradores. Há, no entanto, um efeito de gênero mais pronunciado. Homens (adultos e jovens) são mais parecidos entre si do que com mulheres (adultas e jovens).

Tabela 3
Índices de Jaccard – Questão 02

Índice de Jaccard - Índice de Similaridade (Q2)								
	MJ1	MJ2	MA1	MA2	HJ1	HJ2	HA1	HA2
MJ1								
MJ2	0,69							
MA1	0,43	0,53						
MA2	0,67	0,56	0,62					
HJ1	0,47	0,47	0,45	0,47				
HJ2	0,34	0,34	0,25	0,35	0,57			
HA1	0,38	0,38	0,5	0,52	0,66	0,55		
HA2	0,34	0,34	0,52	0,55	0,61	0,5	0,94	

Legenda: MJ1 = Mulheres Jovens 1, MJ2 = Mulheres Jovens 2, MA1 = Mulheres Adultas 1, MA2 = Mulheres Adultas 2, HJ1 = Homens Jovens 1, HJ2 = Homens Jovens 2, HA1 = Homens Adultos 1, HA2 = Homens Adultos 2.

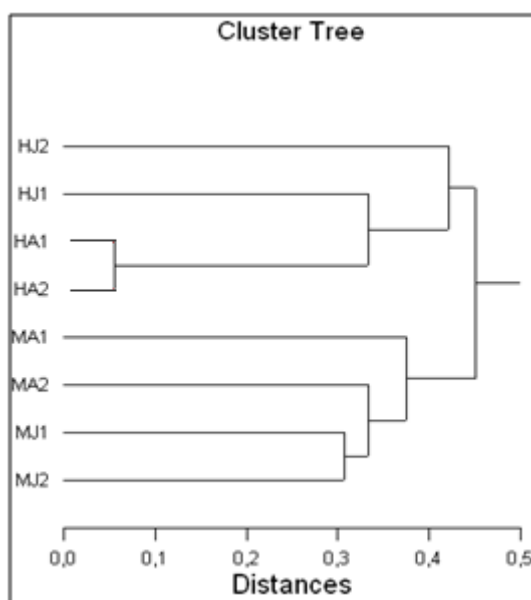


Figura 43 – Dendograma referente à questão 02.

Quais os animais que podem ocorrer nas águas? Esta foi a terceira questão levantada durante a pesquisa de campo (**Figura 44**). Sabe-se que a Amazônia é um mosaico de rios, lagos, furos e igarapés e que, nesses ambientes, reside uma enorme diversidade de espécies

faunísticas. Na comunidade Tapiíra, a relação com a água é intensa. A comunidade possui muitos lagos, igarapés e igapós que são ambientes de grande piscosidade. A pesca artesanal é a principal forma de obtenção de alimento, também podendo ser feita para geração de renda (pesca do peixe ornamental), portanto, o conhecimento da ictiofauna entre os moradores é grande, inclusive, muito semelhante entre as gerações de homens. Como dito, a pesca em Tapiíra é uma atividade masculina. Ainda assim, a tabela de similaridade não demonstra nenhuma relação com similaridade menor de 0,5, o que revela mais uma vez que, ainda que o conhecimento dessa fauna seja fruto da experiência empírica dos homens, a informação é repassada às mulheres. Outra explicação para o elevado grau de conhecimento entre todos, é que, como na questão anterior (fauna da beira), a água, de certa forma, guia a vida dos moradores da Amazônia, como diria Tocantins (2000) “o rio comanda a vida”, seja dos homens ou das mulheres de qualquer idade. Por outro lado, o gráfico com o dendograma revela ainda que as menores distâncias estão entre homens adultos e, depois destes, em relação aos homens jovens. As maiores distâncias estão entre as mulheres adultas, e entre elas, com restantes do grupo. Quanto maior a distância, menor a similaridade.

Tabela 4
Índices de Jaccard – Questão 03

Índice de Jaccard - Índice de Similaridade (Q3)								
	MJ1	MJ2	MA1	MA2	HJ1	HJ2	HA1	HA2
MJ1								
MJ2	0,75							
MA1	0,56	0,48						
MA2	0,59	0,5	0,65					
HJ1	0,58	0,64	0,64	0,60				
HJ2	0,70	0,68	0,70	0,53	0,75			
HA1	0,51	0,64	0,57	0,59	0,86	0,68		
HA2	0,62	0,65	0,62	0,58	0,96	0,79	0,89	

Legenda: MJ1 = Mulheres Jovens 1, MJ2 = Mulheres Jovens 2, MA1 = Mulheres Adultas 1, MA2 = Mulheres Adultas 2, HJ1 = Homens Jovens 1, HJ2 = Homens Jovens 2, HA1 = Homens Adultos 1, HA2 = Homens Adultos 2.

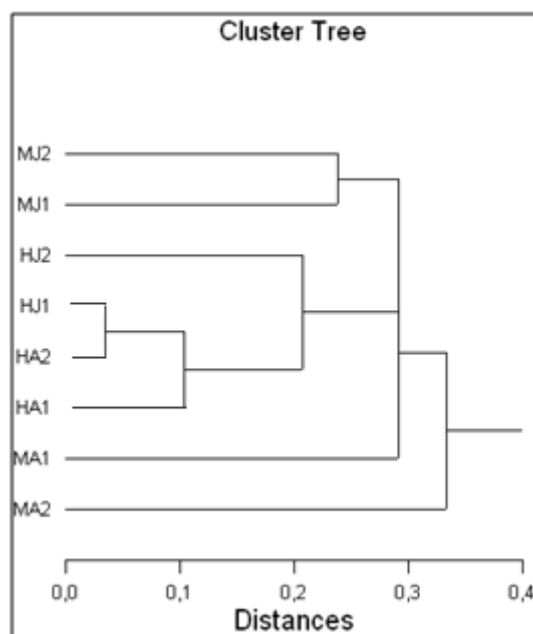


Figura 44 – Tabela com os Índices de Jaccard e dendograma referente à questão 03.

A quarta questão “quais os animais que podem ser encontrados debaixo da terra?” foi colocada pressupondo o conhecimento dos moradores da comunidade Tapiíra sobre os animais que encontram suas fontes de alimentos nas raízes ou que passam algum período (seja do ciclo biológico ou do ciclo diário) embaixo da terra (**Figura 45**). A comunidade tem muitos agricultores que cultivam essencialmente mandioca, no plantio e na colheita, onde esse tubérculo precisa ser arrancado do solo, imputando um contato mais direto com a terra. Embora a questão tenha gerado índices de similaridades bem variados (0,28 entre homens e mulheres e 0,83 entre os homens), o número de espécies citadas pelos moradores não foi grande, um total de 07 espécies – ariranha, tatu, formiga, cupim, calango, minhoca e formiga saúva – o que gerou no dendograma uma diferença que não ultrapassou 0,4 pontos entre os grupos. No entanto, apenas uma espécie foi citada por todos os grupos, a ariranha. O dendograma revela que o conhecimento entre os homens (jovens e adultos) é mais similar entre si que entre os grupos de mulheres jovens e adultas, embora os grupos de mulheres adultas também mostrem um conhecimento bastante similar entre elas.

Tabela 5
Índices de Jaccard – Questão 04

Índice de Jaccard - Índice de Similaridade (Q4)								
	MJ1	MJ2	MA1	MA2	HJ1	HJ2	HA1	HA2
MJ1								
MJ2	0,67							
MA1	0,6	0,42						
MA2	0,5	0,57	0,8					
HJ1	0,42	0,71	0,42	0,57				
HJ2	0,28	0,57	0,28	0,42	0,83			
HA1	0,28	0,57	0,5	0,67	0,71	0,66		
HA2	0,67	1	0,42	0,57	0,71	0,57	0,57	

Legenda: MJ1 = Mulheres Jovens 1, MJ2 = Mulheres Jovens 2, MA1 = Mulheres Adultas 1, MA2 = Mulheres Adultas 2, HJ1 = Homens Jovens 1, HJ2 = Homens Jovens 2, HA1 = Homens Adultos 1, HA2 = Homens Adultos 2.

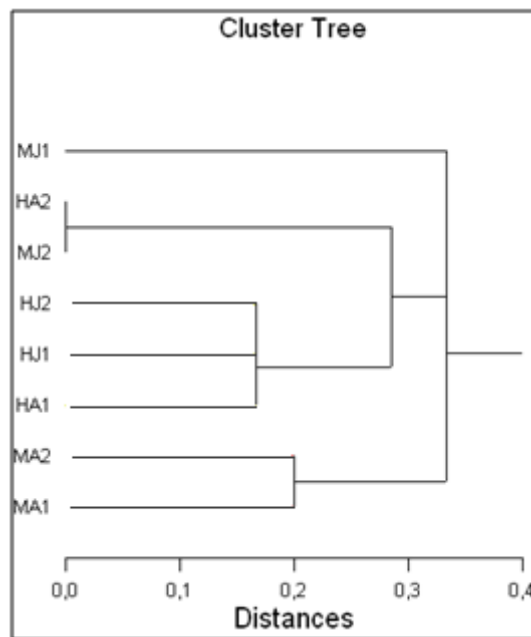


Figura 45 – Tabela com os Índices de Jaccard e dendograma referente à questão 04.

Quais os animais que vivem em cima das árvores? Com essa questão, objetivou-se perceber as similaridades de conhecimento da fauna arborícola que se apresenta nas matas, tanto nas de igapó, quanto nas de terra firme (**Figura 46**). A caça e o extrativismo obrigatoriamente fazem com que os moradores de Tapiíra adentrem a mata, pois é na mata alta que está a castanha, por exemplo. A atividade da caça, como se viu anteriormente, é exclusivamente masculina, logo, mais uma vez, é observado que, quando questionados a respeito da fauna que se relaciona com a floresta, o número de animais citados nas listas é

maior, sugerindo um conhecimento mais específico pelos homens, e quanto maior a vivência, maior e mais profundo é esse conhecimento. Aves como a ariramba, o urubu, o papagaio, o tucano e mamíferos como a preguiça, o mico de cheiro e o macaco prego apareceram nas listas de homens e de mulheres, pois frequentam as árvores da floresta, mas também as árvores dos quintais das casas e da beira do rio. Já animais como o acauã, o carcará, o capitão do mato, o camaleão, a aranha caranguejeira, a caba tapiú, a caba de igreja o louva-a-deus e, ainda, o ouriço caixeiro e a mucura foram citados apenas nas listas produzidas pelos homens. Percebe-se também uma especificação maior em nomear a fauna citada pelos homens, o que pressupõe uma melhor identificação espécie-específica por causa da maior experiência empírica. Nesse dendograma em particular, pode-se supor que o conhecimento dos moradores é empírico, pois existem espécies que foram citadas apenas por homens, e outras apenas por mulheres. No entanto, como também existem espécies identificadas de forma mais generalizada comum aos homens e mulheres, como a caba, por exemplo, pode-se concluir que a identificação específica das espécies, embora se dê de maneira empírica, um conhecimento mais generalizado é transmitido pela oralidade entre gêneros e gerações. Esse dendograma demonstra que todos os grupos de mesmo gênero e geração são mais semelhantes entre si do que com os demais grupos e, ainda, que todos os grupos de mesmo gênero são mais semelhantes entre si do que os do outro gênero.

Tabela 6
Índices de Jaccard – Questão 05

Índice de Jaccard - Índice de Similaridade (Q5)								
	MJ1	MJ2	MA1	MA2	HJ1	HJ2	HA1	HA2
MJ1								
MJ2	0,85							
MA1	0,75	0,8						
MA2	0,71	0,76	0,84					
HJ1	0,5	0,48	0,41	0,4				
HJ2	0,55	0,53	0,53	0,5	0,82			
HA1	0,45	0,41	0,42	0,41	0,67	0,78		
HA2	0,37	0,38	0,39	0,42	0,59	0,69	0,84	

Legenda: MJ1 = Mulheres Jovens 1, MJ2 = Mulheres Jovens 2, MA1 = Mulheres Adultas 1, MA2 = Mulheres Adultas 2, HJ1 = Homens Jovens 1, HJ2 = Homens Jovens 2, HA1 = Homens Adultos 1, HA2 = Homens Adultos 2.

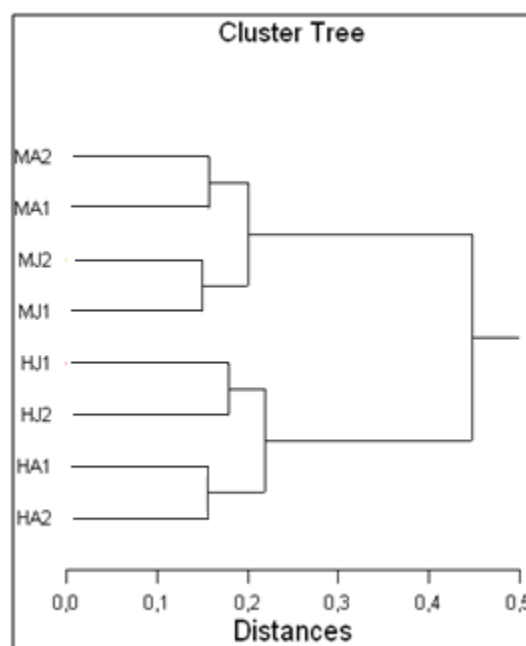


Figura 46 – Tabela com os Índices de Jaccard e dendograma referente à questão 05.

Quais os animais que voam? Com essa questão, objetivou-se perceber a similaridade do conhecimento de homens e mulheres relacionados ao reino das aves. Também com essa questão verificou-se que os animais colocados nas listas estavam sendo relacionados não somente a partir de uma classificação biológica, mas também porque realmente tinham o hábito “aéreo”, como se os moradores usassem uma memória fotográfica para listá-los. Os moradores usaram a relação animal-*habitat* para confeccionarem as listas, onde foram lembradas espécies bem diversificadas, como o morcego e, principalmente, os insetos (cabas, abelhas, mutucas, borboletas e cigarras) (**Figura 47**). Em Tapiíra há uma grande quantidade de psitacídeos (curicas, papagaios, periquitos) que visitam os quintais, alimentando-se das frutas, com os ruídos típicos dessas aves. Por isso foram animais muito citados, tanto nessa questão como na anterior. O conhecimento sobre a fauna “que voa” é bem disseminado na comunidade, as listas somaram um total de 37 espécies diferentes. Houve 12 animais que foram citados pelos homens que não foram citados pelas mulheres. Esse dendograma apresenta o mesmo padrão anterior, no entanto com menores distâncias entre os grupos homogêneos (menor efeito de gênero e geração). Mulheres jovens são as que mais se distanciam dos demais grupos.

Tabela 7
Índices de Jaccard – Questão 06

Índice de Jaccard - Índice de Similaridade (Q6)								
	MJ1	MJ2	MA1	MA2	HJ1	HJ2	HA1	HA2
MJ1								
MJ2	0,71							
MA1	0,70	0,69						
MA2	0,69	0,60	0,75					
HJ1	0,62	0,55	0,72	0,65				
HJ2	0,62	0,55	0,72	0,65	0,80			
HA1	0,45	0,44	0,54	0,51	0,71	0,71		
HA2	0,47	0,41	0,56	0,5	0,72	0,72	0,78	

Legenda: MJ1 = Mulheres Jovens 1, MJ2 = Mulheres Jovens 2, MA1 = Mulheres Adultas 1, MA2 = Mulheres Adultas 2, HJ1 = Homens Jovens 1, HJ2 = Homens Jovens 2, HA1 = Homens Adultos 1, HA2 = Homens Adultos 2.

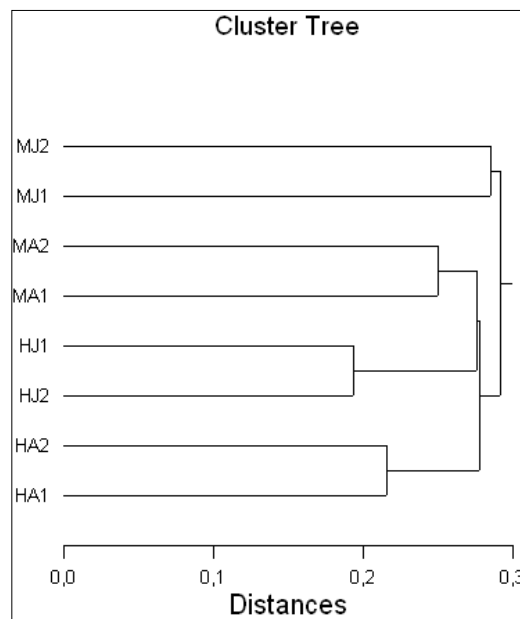


Figura 47 – Tabela com os Índices de Jaccard e dendograma referente à questão 06.

Quais os animais que podem ser encontrados na vazante/seca? Essa questão está ligada diretamente à sazonalidade do rio Negro e seus afluentes. A dinâmica das águas altera de maneira significativa o *habitat* de muitas espécies, sejam mamíferos, répteis, anfíbios e outros. Altera também a relação dos homens e das mulheres com os animais, no sentido de uma maior facilidade de captura ou não. A tabela com os índices de similaridade entre os grupos e o dendograma demonstram uma alta similaridade entre o conhecimento dos homens e das mulheres (distância entre as respostas menor que 0,3), jovens ou adultos(as). O

conhecimento da dinâmica das águas na comunidade Tapiíra é adquirido desde a tenra idade, tornando-os “íntimos” da fauna desse ambiente desde cedo.

O dendograma revela um padrão fraco de gênero e geração, resultado de listas muito semelhantes entre si. O binômio “vazante/seca” não está associado somente à beira do rio, característica que deixou a questão 07 muito ampla, pois abarcou guildas muito distantes, tanto no sentido fenológico quanto ecológico. Esse fato contribuiu para a alta similaridade entre os grupos.

Tabela 8
Índices de Jaccard – Questão 07

Índice de Jaccard - Índice de Similaridade (Q7)								
	MJ1	MJ2	MA1	MA2	HJ1	HJ2	HA1	HA2
MJ1								
MJ2	0,78							
MA1	0,75	0,56						
MA2	0,73	0,68	0,75					
HJ1	0,75	0,68	0,66	0,64				
HJ2	0,70	0,64	0,70	0,61	0,72			
HA1	0,57	0,61	0,77	0,57	0,6	0,65		
HA2	0,68	0,63	0,7	0,68	0,78	0,68	0,68	

Legenda: MJ1 = Mulheres Jovens 1, MJ2 = Mulheres Jovens 2, MA1 = Mulheres Adultas 1, MA2 = Mulheres Adultas 2, HJ1 = Homens Jovens 1, HJ2 = Homens Jovens 2, HA1 = Homens Adultos 1, HA2 = Homens Adultos 2.

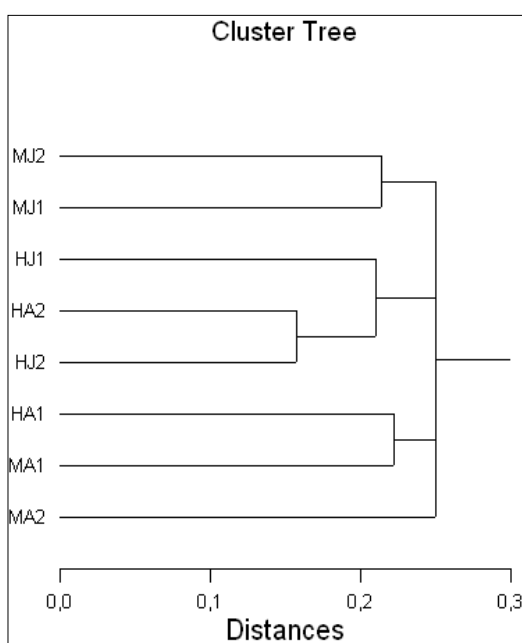


Figura 48 – Tabela com os Índices de Jaccard e dendograma referente à questão 07.

Quais os animais que podem ser encontrados na enchente/cheia? Aqui a argumentação é a mesma da questão anterior, só que agora em relação a outro período que também altera a relação dos moradores com a fauna local. A época da cheia, por exemplo, é a época dos “peixes magros”, ou seja, nesse período os corpos d’água se expandem aumentando significativamente os esforços de pesca (e de caça também), pois as distâncias a serem percorridas para encontrar os animais são maiores devido à alagação. Na época da seca, as antas, por exemplo, precisam beber água nas margens dos igarapés ou lagos, facilitando o alvejamento pela espingarda. Em relação às mulheres, a visita à beira do rio na época da cheia é bem mais frequente que na seca, e, em Tapiíra, isso pode significar um caminhada de 200 metros a mais. Portanto, é provável que o relato do conhecimento da fauna na época da enchente/cheia tenha se mostrado mais apurado em virtude da maior frequência de idas à beira. Mais uma vez, a distância entre as respostas, considerando toda a comunidade, não é grande, pressupondo um conhecimento bem disseminado sobre essa fauna. No entanto, se pode perceber no dendograma (**Figura 49**) a maior semelhança entre grupos homogêneos (i.e., mesmo gênero e geração) do que entre cada grupo e os demais. Pode também ser observado que, antes de o conhecimento se tornar amplo em toda a comunidade, ele é mais similar com os grupos de mesmo gênero, independente de geração. Isso leva a crer que o conhecimento adquirido é transmitido primeiro aos de gênero igual com idades diferentes, antes de ser transmitido ao outro sexo. Isso também implica dizer que a transmissão vertical do conhecimento entre indivíduos do mesmo sexo é muito valorizada em Tapiíra, o que não anula a importância da transmissão horizontal como, por exemplo, entre companheiros (marido e mulher).

Concluindo, há um padrão forte de gênero e geração. O conhecimento é mais uniforme entre indivíduos adultos do que entre indivíduos jovens, todos os grupos de mesmo gênero e idade são mais semelhantes entre si do que com os demais grupos e todos os grupos de um gênero são mais semelhantes entre si do que com grupo de outro gênero.

Tabela 9
Índices de Jaccard – Questão 08

Índice de Jaccard - Índice de Similaridade (Q8)								
	MJ1	MJ2	MA1	MA2	HJ1	HJ2	HA1	HA2
MJ1								
MJ2	0,75							
MA1	0,62	0,6						
MA2	0,6	0,64	0,8					
HJ1	0,5	0,42	0,55	0,5				
HJ2	0,5	0,45	0,65	0,6	0,8			
HA1	0,40	0,36	0,54	0,57	0,68	0,77		
HA2	0,47	0,57	0,54	0,5	0,76	0,80	0,81	

Legenda: MJ1 = Mulheres Jovens 1, MJ2 = Mulheres Jovens 2, MA1 = Mulheres Adultas 1, MA2 = Mulheres Adultas 2, HJ1 = Homens Jovens 1, HJ2 = Homens Jovens 2, HA1 = Homens Adultos 1, HA2 = Homens Adultos 2.

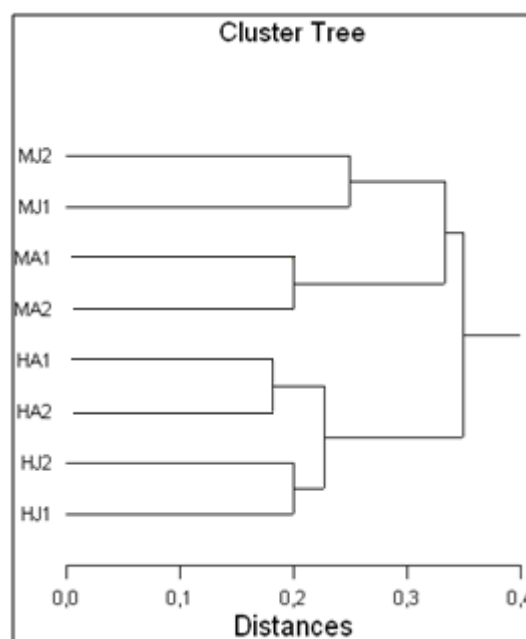


Figura 49 – Tabela com os Índices de Jaccard e dendograma referente à questão 08.

3.2.1 Conclusões

É observado, na maioria das respostas, que a distância entre os grupos iguais (mesmo gênero-geração) é muito pequena, ou seja, a similaridade entre as listas é grande. Dos oito dendogramas produzidos, pode-se verificar, que em quatro deles (referentes às questões 1, 2, 5, 8), a menor distância entre as respostas (maior similaridade) ocorreu entre os homens adultos. Nos resultados, isso significa que esses grupos (homens adultos 01 e 02) relataram

algumas espécies que não foram relatadas pelos outros grupos, e, como dito, isso revela um conhecimento mais apurado, que é consequência da maior experiência empírica desses grupos. Em dois dendogramas (referentes às questões 3, 7) observa-se maior semelhança de resultados dos homens adultos com os homens jovens. Em um dendograma (referente à questão 6), os homens jovens são o grupo de maior similaridade entre si, e em outro dendograma (referente à questão 4), a similaridade é maior entre homens jovens e mulheres adultas). As mulheres também têm espécies que foram citadas apenas por elas, embora em um número menor do que o dos homens. A relação de geração existente entre os homens não é percebida nas mulheres na mesma intensidade.

O dendograma a seguir (**Figura 50**) foi confeccionado a partir de todas as listas juntas. Para isso, fizeram-se unir todas as planilhas, uma seguida da outra. Como esperado, esse dendograma confirmou a tendência dos outros: de mostrar a formação de grupos de conhecimentos específicos, que dependem da atividade exercida em um determinado *habitat* pelo grupo. Embora a distância entre as respostas dos grupos não tenha ultrapassado 0,5 pontos, o que revela o conhecimento sobre a fauna silvestre ser transmitido para todos os grupos. A similaridade de conhecimento entre homens adultos é maior do que a similaridade entre e dentre os demais grupos; e a similaridade entre as mulheres jovens é a que mais se distancia dos demais, corroborando para o resultado encontrado por Pereira e Castro (2009). As semelhanças são maiores entre grupos de mesmo gênero, independente de geração. Homens são mais semelhantes entre si do que mulheres entre si, também independente de geração. Essa similaridade, maior entre os grupos de mesmo gênero, é provavelmente decorrência da divisão sexual do trabalho, pressupondo também que ocorra maior socialização das informações entre os indivíduos de sexo masculino.

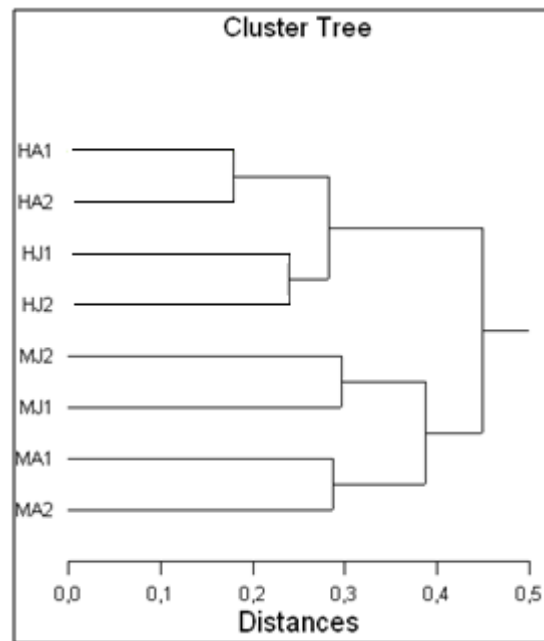


Figura 50 – Dendograma referente a todas as respostas.

De maneira geral, embora os resultados demonstrem uma maior socialização do conhecimento entre os homens mais velhos, o grau de similaridade entre as respostas apresentadas, quando considerada toda a comunidade é alto, demonstrando que, ainda que em um primeiro momento, uma informação seja mais restrita a um grupo, de homens ou mulheres, jovens ou adultos. Pouco tempo depois, no entanto, essa informação é disseminada para toda a comunidade. Sendo assim, também se pode dizer que na comunidade Tapiíra ocorre a transmissão dos conhecimentos acessados das interações culturalmente estabelecidas com a fauna silvestre local, inclusive entre gerações diferentes.

A categoria gênero é importante porque se os moradores da reserva devem participar das ações de conservação da fauna local, é condição *sine qua non* que sejam compreendidos e levados em conta os seus papéis sociais de homens e mulheres como protagonistas das ações de conservação, pois revelam as estratégias de socialização das práticas de manejo da fauna e também das mudanças de comportamento e percepção, que, em parte, são influenciadas pelas mudanças políticas, como por exemplo, a criação das áreas protegidas. Partindo-se de rotinas já estabelecidas ou de intervenções que introduzam inovações mais adequadas e adaptáveis ao contexto local, poderão ser sugeridas estratégias de manejo participativo que possam resultar em ganhos conservacionistas para as espécies da fauna silvestre local e para a proteção e valorização das práticas culturais estabelecidas entre os moradores da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar categoricamente que a relação homem/bicho na comunidade Tapiíra é cotidiana, intensa, utilitária e simbólica. Os homens e mulheres desse pedaço de chão da Amazônia brasileira não veem a fauna silvestre com superioridade ou inferioridade e sim como parte integrante e necessária ao seu mundo vivido. Mundo este mediado pelos elementos terras, florestas e águas, que são, ao mesmo tempo, ambientes de trabalho e o local de captura dos animais. O conhecimento desses homens e dessas mulheres a respeito da floresta é oriundo do contato contínuo com os ambientes que os cercam, numa relação dialética com a natureza. São herdeiros culturais dos povos ameríndios, fato que se traduz nas técnicas e instrumentos de caça e pesca, bem como a forte oralidade na transmissão dos conhecimentos. O mundo animal e o mundo dos homens se tocam nesse recanto da Amazônia, tanto na caça e na pesca para fins de alimentação, quanto na utilização de substâncias como óleos (banhas) que curam enfermidades e, também, nos utensílios domésticos como, por exemplo, o espanador de pó feito com penas de mutum.

Na comunidade Tapiíra, a possibilidade de criação de animais silvestres da fauna local é um tema recorrente nas reuniões das associações de moradores (AMORU e AMOTAPI), bem como nas reuniões dos Conselhos do Parque Nacional do Jaú e da Reserva Extrativista do Rio Unini. Nesse sentido, dos inúmeros caminhos que poderiam ser trilhados para a elaboração deste trabalho, escolheram-se dois: compreender como se dá a relação homem/animal na comunidade, a partir da análise das interações culturalmente estabelecidas, e apresentar os fatores de gênero e geração que influenciam essas interações e contribuem para um maior ou menor conhecimento da fauna na comunidade, com o propósito de poder contribuir, ainda que superficialmente, para as discussões acerca da temática da criação de animais silvestres em áreas protegidas.

A comunidade está inserida no recém criado Mosaico do Baixo Rio Negro e localizada nos limites geográficos da Reserva Extrativista do Rio Unini, portanto, fazendo parte de modo participativo das reuniões do Conselho Deliberativo da reserva. A Lei nº. 9.985, de 18 de julho de 2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) estabelece, no Art. 4º, seus objetivos. Dentre os 13 objetivos claros da Lei, três fazem menção direta à diversidade biológica. São eles: *I – Contribuir para a manutenção da diversidade biológica e dos recursos genéticos no território nacional e nas águas jurisdicionais; II – Proteger as espécies ameaçadas de extinção no âmbito regional e nacional; XI – Valorizar econômica e socialmente a diversidade biológica.*

Assim, cabe a comunidade, ao Conselho Deliberativo da Resex e a todos os interessados que primarem pela conservação e pelo sucesso das áreas protegidas e buscar em projetos que visem a proteção da fauna silvestre da região.

Desse modo, este trabalho não poderia deixar de citar alguns grupos de animais que, no decorrer da pesquisa, demonstraram possuir características que os tornam espécies com potencial de manejo, pois são espécies que mantêm relações cotidianas com os moradores. Como não poderia deixar de ser, os “bichos de casco” – assim denominados por eles – merecem um destaque especial. A utilização desses animais, os quelônios, como fonte de alimento é uma herança cultural antiga na Amazônia, considerados uma iguaria alimentar pelos moradores. Outro forte pretexto para a indicação de manejo dos quelônios é consequência do primeiro motivo. De acordo com Ferrara *et al.* (2010), em seu relatório recente sobre a situação dos quelônios no rio Unini, é imprescindível uma atitude no sentido de diminuir a “caça” desses animais, do contrário, segundo o relatório, em menos de dez anos começaríamos a ter um declínio do número de indivíduos. Há uma preocupação específica com uma espécie, a irapuca, endêmica na região. Outro motivo para considerar os quelônios animais com potencial para o manejo é o grande conhecimento que os moradores têm dos mesmos, consequência da intensa interação que existe. Por último, o apelo de um projeto de conservação desses animais poderia trazer, não só à comunidade Tapiíra, mas a todas as comunidades do rio Unini, benefícios futuros em projetos de ecoturismo.

Outro grupo de animais que apresenta potencial de manejo são os peixes ornamentais. Esse tipo de pesca, que é artesanal, é muito comum no município de Barcelos. Nesse município há uma intensa comercialização dessas espécies. Os peixes ornamentais capturados no rio Unini são o cardinal ou neon, o acará-disco e o aruanã. Relatos demonstram haver uma variedade endêmica de acará-disco nesse rio, chamado de cabeça azul, que tem grande procura no comércio internacional de peixes ornamentais. Os peixes capturados em Tapiíra são levados pelos próprios moradores até Barcelos e vendidos diretamente aos aquários, pois os moradores se juntam e utilizam embarcações próprias para o transporte, evitando os intermediários. O manejo pode ser facilitado devido ao conhecimento dos moradores acerca da ecologia da espécie, no caso específico, o conhecimento dos locais de captura.

O estado de conservação do rio Unini revela uma diversidade faunística pouco encontrada em outros lugares da Amazônia. Nesse contexto, outras espécies se apresentam com potencial de manejo, tais como: porcos, jacarés e abelhas. Os porcos, o caititu (também conhecido como cateto) e a queixada, ocorrem o ano todo, às vezes até trazem prejuízo às roças de mandioca, como ocorreu no ano de 2008, quando muitos moradores perderam parte

do seu roçado para esses animais. Segundo os relatos dos homens da comunidade, os porcos aparecem sempre em manadas relativamente grandes, de 20 a 30 indivíduos. Contudo, moradores mais antigos se recordam de manadas maiores no passado. De qualquer modo, grupos de animais, volumosos assim representam um esforço de caça menor. Logo, como o consumo desses animais é alto, devido ao hábito alimentar, poderiam ser possíveis espécies candidatas ao manejo *in situ*, que consiste na manutenção e recuperação das espécies em seus meios naturais, garantindo dessa forma a manutenção dessa espécie. Nessa mesma estratégia de criação *in situ*, enquadram-se os crocodilianos. Nesse ponto, a comunidade já demonstrou algum interesse, enviando dois moradores (interessados no assunto) para fazer um curso de manejo de crocodilianos na Reserva Extrativista de Mamirauá. O manejo de abelhas sem ferrão é outro ponto importante na pauta da comunidade, embora a criação das mesmas já tenha sido feita por um número maior moradores que atualmente, é uma atividade que deveria ser novamente estimulada na comunidade. Além dos benefícios ecológicos desse tipo de manejo, bem como o acesso a um produto que traz benefícios a saúde, a meliponicultura não traz nenhum tipo de risco ao homem, e os meliponários podem ser manejados por adolescentes e mulheres, podendo ser instalado nos quintais das casas.

Tapiíra também apresenta uma diversidade de aves muito grande, e os moradores, como dito, possuem um vasto conhecimento, não só sobre as espécies em si, como também sobre os locais de permanência, e a reprodução desses animais. Esse know-how *sobre as aves deve ser aproveitado para subsidiar projetos de conservação desses animais, cujo o conhecimento da localização dos ninhos é fundamental. Esse tipo de informação, fornecida pelo morador, estende-se também aos demais animais, mamíferos, répteis e peixes. Os projetos de conservação bem sucedidos de animais da fauna silvestre brasileira são muitos⁹ e um dos fatores de êxito desses projetos é a conjugação do saber local com o saber acadêmico.*

Portanto, a compreensão das relações socioculturais estabelecidas entre os moradores da comunidade e a fauna silvestre local, que perpassa também a compreensão das relações de questão gênero e geração, é importante, porque, se os moradores da reserva devem participar de ações de conservação da fauna silvestre local, é fundamental que sejam compreendidos e levados em conta os seus papéis de homens e mulheres como protagonistas das ações de conservação, pois revelam as estratégias de socialização das práticas de manejo da fauna e,

⁹ Projeto de Conservação do Papagaio-de-Cara-Roxa, Projeto Arara Azul, *Projeto de Conservação do Papagaio-verdadeiro*, Projeto Tamar, Ecologia e conservação da onça-pintada (*Panthera onça*) e da onça parda (*Puma concolor*) no Brasil, Projeto de Conservação do mico-leão-dourado, *Conservação do mico-leão-dourado*, Projeto de Conservação do Muriqui e outros.

também, das mudanças de comportamento e percepção. Estas, em parte, são influenciadas pelas mudanças políticas como, por exemplo, a possibilidade de manejo de fauna em áreas protegidas. Partindo-se de rotinas já estabelecidas ou de intervenções que introduzam inovações mais adequadas e adaptáveis ao contexto local, poderão ser sugeridas estratégias de manejo participativo que possam resultar em ganhos conservacionistas para as espécies da fauna silvestre local.

Qualquer política pública que objetive implementar programas de manejo de fauna silvestre no rio Unini deve ter uma nova visão de mundo que leve necessariamente em consideração a questão da biossociodiversidade local. Isso implica rever, profundamente, o melhor caminho para o seu desenvolvimento, nunca desconsiderando sua ecologia – seus múltiplos ecossistemas – e a ecologia humana que o caracteriza historicamente.

REFERÊNCIAS

- ALVES, B. M. & PITANGUY, J. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- ÂRHEM, K. "The Cosmic Food Web". In: DESCOLA, P.; PÁLSSON, G. **Nature and Society, Anthropological Perspectives**, London/New York: Routledge, 1996.
- Associação Comercial do Amazonas (Waldemar Pinheiro de Souza, Presidente). Aproveitamento da carne do jacaré. **Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas**. Ano social de 1944-1945. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, Brasil. p. 214-215.
- AUBERTIN, C. A ocupação da Amazônia - das drogas do sertão à biodiversidade. In: **A floresta em jogo - o extrativismo na Amazônia Central**. Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 2000, p. 19-26.
- BARBIERI, T. **Sobre a categoria de gênero: uma introdução teórico-metodológica**. Recife: SOS Corpo, 1992.
- BARROS, J. F.; SILVA, M. C. Aspectos Socioculturais das Populações de Várzea. In: RIBEIRO, M. O. A.; FABRÉ, N. N. (Orgs.). **Sistemas abertos sustentáveis – SAS: uma alternativa de gestão ambiental na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2002.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Trad. Jeni Vaitsnan. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 3 ed. São Paulo: Perspetiva, 1992.
- BOWMAN, J. C. **Animais úteis ao homem**. Coleção Temas de Biologia. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1980. 73 p.
- BRASIL. Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. **Lex**, Coletânea de Legislação e Jurisprudência, São Paulo, Ano 64, Tomo VII, jul. 2000, 3.692 p..
- _____. Lei Nº 5.197 de 03 de janeiro de 1967. Dispõe sobre a proteção a fauna e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil/Leis/L5197.htm>. Acesso em 15 set. 09
- CANDELO, C. R.; ORTIZ R., G. A.; UNGER, B. **Hacer talleres: Una guía práctica para capacitadores**. Cali , Colombia, 2003.
- CANDIDO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito**. 8ª ed. São Paulo: Editora 34, 1997.
- CASTRO, V. B.; PEREIRA, H. S. As gerações de mulheres pescadoras e as transformações da pesca no médio rio Tocantins. In: I Encontro de Estudos sobre Mulheres da Floresta, 2009, Manaus. **Caderno de resumo [expandidos] do I Encontro de estudos sobre Mulheres da Floresta: gênero, trabalho e meio ambiente**, Manaus: EDUA, v. 1, p. 163-168, 2009.

CHERNELA, J. M. Os cultivares de mandioca de mandioca na área do Uaupés (Tukâno). *In: Suma etnológica brasileira*. v.1. Etnobiologia. 2a. ed. Ribeiro, B.G. (ed.). Ed. Vozes, Petrópolis, p. 151-158, 1987a.

CHERNELA, J. M. Pesca e hierarquização tribal no alto Uaupés. *In: Suma etnológica brasileira*. v.1. Etnobiologia. 2a. ed. Ribeiro, B.G. (ed.). Ed. Vozes, Petrópolis, p. 235-249, 1987b.

CHIEPPA, F. **Uccelli**, p. 40-42, Dez., 2002. Acessado em: <http://www.ao.com.br/pet.htm>

DA MATTA, R. **Panema, uma tentativa de análise estrutural**. Em Ensaios de Antropologia Estrutural. Petrópolis, Vozes, p. 63-92, 1973.

DEAN, W. **A luta pela borracha no Brasil - um estudo de história ecológica**. São Paulo: Ed. Nobel, 1989.

DESCOLA, P. **In the Society of Nature. A Native Ecology in Amazonia**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DIEGUES, A. **O mito da natureza intocada**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

DURIGAN, C. C. **Biologia e extrativismo do cipó-titica (Heteropsis spp. – Araceae) – Estudo para avaliação dos impactos da coleta sobre a vegetação de terra firme do Parque Nacional do Jaú**. Dissertação de Mestrado, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 1998.

DURIGAN C. C., CASTILHO C. V. O extrativismo de cipós (Heteropsis spp., Araceae) no Parque Nacional do Jaú. *In: Janelas para a Biodiversidade no Parque Nacional do Jaú: Uma estratégia para o estudo da biodiversidade na Amazônia*. BORGES, S.H., IWANAGA, S., PINHEIRO, M.R. & DURIGAN, C.C. (eds.). Fundação Vitória Amazônica/ WWF-Brasil/USAID, Manaus, 2004. p. 231-242.

DURHAM, E. **A Dinâmica da Cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

DURKHEIM, E. **A divisão do trabalho social**. Lisboa: Editorial Presença, 2008.

ENGLE, D.; MELACK, J. M. Methane emissions from an Amazon floodplain lake: Enhanced release during episodic mixing and during falling water. **Biogeochemistry** 51: 71–90, 2000.

FALABELLA, P. J. R. **A pesca no Amazonas: problemas e soluções**. 2ªed. Manaus: [s.ed.], 1994.

FERRARA, C. R. *et al.* **Conservação e manejo das tartarugas da Amazônia**. Coordenação de Pesquisa em Biologia de Água Doce e Pesca Interior. Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas. Dezembro de 2010. 61 p.

FOIRN . ISA. **Povos indígenas do alto e médio rio Negro. Uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira**. São Gabriel da Cachoeira/AM e São Paulo, 1998.

FRAXE, T. J. P. **Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. 2 ed. São Paulo: Annablumme, 2010. 374 p..

FVA - Fundação Vitória Amazônica. **Os Moradores do Parque Nacional do Jaú** - Censo e Levantamento Sócio-Econômico. Manaus, 1994. 30 p.

FVA - Fundação Vitória Amazônica. **Diagnóstico Participativo com Foco em Alternativas Econômicas no Baixo Rio Negro**. Manaus, 2004. 66 p..

FVA; AMORU; CNPT. **Diagnóstico para a criação da Reserva Extrativista do rio Unini**. Manaus : FVA, 2005.

GALVÃO, E. **Aculturação indígena no rio Negro**. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi v.7:1-77, 1959.

GALVÃO, E. Santos e visagens – um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. **Brasiliana**, São Paulo: Companhia Editora Nacional, v. 284, 1955.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GOMES, A. S. **Análise de Dados Ecológicos**. Departamento de Biologia Marinha. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2004. 30 p..

GONÇALVES, M. S. T.; REGALADO, L. B. A relação entre o homem e o animal silvestre como uma questão de educação ambiental. **Fórum Ambiental da Alta Paulista**, Revista eletrônica, Vol. III, ano 2007.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

HECKENBERGER, M. J. **Relatório dos Estudos Arqueológicos na Área do Parque Nacional do Jaú**: Levantamento Preliminar. Apresentado à FVA, 1997. 10 p..

HUMM, M. **The dictionary of feminist theory**. Columbus: Ohio State University Press, 1990. 278 p..

JACOBSEN, B. R. **Vozes Vegetarianas na Literatura**. 2008. <http://www.svb.org.br/2congressovegetarianobrasileiro/palestrantes/rafael-ban-jacobsen.html> Acesso em: 20 nov 2010.

KOCH-GRUNBERG, T. **Petróglifos Sul-Americanos**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; São Paulo: Instituto Socioambiental, 2010. 142 p..

LEONARDI, V. P. B. **Os historiadores e os rios: natureza e ruínas na Amazônia Brasileira**. Editora Universidade de Brasília/Paralelo 15, Brasília, 1999.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

LIMA, D.; POZZOBON, J. Amazônia socioambiental. Sustentabilidade ecológica e diversidade social. **Estudos Avançados**, v. 19 (54), 2005.

MARQUES, F.; FISCHER, I. R. **Gênero e exclusão social**. 2001. <http://www.fundaj.gov.br/tpd/113.html>. Acesso em: 17.abr.2011.

MENDES, A. B. V. 2004. **Vidas de parque: uma etnografia sobre os ribeirinhos do Tapiira, no Parque Nacional do Jaú**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, 239 p..

MENEGALDO, L. R. **O etnoconhecimento como parte e instrumento de gestão ambiental dos mamíferos aquáticos no projeto Piatam (Amazônia central)**. Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista em Gestão Ambiental. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus-AM, 2008, 69 p..

MORÁN, E. F. **A ecologia humana das populações da Amazônia**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes Ltda, 1990, 367 p..

MOTTA-MAUÉS, M. A. Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil. **Etnográfica**, v. III (2): 377-399, 1999.

PEREIRA, C. *et al.* Análise da caça nas comunidades da área de atuação do Piatam. In: FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: Edua, 2007.

PEZZUTI, J.; CHAVES, R. P., Etnografia e manejo de recursos naturais pelos índios Deni, Amazonas, Brasil. **Acta Amazônica**, v. 39 (1): 121-138, 2009.

POSEY, D. A. Introdução: Etnobiologia, teoria e prática In: RIBEIRO, D. (ed.). **Suma Etnológica Brasileira**, Petrópolis: Vozes, p. 15-28, 1987.

RANCIARO, M. M. M. A. **Andirá: memórias do cotidiano e representações sociais**. Manaus, Edua, 2004.

REBELO, G.; PEZZUTI, J. Percepções sobre o consumo de quelônios na Amazônia. Sustentabilidade e alternativas ao manejo atual. **Ambiente e Sociedade**, 6/7: 85- 104, 2000.

RIBEIRO, B. **Os Índios das águas pretas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, A. C. Buscando raízes. **Horizontes Antropológicos**, v. 16, p. 131-144, 2001.

RUFFINO, M. L.; MITLEWSKI, B.; ISAAC, V. J.; OLIVEIRA, P. R. S. de. Lago grande de Monte Alegre: uma análise de suas comunidades pesqueiras. In: RECURSOS PESQUEIROS DO MÉDIO AMAZONAS. Abordagem socioeconômica. Monte Alegre, 1999. P.31-110 (**Coleção Meio Ambiente. Série Estudos Pesca**).

RONECKER, J. P. **O simbolismo animal: mitos, crenças, lendas, arquétipos, folclore, imaginário**. São Paulo: Paulus, 1997. 389 p.

SANTOS-FITA, D. ; COSTA-NETO, E. M. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozootologia. **Biotemas**, 20 (4): 99-110, dez 2007.

SCOTT, P. Gênero e Geração em contextos rurais: Algumas considerações. *In*: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Orgs.). **Gênero e Geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010. 480 p.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3 ed. São Paulo: Ucitec, 1994.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para a análise** histórica. Educação e Realidade, V.20(2), 1995.

SILVA, A. L. Animais medicinais: conhecimento e uso entre as populações ribeirinhas do rio Negro, Amazonas, Brasil. **Bol. Mus. Par. Emílio Goeldi**, Belém, v. 3, n. 3, p. 343-357, set.-dez., 2008.

SLATER, C. **Dance of the Dolphin – transformation and disenchantment in the amazonian imagination**. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1994.

SMITH, N. J. H. **A pesca no rio Amazonas. Manaus**: [s. ed.], 1979.

TORRES, I. C.; RODRIGUES, L. M. O trabalho de mulheres no sistema produtivo da várzea amazônica. *In*: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Orgs.). **Gênero e Geração em contextos rurais**. . Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010. 480 p..

TOCATINS, L. **O rio comanda a vida – uma interpretação da Amazônia**. 9 ed. Manaus: Editora Valer/Edições Governo do Estado, 2000. 420 p..

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural: mudança de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WEBER, M. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Trad. Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora UNB, 1991.

WITKOSKI, A. C. **Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.

ANEXO A – LISTA DE NOMES POPULARES E CIENTÍFICOS

Abelha	Ordem Hymenoptera
Abelha jandaíra	<i>Melipona subnitida</i>
Abelha urucu	<i>Melipona scutellaris</i>
Acara disco	<i>Symphysodon</i> sp
Acauã	<i>Herpetotheres cachinnans</i>
Alencór	<i>Anhima carnuta</i>
Anta	<i>Tapirus terrestris</i>
Aranha	Ordem Araneae
Arara	<i>Ara</i> sp
Ariramba	<i>Chloroceryle americana</i>
Ariranha	<i>Pteronura brasiliensis</i>
Arraia	Subclasse Hirudinea
Aruanã	<i>Osteoglossum bicirrhosum</i>
Aves	Classe Aves
Beija flor	Família Trochilidae
Bem te vi	<i>Pitangus sulphuratus</i>
Besouro	Ordem Coleóptera
Bicho do Coco ou Larva do Babaçu	<i>Pachymerus nucleorum</i>
Bodó	Família Loricariidae
Borboleta	Ordem Lepidoptera
Boto-tucuxi ou Tucuxi	<i>Sotalia fluviatilis</i>
Boto-vermelho	<i>Inia geoffrensis</i>
Caba	Ordem Hymenoptera
Caba beiju	Ordem Hymenoptera
Caba de igreja	Ordem Hymenoptera
Caba tapiú	Ordem Hymenoptera
Cabeçudo	<i>Peltocephalus dumerilianus</i>
Caititu	<i>Tayassu tajacu</i>
Camaleão	<i>Iguana iguana</i>
Capitão do mato	<i>Lipaugus vociferans</i>
Capivara	<i>Hydrochoerus hydrochoeris</i>
Caranguejeira	<i>Avicularia metalica</i>
Carapanã	<i>Anopheles</i> sp
Carcará	<i>Polyborus plancus</i>
Cardinal	<i>Paracheirodon axelrodi</i>
Cigana	<i>Opisthocomus hoazin</i>
Cigarra	Ordem Homoptera
Cobra	Subordem Serpentes
Coroca	Classe Aves
Coroca tetel	Classe Aves
Coruja	Ordem Strigiliformes
Cuiú-cuiú	<i>Oxydoras Níger</i>
Cupim	Ordem Isoptera
Curica	<i>Gypopsitta caica</i>
Cutia	<i>Dasyprocta</i> sp

Escorpião	Classe Arachnida
Esquilo	<i>Sciurus sp</i>
Formiga Carieiro (ou quémquém)	<i>Acromyrmex octospinosus</i>
Formiga de fogo	<i>Wasmannia auropunctata</i>
Formiga manivara	Familia Formicidae
Galinha / Galinha do mato	Ordem Galliniformes
Garça	<i>Ardea Alba</i>
Gato maracajá	<i>Felis pardalis</i>
Gavião	Ordem Falconiformes
Gavião real	<i>Harpia harpyja</i>
Guariba	Alouatta guariba
Irapuca	<i>Podocnemis erythrocephala</i>
Jabuti	<i>Geochelone sp</i>
Jacaré	Família Alligatoridae
Jaguatirica	<i>Felis pardalis</i>
Japiim	<i>Cacicus cela</i>
Jaú	<i>Zungaro jahu</i>
Jibóia	<i>Boa constrictor</i>
Kalango	Iguana iguana
Lontra	<i>Lutra longicaudis</i>
Louva-a- Deus	Ordem Mantodea
Macaco aranha	<i>Ateles sp</i>
Macaco prego	<i>Cebus sp</i>
Marreca	<i>Dendrocygna autumnalis/ Anas sp</i>
Maçarico	Família Scolopacidae
Mergulhão	Família Podicipedidae - <i>Podilymbus podiceps</i>
Meruim	Família Ceratopogonidae
Mico-de-cheiro	<i>Saimiri sp</i>
Minhoca	Ordem Haplotaxida
Morcego	Ordem Chiroptera
Mucura	<i>Didelphis sp</i>
Mutuca	Família Tabanidae
Mutum	Família Cracidae
Onça pintada	<i>Panthera onca</i>
Onça vermelha	<i>Felis concolor</i>
Ouriço	<i>Coendou prehensilis</i>
Paca	<i>Agouti paca</i>
Pacu	Subfamília Serrasalminae
Papagaio	<i>Amazona sp</i>
Passarinhos	Ordem Passeriformes
Pato do mato	Ordem Anseriformes - <i>Cairina moschata</i>
Peixe	Classe Peixes
Peixe-boi	<i>Trichechus inunguis</i>
Periquito	Ordem Psittaciformes
Piaçoca	<i>Jacana jacana</i>
Pica pau	Família Picidae
Pipira	<i>Ramphocelus carbo</i>

Piranha	Subfamília Serrasalminae
Piranha preta	<i>Serrasalmus rhombeus</i>
Pirarara	<i>Phractocephalus hemioliopterus</i>
Pirarucu	<i>Arapaima gigas</i>
Pium	<i>Simulium</i> sp
Poraquê	<i>Electrophorus electricus</i>
Preguiça	<i>Bradypus</i> sp
Queixada	<i>Tayassu pecari</i>
Rolinha	<i>Columbina talpacoti</i>
Sangue de boi	<i>Ramphocelus bresilius</i>
Sangue suga	Subclasse Hirudinea
Saúva	<i>Atta</i> sp
Sucuriçu	<i>Eunectes</i> sp
Surucucu	<i>Lachesis muta</i>
Tamanduá bandeira	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>
Tartaruga	<i>Podocnemis expansa</i>
Tatu	Família Dasypodidae
Tracajá	<i>Podocnemis unifilis</i>
Traíra	<i>Hoplias malabaricus</i>
Tucano	<i>Ramphastos toco</i>
Tucunaré	<i>Cichla</i> sp
Urubu	<i>Coragyps atratus</i>
Urubu rei	<i>Sarcoramphus papa</i>
Veado	Família Cervidae

ANEXO B – PLANILHAS DOS ANIMAIS CITADOS PELOS MORADORES NOS GRUPOS FOCAIS

Pergunta 01: Quais os animais que podem ocorrer na terra firme, floresta?

Espécie	MJ1	MJ2	MA1	MA2	HJ1	HJ2	HA1	HA2
Anta	1	1	1	1	1	1	1	1
Aranha	0	1	0	0	0	0	0	0
Arara	1	0	1	0	0	0	0	0
Aves	0	1	0	0	0	0	0	0
Caba	0	1	0	1	1	1	1	1
Cateto	0	0	1	1	0	0	0	1
Capivara	0	1	0	0	1	1	0	0
Formiga carieiro	0	0	1	1	0	0	0	0
Cobra	1	1	1	0	1	1	1	1
Cutia	1	1	1	1	0	0	0	0
Escorpião	1	0	0	0	1	0	0	0
Formiga fogo	1	0	0	0	0	0	0	0
Mutum	1	1	0	0	1	1	1	1
Onça	0	1	1	0	1	1	0	0
Onça vermelha	1	0	0	1	0	0	1	1
Paca	1	1	1	1	1	1	0	1
Passarinhos	0	0	0	1	0	0	0	0
Preguiça	0	0	1	1	1	1	0	0
Queixada	1	1	1	0	1	1	1	1
Formiga saúva	0	0	1	1	0	0	0	0
Tamanduá	0	0	1	0	1	0	0	0
Tatu	1	1	1	1	1	1	1	1
Veado	0	1	0	0	1	1	1	1
Jabuti	0	0	0	0	1	1	0	0
Gavião	0	0	0	0	1	0	1	1
Galina	1	0	0	0	0	1	0	0
Abelha	0	0	0	0	0	0	1	1

Pergunta 02: Quais os animais que podem ocorrer na beira?

Espécie	MJ1	MJ2	MA1	MA2	HJ1	HJ2	HA1	HA2
Carapanã	1	1	1	1	0	0	0	0
Meruim	1	1	0	1	0	0	0	0
Ariramba	1	1	0	0	1	1	1	0
Anta	1	1	1	1	1	0	1	1
Jacaré	1	1	1	1	1	1	1	1
Tartaruga	1	1	1	1	1	0	1	1
Tracajá	1	1	1	1	1	1	1	1
Cobra	1	1	1	1	1	1	1	1
Capivara	1	1	1	1	1	1	1	1
Borboleta	0	1	1	0	1	0	0	0
Irapuca	0	1	0	1	1	1	1	1
Pássaro	0	0	1	1	0	0	1	1
Onça	0	0	1	0	1	0	1	1
Queixada	1	0	0	1	1	1	1	1
Garça	1	0	0	1	1	0	0	0
Alencór	0	0	0	0	1	1	0	0
Urubu	0	0	0	0	1	1	1	1
Cabeçudo	0	0	0	0	1	1	1	1
Caititu	0	0	0	0	0	0	1	1
Abelha	0	0	0	0	0	1	0	0

Paca	0	0	0	0	0	0	1	1
Urubu rei	0	0	0	0	1	1	1	1
Lontra	0	0	1	1	0	1	1	1
Ariranha	0	0	1	1	1	0	1	1

Pergunta 03: Quais os animais que podem ocorrer nas águas?

Espécie	MJ1	MJ2	MA1	MA2	HJ1	HJ2	HA1	HA2
Peixe	1	1	1	1	1	1	1	1
Jacaré	1	1	1	1	1	1	1	1
Boto	1	1	1	1	1	1	1	1
Pirarara	1	1	1	1	1	1	1	1
Cobra	0	1	0	0	1	1	1	1
Tracajá	1	1	1	1	1	1	1	1
Tartaruga	1	1	1	1	1	1	1	1
Irapuca	1	1	1	1	1	1	1	1
Cabeçudo	0	0	1	1	1	0	1	1
Tucuxi	1	1	0	1	1	1	1	1
Pirarucu	1	1	1	1	1	1	1	1
Lontra	0	0	0	1	1	0	1	1
Sucuriçu	1	1	1	0	1	1	0	1
Cuiu	1	1	1	0	1	1	1	1
Pacu	1	0	1	1	1	1	0	1
Tucunaré	1	1	1	1	1	1	1	1
Peixe boi	0	0	1	1	1	1	1	1
Pato	1	1	0	1	1	0	1	1
Piranha	0	1	0	0	1	0	1	1
Puraque	1	1	0	0	0	1	1	1
Sangue suga	0	0	1	0	1	1	1	1
Arraia	0	1	0	0	1	1	1	1
Piranha preta	0	0	0	0	1	0	1	1
Capivara	0	0	1	0	1	1	1	1
Paca	0	0	0	0	1	0	1	1
Jibóia	1	0	0	0	1	1	0	1
Mergulhão	1	1	1	1	1	1	1	1
Onça pintada	0	0	1	1	1	1	1	1
Surucucu	1	1	0	0	1	1	1	1

Pergunta 04: Quais os animais que podem ser encontrados debaixo da terra?

Espécie	MJ1	MJ2	MA1	MA2	HJ1	HJ2	HA1	HA2
Tatu	1	1	0	0	1	1	0	1
Formiga	1	1	1	1	1	0	1	1
Cupim	0	1	0	1	1	1	1	1
Kalango	0	0	1	1	1	1	1	0
Minhoca	1	1	1	1	0	0	0	1
Formiga saúva	0	1	0	0	1	1	1	1
Ariranha	1	1	1	1	1	1	1	1

Pergunta 05: Quais os animais que vivem em cima das árvores?

Espécie	MJ1	MJ2	MA1	MA2	HJ1	HJ2	HA1	HA2
Gavião real	1	1	1	1	1	1	1	1
Besouro	0	0	0	0	1	0	1	1
Preguiça	1	1	1	1	1	1	1	1
Tucano	1	1	1	1	1	1	1	1

Abelha jandaíra	0	0	0	0	0	0	1	1
Macaco aranha	0	0	0	0	0	0	1	1
Cigana	1	1	1	0	1	1	1	0
Papagaio	1	1	1	1	1	1	1	1
Caba tapiu	0	0	0	0	1	1	1	1
Curica	1	1	1	1	1	1	1	1
Carcará	0	0	0	0	0	1	1	1
Japiim	1	1	1	1	1	1	1	1
Sangue de boi	0	0	0	0	0	0	1	0
Aranha caranguej.	0	0	0	0	1	1	1	1
Bem-te-vi	1	1	1	1	0	0	0	0
Acauã	0	0	0	0	1	1	1	1
Urubu	1	1	1	1	1	1	1	1
Caba beiju	1	0	0	0	1	1	1	1
Camaleão	0	0	0	0	1	1	1	1
Capitão do mato	0	0	0	0	0	0	1	1
Caba	1	1	1	1	1	1	0	0
Esquilo	0	0	0	0	0	0	0	1
Arara	1	1	1	1	0	1	1	1
Caba de igreja	0	0	0	0	1	1	1	1
Formiga	1	1	1	1	0	1	1	1
Ariramba	1	1	1	1	1	1	1	1
Louva-a-Deus	0	0	0	0	1	1	1	0
Macaco prego	1	1	1	1	1	1	1	1
Cupim	1	1	0	1	0	0	0	0
Periquito	0	1	1	1	0	0	0	0
Guariba	1	1	1	1	1	1	1	1
Caba	1	1	0	0	1	1	1	1
Cigarra	0	0	1	1	0	1	1	1
Ouriço caxeiro	0	0	0	0	1	1	1	1
Mico de cheiro	0	0	0	1	1	1	1	1
Pica-pau	0	1	0	0	1	1	0	0
Mucura	0	0	0	0	0	0	0	1

Pergunta 06: Quais os animais que voam?

Espécie	MJ1	MJ2	MA1	MA2	HJ1	HJ2	HA1	HA2
Arara	1	1	1	1	1	1	1	1
Tucano	0	0	0	0	0	0	1	1
Gavião real	1	1	1	1	1	1	1	1
Abelha jandaíra	1	1	0	1	1	1	1	1
Urubu rei	0	0	0	0	0	0	1	1
Carapanã	1	1	1	1	0	1	1	1
Coruja	0	0	0	0	0	1	1	1
Mutuca	1	1	1	1	1	1	1	1
Alencór	0	0	0	0	0	0	0	1
Pium	1	0	1	1	1	1	0	1
Cigarra	0	0	0	0	0	0	0	1
Papagaio	1	1	1	1	1	1	1	1
Borboleta	0	0	1	1	1	1	1	1
Periquito	1	1	1	1	1	1	1	1
Coruja	1	1	1	1	1	1	1	1
Rouxinol	0	1	1	0	1	1	1	1
Caba de igreja	0	0	0	0	1	0	1	1
Pipira	1	1	1	1	1	1	1	1
Abelha uruçú	0	0	0	0	0	1	1	1
Ariramba	1	1	1	1	1	1	0	1

Carcará	0	0	0	0	1	0	1	1
Rolinha	1	1	1	1	1	1	1	0
Bem-te-vi	1	0	1	1	1	1	1	1
Pica pau	0	0	0	0	1	1	1	1
Beija flor	1	1	1	1	1	0	1	1
Caba	0	0	0	0	1	1	1	1
Urubu	1	0	1	1	1	1	1	1
Morcego	0	0	0	0	0	0	1	0
Garça	1	1	1	0	1	1	1	1
Piaçoca	0	1	1	1	1	1	1	1
Cigana	0	0	0	0	0	0	1	1
Coroca	1	1	1	0	1	1	0	1
Gaivota	1	1	1	1	1	1	1	0
Pato do mato	0	0	0	1	1	1	1	1
Marreco	0	0	1	1	1	1	1	1
Curica	0	0	1	0	1	1	1	1
Japiim	1	0	0	0	1	1	1	1

Pergunta 07: Quais os animais que podem ser encontrados na vazante/seca?

Espécie	MJ1	MJ2	MA1	MA2	HJ1	HJ2	HA1	HA2
Tracajá	1	1	1	1	1	1	1	1
Tucuxi	0	0	1	1	0	0	1	1
Irapuca	1	1	1	1	1	1	1	1
Tucunaré	1	0	0	1	1	1	0	1
Tartaruga	1	1	1	1	1	1	1	1
Urubu	0	0	0	0	0	1	0	1
Jaú	1	1	1	1	1	1	0	1
Acará disco	1	1	1	1	1	1	1	1
Cardinal	1	1	1	1	1	1	1	1
Onça	0	0	1	0	0	0	1	0
Curica	0	0	0	0	0	0	1	0
Cabeçudo	1	1	1	1	1	0	1	1
Bodó	1	1	1	1	0	1	1	1
Boto	0	0	0	0	1	0	0	1
Tamuatá	1	1	1	1	1	1	1	1
Peixe boi	1	1	1	0	1	1	1	1
Pirarucu	0	0	1	1	1	1	1	1
Jacaré	1	0	1	1	1	1	1	1
Aruanã	1	1	1	0	1	1	1	1
Piranha preta	0	1	0	0	1	1	1	1
Pirarara	0	0	0	0	0	1	1	1

Pergunta 08: Quais os animais que podem ser encontrados na enchente/cheia?

Espécie	MJ1	MJ2	MA1	MA2	HJ1	HJ2	HA1	HA2
Garça	0	0	0	0	0	0	1	1
Paca	1	1	1	1	1	1	1	0
Onça preta	0	0	1	1	1	1	1	1
Marreco	0	0	0	0	1	1	1	1
Tatu	1	1	1	0	1	1	0	1
Alencór	0	0	0	0	1	1	1	1
Anta	1	1	1	1	0	1	1	1
Tatu bola	0	1	1	1	1	1	1	1
Queixada	1	0	1	1	1	1	1	1
Cateto	1	1	0	1	1	1	1	1
Capivara	0	0	0	0	1	1	1	1

Macaco cheiro	1	1	1	1	1	1	1	1
M. Pregó	1	0	1	0	1	1	1	1
Guariba	1	1	1	1	1	1	1	1
Piaçoca	0	0	0	0	1	1	1	1
Gato maracajá	1	1	1	1	0	1	1	1
Mutum	0	0	0	0	0	0	1	1
Jaguaririca	1	1	1	1	1	0	1	1
Veado	1	1	1	1	1	1	0	1
Onça vermelha	0	0	1	1	0	1	1	0
Onça pintada	0	0	1	1	1	1	1	1
Pato do mato	0	0	0	0	1	1	1	1

APROVEITAMENTO DA CARNE DO JACARÉ

Observando o malbaratamento da matéria prima que deveria ser objeto de industrialização e conseqüente enriquecimento do Estado, a Associação Comercial do Amazonas pediu as vistas da Interventoria Federal para o problema do aproveitamento da carne do jacaré, abatido em numero elevado, para a venda de seu couro, altamente cotado. E do seguinte teor a peça em apreço:

Of/N. 326 – 44 – Manaus, 27 de Junho de 1944 – Ex. Sr. Dr. Alvaro Botelho Maia, Interventor Federal do Estado – “Palário Rio Negro” – Avenida 7 de setembro – Nesta.

Exmo. Sr. – A Amazônia ainda não transpôs a fase da economia destrutiva, responsável por desperdício de riquezas e devastamento de reservas, do reino animal e vegetal e que, no futuro, em conseqüência do empobrecimento daí resultante, muito haveremos de lamentar. O governo vem empregando todos os esforços em favor da aplicação de métodos racionais da nossa indústria extrativa, porém tais medidas se anulam, irremediavelmente, ante a expressão geográfica em confronto com os nossos escassos coeficientes demográfico. Nada obstante, impõem-se continuamente, as instruções sobre esses processos, a tentativa de orientação técnica com o objetivo, embora de êxito remoto, de educar a nossa gente no sentido de melhor aproveitar aquilo que a natureza nos oferece.

A Associação Comercial do Amazonas não se propõe aqui a enumerar casos, todos, na generalidade, do conhecimento da Interventoria, que está perfeitamente a par dos múltiplos ângulos de nossa vida. No entanto, cumprenos, dentro do programa construtivo e da íntima colaboração com o governo, expor a V. Ex.^a o que vem ocorrendo nos últimos anos sobre o aproveitamento do jacaré, espécie que é abundante em toda a região amazônica.

Há um decênio, seguramente, foi iniciada a caça desse animal, até então tido como perigoso inimigo das nossas populações rurais, pelas vidas humanas que sacrificava e pelos danos praticados a seus rebanhos. Tratava-se de servir, principalmente, a indústria manufatora de calçados, cintos, bolsas e outros artigos de luxo.

O alto preço do couro desse sáurio, que logrou na praça de Manaus, em 1943, a cotação máxima de Cr\$ 55,00 o quilo e ainda hoje obtém o preço de Cr\$ 45,00, determinou a sua caça sistemática.

As considerações presentes surgem em vista de um ofício do Dr. Mário De Larmo Cantição, Delegado Federal de Saúde da 2.^a Região, que, informando-nos das qualidades nutritivas da carne do jacaré, nos solicitou dados sobre a extensão do respectivo aproveitamento. Ao exame do assunto, baseado na estatística, chegamos a conclusão de que, numa época em que o problema da alimentação do povo é uma das maiores preocupações dos governos, vem se abandonando na sua quase totalidade, a carne do jacaré que é caçado exclusivamente com o objetivo do comércio lucrativo do couro.

Indagações levadas a efeito por esse Instituto, dão-nos a certeza de que a carne do jacaré já foi objeto de exportação para praças do sul, tendo sido, em 1938, vendida em apreciável quantidade, para os Estados da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, com regular aceitação por parte do público. O Departamento Estadual de Estatística, ofereceu-nos também uma ficha, onde, sob o título de “Exportação geral da carne do jacaré”, vemos, no período de 1941-1942, os Estados do Pará, Ceara e Bahia como compradores desse. Atualmente, a carne de jacaré que se aproveita, aliás, em limitadíssima percentagem, é de procedência do rio Solimões e tem sido exportada para Belém, em fardos de 30 quilos, alcançando ali a cotação de Cr\$ 1,50 a Cr\$ 2,00. Para que V. Ex.^a aprecie o que representa a indústria do couro do jacaré, transcrevemos aqui as parcelas indicadoras do seu valor comercial, no quinquênio 1938-1942: Total de Cr\$ 4. 477.001,10. Isso permite-nos fazer um cálculo da quantidade de jacaré que tem sido caçado e, conseqüentemente uma estimativa da carne que tem sido inutilizado com o abandono.

Juntamente com o carne é também desperdiçado o óleo, que não tem sido objeto de industrialização. Temos notícia, através do livro “Na Vanguarda da Retaguarda”, da autoria de V. Ex.^a, que, no município de Tefé, vem se adicionando o óleo de jacaré ao combustol, numa proporção de 50% daquele e 30% deste, como sucedâneo da gasolina.

A verdade é que, à sombra da indústria do couro do jacaré, poderia ser organizada a indústria do beneficiamento da sua carne para consumo local e exportação. Vela o presente relatório para que o governo de V. Ex.^a, tomando conhecimento desse problema, julgue da oportunidade de considerá-lo. Seria uma providência aconselhável, salvo melhor juízo de V. Ex.^a, que a Interventoria pedisse instruções no sentido da carne de jacaré ser colocada na mesma posição da do pirarucu, sob os diversos pontos de vista da economia deste produto.

Também, uma providencia indicada seria recomendar aos Prefeitos Municipais ou aos delegados e inspetores da policia do interior, que determinem aos caçadores de jacaré, o aproveitamento da carne dos sáurios, através do mesmo processo adotado para o pirarucu. Por uma solicitação deste Instituto, nos seus trabalhos relacionados com o assunto em apreço, enviou-nos o Sr. Nunes Pereira, técnico de caça e pesca do Ministério da Agricultura e um dos conhecedores dos problemas regionais, substancial exposição onde é estudada a questão do consumo da carne do jacaré e do peixe-boi, peça que anexamos ao presente, para seu conhecimento e apreciação, bem como mapas estatísticos a cujos dados aludimos.

Sem outro objetivo, subscrevemo-nos

Cordialmente – Assoc. Com. do Amazonas – Waldemar Pinheiro de Souza, Presidente. – Aristóteles Bonfim, 1º Secretário.

A Interventoria Federal oficiou ao nosso Instituto agradecendo essa colaboração, que seria objeto de estudo de parte de órgãos técnicos do governo estadual.

